This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

DP
525
.C67
v.1

BUHR A

a39015 01815262 2b

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
ARTES · SCIENTIA · VERITAS
1817
LIBRARIES

PASSEIOS NA PROVINCIA

EDUARDO COELHO

PASSEIOS NA PROVINCIA

I

DE LISBOA A VIZEU — ATÉ COVILHÃ
Á MARINHA GRANDE

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL
Rua dos Calafates, 110

1873

DP
525
.C67

v.1

11811 - 170

DE LISBOA A VIZEU

I

Cavaco prévio. No comboio. Santa Comba Dão. A estalagem. O Carregal do Sal em contacto com a Europa e America. O foguete. A bacia entre o Dão e o Mondego. Commercio e riqueza agricola. A lenda de D. Branca. O diabo e os politicos.

Não descrevo com a erudição de Thomaz Cook um passeio em volta do mundo, nem com a graça de Xavier de Maistre a viagem á roda do meu quarto ou com as opulencias de estylo de Taine uma ida aos Pyreneos. Jornadeio na minha terra como simples burguez, que sou, sem aspirar á posteridade, nem á fama, para cujo templo aliás vejo irem peregrinando por facil caminho muitos contemporaneos, a quem não faço concorrencia. Oxalá que haja logar para tantos. Eu acho prudente ficar no topo de áquem da estrada luminosa a vel-os, a admiral-os, e a fazer o registro das suas glorias. Escolhi o mister mais humilde e menos pretencioso. Tem-me isso custado, é certo, algumas villanias, mas, como a responsabilidade d'ellas me não cabe, vou-as deixando cair nos antros da historia... e do esquecimento. *Re-*

quiescat in pace. Como, entretanto, é preciso gastar o tempo n'alguma cousa vou para aqui escrevendo estes dislates, esperando que a critica justiceira os ajunte um dia a muitos outros com que diversos patricios meus teem opulentado a bagagem litteraria d'este seculo original.

Foi pelo interior da Beira Alta a minha primeira excursão, por uns sitios na maxima parte só fallados em tempos de revolução ou de eleições, pouco frequentados pelos *touristes*, e pouco tratados nas revistas litterarias, e nos romances, embora povoados de assumptos.

Parti de Lisboa nas entre-vesperas do S. João, em companhia da parte mais intima da minha familia, formando uma caravana tão completa em seus accessorios, que não nos escapou o farnel, nem a cabaça da agua, nem o cobertor.

Dirigimo-nos no comboio do correio á Mealhada, onde pessoa de amisade nos esperava, e d'ahi n'uma das bem montadas diligencias da companhia Visiense ao Carregal do Sal.

Para que hei de eu estar a inventar episodios? Este trajecto não teve nenhum. Hão de achar-me mais franco do que Swift, e mais verdadeiro que o Fernão Mendes. No wagon conversou-se e bocejou-se. Uma carruagem de terceira classe dá scenas galantes, conversas de comica ingenuidade, e acções de um cunho primitivo; mas qual é o ol-

fato, embora tolerante, que supporta a anarchia atmospherica de uma carruagem d'essas em noites de verão? Na segunda classe encontram-se ordinariamente os moços irrequietos e verbosos, os mysteriosos amantes, os velhos aborrecidos, e os burguezes indelicados, o que fórma um conjunto pouco commodo para quem viaja com familia. Na primeira não se deparam as distracções das outras duas; vae-se mais commodamente, mas semsaborisa-se a gente mais depressa, e dá-nos batalha o somno.

Era madrugada quando nos apeámos na estação da Mealhada. A florescente villa estava envolvida em nevoas. Áquem da estação quanto nos cercava offerecia um aspecto cahotico, confuso. Entrámos na diligencia, onde ficámos mais apertados que o deviam estar na Arca salvadora nos dias tremendos do diluvio a mulher e os filhos de Noé, com os quatorze machos e femeas de cada especie de animaes.

Logo que nos certificámos de que era manso o gado, bom o caminho, habil o cocheiro, e que não corriamos outro perigo que não fosse o de cair accidentalmente, e partir a cabeça, dormitámos.

Densa nebrina encobriu os campos, e os montes até cerca das dez horas da manhã, e o vulto venerando do Bussaco, esse sympathico cenobita que está disputando a Cintra os excursionistas, apparecia-nos, mysterioso e indistincto, como se figura á

nossa alma a imagem do Immenso nas escuridões do cabos. Através d'esses véus pardacentos a vista descobria aqui e ali os contornos de algumas arvores e arbustos. Via-se que havia o que quer que fosse de cultura. De Luso por diante começámos a atravessar grandes pedaços de Charneca até aos campos de Mortagua e Cortegaça, onde se descobria um vasto lençol de verdura por sobre o terreno, bastante monticulado, entre o qual correm dois frescos ribeiros.

A's 10 e ½ da manhã o sol rasgava a cerração, e surgia ovante no horisonte, derramando o calor e a vida por valles e collinas. Á nevoa substituiu-se a poeira. Não eram menos densos os turbilhões d'ella que se erguiam debaixo das rodas do trem. Era um *Memento* desnecessario a quem se sentia sufficientemente abatido, e confessava, açulapado no fundo da canastra em que era transportado, o nada da natureza humana.

A's 11 horas chegavamos a Santa Comba Dão. Tivemos uma paragem de meia hora para almoçar. Ha ali uma estalagem dirigida por uma mulher energica, obsequiadora e civilisada, porque a estalagem é ainda a academia das villas e aldeias, e aonde o viajante encontra todos os dias e a toda a hora saboroso peixe do rio Dão, frito, e frango guisado. A mesa é servida de ordinario pelas filhas da dona da casa, duas ingenuas de provincia, que

na sua singeleza e seriedade impõem respeito aos mais audaciosos.

A villa de Santa Comba, cabeça de concelho e comarca, é das mais antigas da monarchia, julgando-se que a denominação lhe vem de ter sido patria de alguma das muitas santas d'esse nome de que nos falla o martyrologio. Encontrámos memoria de cinco, todas portuguezas e todas martyres. De nenhuma consta que vivesse nas margens do Dão, mas a mais celebrada, filha de pae gentilico, e tendo-se convertido ao christianismo, foi por essa rasão crucificada n'uma oliveira nos campos de Coimbra, e é por ali muito venerada. Talvez que a essa consagrassem os christãos a villa de Santa Comba, ou porque a santa ali fôra amamentada, ou ali se refugiasse. Está a villa assente n'um monte, passando-lhe ao norte o rio Criz e ao sul o Dão, que, deslisando mansamente por entre penhascos, a refresca com suas aguas, e a encanta com suas margens pittorescas. Quando o exercito francez, commandado por Massena, corria a receber na encosta do Bussaco a derrota que mais offendeu o orgulho do conquistador da Europa Moderna, foi cortada uma ponte que em frente da villa atravessa o rio, sendo depois reconstruida pelo governo de João VI, do que lá está memoria gravada n'uma lapida, que lemos de passagem.

A casa mais notavel de Santa Comba é a do ba-

rão d'esse titulo. O seu fundador fez certo ruido na politica, e tomou parte nas legiões portuguezas, que se ergueram, e armaram para castigar a audacia dos invasores de 1808.

Tem a villa uma escola do conde de Ferreira, pouco frequentada. Foi outr'ora centro de bastante movimento, mas hoje outras povoações lhe disputam a importancia.

Saímos de Santa Comba ás 11 e ½. O sol illuminava vastos estendaes de verdura que d'ali por diante cobrem montes e valles. Ha vida por esses campos. Estavamos no celleiro da Beira. Nas povoações vêem-se rostos de tez queimada pelas ardencias do astro do dia, mas não apparece o gesto afflictivo da miseria, nem a contracção muscular e o descarnamento da fome. Só pedem esmola os aleijados, os cegos ou os invalidos, e esses mesmos com o bornal cheio de brôa. Tudo o mais trabalha, e come pão grosso, mas farto.

Chegámos ao Carregal do Sal á uma hora da tarde. Era domingo e vespera de S. João. Inaugurava-se a estação telegraphica. Estavam reunidos muito povo, as pessoas mais influentes e importantes da terra, o administrador do concelho e o director d'aquella circumscripção telegraphica. A philarmonica de Santa Comba tocava diversas peças musicaes. Por um acto de graciosa deferencia, a festa fôra adiada até áquella hora. Fui convidado

para me associar a ella. A população celebrou-a com foguetes.

O festivo foguete, tão serviçal e tão calumniado, ha de ser ainda por muitos annos a mais genuina manifestação do jubilo popular. Companheiro das solemnidades publicas, das romarias e procissões, nuncio das boas novas e das boas vindas, a politica abusa da sua ingenuidade associando-o ás revoluções e ás victorias eleitoraes, porque elle é o mais bulhento pregoeiro da alegria nacional. Têem-se improvisado muitas glorias politicas a bumbo e foguetes. Os boletins partidarios abundam em phrases d'estas:

— O enthusiasmo do povo á chegada do sr. deputado F. era geral. Subiram ao ar tres girandolas de foguetes! (Préviamente encommendados por elle.)

— A noticia da quéda do gabinete foi recebida com girandolas de foguetes. (Deitados por um candidato das futuras eleições.)

— O sr. ministro foi na sua passagem victoriado por girandolas de foguetes. (Mandados comprar pelo administrador do concelho.)

O talentoso bispo do Algarve, D. Antonio Ayres de Gouveia, dizia-me no regresso a Coimbra, em tom benevolamente gracejador, a respeito d'esta estação telegraphica:

— Está o Carregal do Sal em communicação directa com a Europa e a America.

Está. Saiba o mundo que existe o Carregal do Sal e inscrevam-n'o os geographos nas suas cartas, porque inscrevem um dos pontos mais formosos e uberrimos da Beira Alta, o ponto sobre cujo eixo gira um importante movimento agricola e valioso commercio de vinhos, aguardentes e cereaes, e á volta do qual se agrupam numerosos povos, taes como Ferreirós, Tenda, Cabanas, Lapa, Oliveira do Conde, Fiaes, Papisios, S. João de Areias, Parada, a Guarita, patria de José da Silva Carvalho e de Antonio de Serpa, e onde a familia d'este appellido tem uma propriedade notavel, Castellejo, Trexedo, Ovoa, Nellas, Cannas, a sinistra Midões, Tábua e ao longe a historica Bobadella, etc.

Está no centro da vasta zona de mais de 50 kilometros quadrados que fórma a grande bacia entre Santa Comba e S. Pedro do Sul, tendo de um lado a magestosa cordilheira, conhecida pelo nome generico de Serra da Estrella, e do outro a Serra do Caramulo. Áquem d'essas duas serranias correm por entre montes, ora escalvados e mattosos, ora vestidos de verdura, o Mondego e o Dão, os quaes recebem em tributo a deliciosa agua de cem nascentes que brotam n'esse centro, e que são outras tantas cornucopias da abundancia opulentando aquella região.

Essa bacia é cortada ao centro pela estrada da Foz Dão a Mangualde, e aos lados pela da Mealha-

da a Vizeu e de Coimbra a Celorico, incompletas em partes, mas optimas estradas.

É dos mais ricos pedaços de terra portugueza, apto para todas as culturas.

Essa região é geralmente granitica e chistosa. A composição orographica do solo, que é muito accidentado e cheio de prégas e relevos, salpicado por tanto de monticulos, valles e valeiros, offerece os mais agradaveis aspectos, varios matizes, cambiantes surprehendentes.

Nas vertentes dos rios floresce opulentissimo vinhedo. Nas planicies e nas encostas dos montes vê-se, a par da vinha, a seara de milho, de centeio e de cevada, e ainda de trigo, o olival e o pinheiro manso e bravo, conforme o solo é apto para uma ou outra cultura, bosques de carvalhos e castanheiros vigorosos, e disseminadas aqui e alli ao redor das povoações toda a especie de arvores fructiferas — a amoreira, a nogueira, a laranjeiras a cereijeira, etc.

A villa do Carregal tem de extenção um kilometro. Todas as casas são de pedra granitica, de aspecto severo e sombrio. A séde da freguezia é Currellos. Era senhor d'ella, no seculo passado, o conde de Villa Nova de Portimão, que tinha o direito de apresentação do vigario da egreja parochial de Santa Maria. Possue algumas propriedades urbanas, boas, uma excellente pharmacia, escola do

conde de Ferreira, bonito chafariz, attrahentes passeios e pensava-se na edificação dos paços do concelho e de um theatro.

O governo devia conceder-lhe uma mestra de meninas [1] para educar futuras mães, a fim de que o povo do porvir possa ser levantado á altura da sua dignidade moral e politica, e vae dar-lhe correio diario para facilitar o seu importante commercio, que enche a estrada quatidianamente de carros transportando generos, e principalmente vinhos, que se fabricam ali de apreciaveis qualidades: macios, doces, e aromaticos, confundindo-se alguns com os da região vinhateira do Douro, havendo uma especie que compete com o Madeira mais fino, e outras não inferiores aos celebrados vinhos do Rheno.

Em Currellos ha um castello de fórma quadrangular, e de janellas ogivaes, pertencente hoje ao sr. Costa Magalhães e conhecido pela designação de *Castello de D. Branca.* O povo associa-lhe uma lenda romanesca, que me foi assim contada por uma velha do Carregal, estando eu sentado á farta sombra de uma carvalha secular, que tem de circumferencia na base cerca de 8^{m}, e ao pé da qual brotam duas nascentes de agua fresquissima:

[1] Foi-lhe concedida pouco depois da publicação d'esta descripção em folhetins.

— « Saberá vossa senhoria, sr. doutor.... (esta é a formula usada pelos camponezes do sitio com relação aos individuos de trajar cidadão) que aquelle é o castello de D. Branca de Vianna, a qual teve dois filhos de um só parto, e por não acreditar que podessem ser de um pae só, mandou que lhe matassem o segundo nascido, e lhe trouxessem a lingua d'elle, e é *porque* lhe trouxeram a d'um cão; e foi o caso assim: O pagem que ia para matar o menino encontrou-se na margem do Mondego com o marido de D. Branca e o fidalgo é que inventou que trouxessem a D. Branca a lingua do cão, e mandou em segredo guardar o menino em casa de um moleiro, e trazia-o vestido sempre tal e qual como andava o outro irmão. Pela festa do Espirito Santo veiu o menino á romaria, e o fidalgo saiu com D. Branca e o outro filho, e disse á mulher:

— «Aqui está um menino que se parece com o nosso, e que era digno de estar ao pé d'elle, porque se não é nosso filho, merece sel-o.»

E levou-o para casa e assentou-o á sua mesa.

D. Branca conheceu que o fidalgo sabia tudo, e atirou-se n'essa noite da janella do castello. D'ali por diante andava ás noites um phantasma passeiando de trem por essas estradas, com grande acompanhamento, e ia dizendo:

— «Aqui vae D. Branca de Vianna acompanha-

da por quantos diabos ha no inferno! » Até dizem que andava entre elles o diabo coxo. »

Thomaz Ribeiro, com quem fui almoçar na sua linda vivenda de Parada de Gonta, conhecia a lenda com outra variante, e é que: — Ás noites se via e ouvia o phantasma de D. Branca andar a gemer na margem do Mondego, no sitio em que mandara matar o menino, acompanhando-o um grande cão, que dizem que era o demo em pessoa, mas sob a fórma canina, que, pelos modos, o tal cão tinhoso era quem por aquelles tempos substituia na multiplicidade das caras e das fórmas alguns politicos dos nossos dias que se encarregaram de o imitar n'esse ponto, e mais ao Protheo da mythologia grega, pregoando com cynico descaro a coherencia das suas opiniões, e a firmeza dos seus principios!

II

Noite de S. João. A visita dos rebanhos. Castellejo. Descida ao Dão. Historia sinistra. O voto... popular. O mealheiro dos Paes, de Mangualde. Levo-o de graça, se me faz favor. Uma visita a Vizeu. Historia da cidade. Milagres do trabalho. Conclusões.

Tambem o salgueiro e o chorão florescem á margem dos ribeiros que as nascentes formam, e os

rouxinoes cantam em desafio, e os melros esvoaçam na espessura, e a brisa geme brandas melodias por entre a folhagem.

Á noite é bello o espectaculo dos campos, quando o luar os illumina. O astro da melancolia pratea as aguas, e inunda de alva claridade as ramarias, dando-lhes aspecto suave e scismador. Disseram-me as velhas que na noite e dia de S. João a lua e o sol vinham bailando. Eu fui ver nascer a lua. Não posso affirmar que ella bailasse, porque me não deixaram percebel-o os numerosos ranchos de raparigas que ao redor de mim dançavam, e cantavam phreneticamente dirigindo-se a S. João de Albergaria, uma ermidinha entre massiços de verdura, e entoando em côro bem afinado variadissimas cantigas, n'umas toadas muito originaes, cheias de ternura e melodia, e ornadas de floreios a capricho das cantadeiras. Eram mais de 100 ranchos com cerca de 1:500 pessoas. Alguns voltavam de sachar o milho. As raparigas vestiam as suas galas que o luar illuminava. A estrada era semeada de arvoredo. Ao longe viam-se aqui e ali arder fogueiras. De vez em quando sentia-se o estalar dos foguetes. Os ultimos lençoes de neve que cobriam os pincaros do Herminio reverberavam ao clarão da lua. E os córos cantavam:

«Agora p'lo S. João
É que é o tomar amores
Que inda o trigo está em rama,
E o maio tem suas flôres.»

Ouvi tambem outras modas sem ser as do S. João. Um rancho cantava o *Noivado do Sepulchro*, de Soares de Passos com muita correcção. Outro entoava: *As flores d'alma*, de Thomaz Ribeiro. Estes não eram de camponezas. Eram de gentis villãs. Mas não é raro escutar d'isto nos campos do Mondego e do Dão. Uma nuvem escondeu por instantes a lua, e os namorados aproveitaram o ensejo para dizer em phrase ardente e de labios tremulos algum segredo de amor. Cada rancho entrava na ermida a fazer oração, e dava tres voltas á roda do templosinho, sempre cantando. Acompanhei a romaria. A noite estava fresca. Depois descançaram muitos ali por entre as arvores, soltando gorgeios apaixonados como as aves na espessura.

De dia foi a mesma cousa, accrescendo a visita dos rebanhos. Todos os pastores d'aquellas cercanias levaram as suas ovelhas a receber a benção do Santo, para que o quebranto lhes não dê, andando tres vezes ao redor do templo. Em cada rebanho sobresaía, de barbas compridas, e caminhando com ar magestoso, o patriarcha da tribu, o chefe

da familia, o bode, com seu comprido chocalho, cabello entrançado pelos cuidados da zagala, e pontas enfeitadas de fitas de côres. Alguns levavam um ramo de flôres entre a cornadura, outros, bonecos empunhando bandeiras.

Dizem que em S. João d'Areias, formosa villa, séde de um importante concelho, é muito mais concorrida a romaria, e ha festa ruidosa, e cheia de esplendores ao santo precursor, sendo opulentada por dadivas de proprietarios ricos do concelho. Pesou-me não ir lá, mas destinára o dia de S. João para visitar diversas povoações ao redor do Carregal, e principalmente Castellejo, logar pobre, rude, mas formoso, onde nascera a companheira da minha vida.

Tinha certa originalidade a caravana. N'um carro, puchado a bois, toldado e enfeitado de ramagens, iam sentadas seis senhoras, e duas crianças. A cada lado, em burros, dois dos nossos benignos hospedeiros, proprietarios da localidade. Adiante em duas bonitas eguas, mais duas senhoras, que eu acompanhava a cavallo. Jornadeia-se assim por aquelles sitios. Nos trages nada ha a notar de exotico. A estrada era ladeada de arvoredo. Castellejo (pequeno castello) o seu nome o está dizendo, foi assim chamado por haver n'elle existido uma pequena fortaleza, de que ainda lá ha indecisos vestigios no outeiro junto ao rio. Era talvez algum dos

muitos *castros* com que Roma fortificou toda essa região, e que eram considerados outros tantos escudos a defendel-a. O logar fica, por assim dizer, no seio de um bosque. São pequenas e negras quasi todas as suas casas, mas quasi todos os moradores teem casa sua. Quatro pedritas empilhadas, duas telhas em cima, e uns sarrafos de pinho a servirem de porta, está formado o ninho da familia. Ha, por excepção, duas ou tres casas rebocadas, e caiadas.

Depois de percorrer campos opulentos, bosques cerrados, densos pinhaes, beber a agua leve e subtil de diversas fontes, filtrada através de terreno excellente, e de rochas, e tendo regalado a vista n'um panorama variadissimo, descemos ás vertentes do Dão, a cavallo, por entre penhascos, em frente de Tre xedo. Das penedias elevam ao ar as copas centenas de pinheiros. Da encosta descem ao valle viçosas vinhas. No valle andavam as pastoras deixando pascer os seus rebanhos. Áquem do rio ranchos de raparigas em alegres descantes sachavam o milho nas insuas da margem. Tive de apeiar-me na descida para passar por entre um cannavial cerrado, e deixar o cavallo beber n'um veio de agua que deslisava por eriçadas penhas.

No dia immediato proseguiamos a nossa visita ás povoações limitrophes, que apresentam aspecto variado, mas indole egual. O povo em geral é bom,

mas vive pobre e inervado pela ignorancia. Professa terror supersticioso pela entidade governo, e desconhece inteiramente os seus direitos civis e politicos. Vive entregue ao trabalho, e d'elle tira a subsistencia. A industria dominante é a lavoura.

Visitámos alguns dos logares que foram theatro das funestas proesas dos Brandões, corações de ferro, almas de fogo, que se fossem dirigidos para o bem e postos ao serviço da causa da razão e da justiça, tão uteis poderiam ter sido á sociedade.

Ainda por ali estão ineditos, sem que a justiça social d'elles tomasse nota, tanto é certo que a justiça está longe de cumprir cabalmente o seu augusto mandato, alguns episodios horriveis da triste epopeia d'essa familia temida, que durante tantos annos teve o imperio absoluto d'aquelles povos.

Quando eu ia para Mangualde e Vizeu, em companhia do meu amigo Costa Magalhães, apontaram-me uma casa á beira da estrada, onde certa noite se passou alguma cousa similhante ao lugubre banquete da *Lucrecia Borgia*.

Dava-se uma lauta ceia. Tinham sido para ella convidados dois individuos que deviam de ser sacrificados ao bacamarte dos desvairados. A sala estava cheia de convivas. Começava a orgia e ouvia-se cá fóra confusa algazarra. Chegaram os dois convidados. Um demorou-se em baixo a conversar com o dono da casa. O outro subiu ao balcão de

entrada. Chegado ahi ouviram-se dois tiros e o malaventurado caiu por terra cadaver! Sobre o que ficára em baixo dispararam-se outros dois tiros, que, felizmente, não o feriram:

— Não vale o gracejo de nos vir deitar morteiros á porta, disse, assomando ao limiar d'ella, um dos convivas do banquete.

— São morteiros que teem o effeito de bombardas, meus senhores, tornou animosamente, e com a inergia que as grandes situações ás vezes inspiram, o que escapára d'aquella vez ao furor dos assassinos. Venham ver o resultado que elles produzem.

E apontava para o cadaver.

Aquella familia fatal pesava com seu cruel despotismo até no interior das habitações.

Passámos em Lapa de Lobo, Cabanas, Cannas de Senhorim, Nellas, Villar Secco, Espinho, terras celebres nos fastos eleitoraes, e onde mais de uma vez a paixão partidaria tem affogado violentamente a condição fundamental da liberdade politica — a genuinidade do suffragio popular, fazendo do povo, soberano omnipotente das sociedades modernas, servo de gleba dos potentados politicos. São todas povoações alegres, rodeadas de vegetação luxuriosa, com algumas casas de boa apparencia. Nellas era do antigo termo de Senhorim a que D. Affonso Henriques deu foral. É portanto coeva

da fundação da monarchia aquella circumscripção.

Mangualde é uma bonita villa, com extensas ruas e praças, e de muito commercio, principalmente no tempo da feira.

Era a antiga Azurara da Beira, cabeça do concelho de Azurara, ao qual deu foral el-rei D. Diniz, sendo reformado por D. Manuel. Pertencia aos senhores de Belmonte. Quando D. Philippe, de Castella, conquistou Portugal pela traição e pelo suborno, os senhores de Belmonte não quizeram ir beijar a mão ao rei intruso, e elle vingou-se d'este rasgo de patriotismo tirando-lhes Mangualde com outros bens que logravam.

Ha ali uma propriedade magnifica, talvez unica no seu genero nas nossas provincias do norte, conhecida pela *Casa dos Paes de Mangualde*. Constituem-n'a um palacio grandioso, que a soffreguidão de um velho mordomo não deixa ver a todos os profanos, dir-se-ia que com receio de alguma invasão dos communistas ou das petroleiras de Paris, e uma quinta arruada com gosto e symetria, com lindos jardins, lagos e estufas, e uma matta enorme, que é um meio Bussaco.

Esta casa possue um devoto e productivo mealheiro, que nenhum governo se lembrou ainda de desamortisar. N'um elevado cabeço proximo ergue-se uma ermida acastelada, onde se venera uma imagem sob a invocação de *Nossa Senhora do Cas-*

tello. Ha ali todos os annos uma romaria concorrida por mais de 20:000 pessoas, que cobrem todo o cabeço e deitam nas bandejas esmolas, que homens sisudos da localidade dizem orçar por um conto de réis por anno:

— Se fosse licito a qualquer mortal abrir mealheiros d'esta natureza, me dizia um critico das cercanias, eu, que possuo uma imagem muito milagrosa, ia para ahi crear tambem uma romagem devota por minha conta e risco, porque o negocio é de arregalar o olho.

Quando nos apeámos, e subimos ao hotel, passava-se uma scena desesperada de concorrencia mercantil entre dois proprietarios de diligencias, disputando a posse de dois passageiros, um padre e um brazileiro:

Os passageiros: — Por quanto nos levam?

O proprietario A: — Sete tostões cada um.

O proprietario B: — Eu levo-os por seis tostões.

A. — Pois eu levo-os por cinco.

B. — E eu por quatro.

A. — E eu por tres!

B. — E eu por dois!

A. — E eu por um!

B. — E eu de graça.

A. — Tambem eu. Espero o favor de ser preferido.

O padre encolheu os hombros em signal de resignação evangelica.

O brazileiro rebellou-se, e bradou:

— Eu gosto di pagar a quem trabalha.

E voltando-se para A. accrescentou:

— Dou cinco tostões i vamos d'ahi.

O padre disse: — Eu dou dois tostões.

Á noite chegámos a Vizeu, tendo passado ainda de dia nas pittorescas margens do rio Dão, vendo-o ora a precipitar-se ruidoso dos açudes, ora a burbulhar pelas estreitas gargantas dos penhascos que n'alguns sitios lhe formam as paredes do leito, constituindo magestosas cascatas, e elevadas catadupas n'alguns pontos, os quaes offerecem bellos quadros.

Comprimentei as redacções dos periodicos vizienses, onde tenho amigos, percorri as ruas principaes da cidade e o passeio; ouvi susurrar o Pavia e piar os mochos.

Cerca de meia noite entrei no hotel.

Em quanto me serviam a ceia ouvia-se lá dentro o tilintar das libras sobre a mesa do jogo de parar. Lá estavam cegos e soffregos de ambição e de capricho os filhos do acaso, — ralados pela paixão infrene, queimados pela sêde insaciavel do ouro, apostando a bolsa, a honra, a vida sobre uma carta, jogando o suor de hoje, o pão de ámanhã, a sorte da mulher e dos filhos, perdendo n'um in-

stante economias de muitos mezes, uma herança sagrada, o dinheiro de um emprestimo, talvez — quem sabe? — o que não era seu! rolando do abysmo do vicio para o da miseria, no fundo do qual se abrem duas voragens tremendas onde refervem venenos ardentes, — uma das quaes conduz á morte, a outra... ao crime!

Fascinação infernal! Recolhi-me, e deitei-me.

Era uma hora da noite. Ás quatro da manhã estava a pé. Um assomo de vaidade transluz n'esta indicação arithmetica. Para quem é pouco madrugador, deve ter-se por desculpavel que falle dos seus actos de heroismo. Sujeitos que se teem em conta de mais modestos fazem mais alarde com cousas de menor tomo.

Pretendem historiadores nossos, que um grande numero de povoações da Beira foram fundação dos turdulos, e que a antiga cidade de Vizeu teve a mesma origem, lançando aquelles povos o seu fundamento 500 annos antes da vinda de Christo, e chamando-lhe *Vacca*. Não é duvidoso, a acreditar o authorisado testemunho de Plinio, que os turdulos foram dos primeiros povoadores da Lusitania, *(Turdulos, qui Lusitaniam, et Tarraconensem accolunt)* e que viveram tambem na nossa provincia de entre Douro e Minho.

Os povos do interior da Asia, desejosos de conhecer outros paizes, e procurar regiões de maio-

res recursos e menos exploradas, vieram em successivas migrações accolher-se á Europa. Do Bosphoro passaram algumas tribus ás costas do Mediterraneo, e se entranharam na peninsula em duas migrações distinctas, a dos iberos, ou euskalduna, segundo o sr. A. Herculano, e a dos celtas ou celticos. Da lucta e associação das duas raças resultaram as tribus mixtas dos celtiberos. Os turdetanos, e os turdulos que a tradição diz terem habitado as nossas terras, e n'ellas fundado algumas povoações, que haviam de ser rudes e broncas como elles e os seus deuses e altares, eram migrações dos celticos. Hoje difficilmente se encontrarão vestigios da sua estada n'esses logares, como a miude se acham dos romanos, e ainda alguma vez se manifestam, vagos e obscuros, dos gregos, dos phinicios e dos carthaginezes.

Eram os turdulos idolatras; adoravam as divindades fabulosas. Para se conhecer da indole dos seus costumes, e da sua civilisação, basta saber-se que o inimigo que tivesse a desgraça de lhes cair nas garras ficava ordinariamente maneta, porque aquelles senhores se davam o prazer de lhes cortar as mãos para as offerecer ás divindades, e algumas vezes lhes abriam as entranhas para estudar augurios. Quando tinham alguem doente em casa (isto vae por conta de Baptista de Castro e outros) punham-n'o á porta para que os experien-

tes que passassem lhe applicassem o remedio mais efficaz. Talvez que este concurso medicinal á porta da rua não fosse peior do que o chamar certos medicos da actualidade.

No tempo dos romanos chamou-se Vizeu: *Vico Aquario*. N'ella se fortificou o pretor Caio Negidio contra Viriato, que lhe resistiu na celebre Cava e depois da traição que roubou a vida ao heroico pastor do Herminio, governou-a o pretor Decio Bruto, que, segundo diz Carvalho na sua Corographia, mandou fazer no logar onde hoje está a Sé uma fortaleza com duas torres, a de menagem, e a dos sinos, onde existiam os nomes dos auctores da obra, Frontonio e Flaco, canteiros celebres do seu tempo, e as armas do imperador romano. Á torre chamou-se do *Viso*, diz ainda o corographo, e isto vae sob responsabilidade d'elle. D'ahi veiu o nome á cidade, que ainda no anno 925 se chamava *Viso*, sendo então senhores d'ella Huffo-Huffes e uma senhora D. Thereza ou Tareja. Sujeitaram-na diversos povos dos que invadiram e tiveram nossas terras, os alanos, os suevos, os godos, e os mouros. A estes a conquistou D. Affonso o Catholico em 734, deixando os mouros seus tributarios; mas os mouros eram uma raça altiva, que adorava a liberdade, e por isso Abederram reconquistou-a em 757, quebrando o jugo do rei catholico; D. Fruela a recuperou; Mauregato, esse per-

juro antipathico que teve o máu gosto de se obrigar a pagar aos reis de Cordova o precioso tributo de cem donzellas, tornou a havel-a para os mouros, a quem a tirou em 803 D. Bermudo; o mouro Aliatan de novo a tomou; em 842 arrancou-a aos musulmanos D. Ramiro, dando-lhe por governador Iben Rages, que por appellido não perca. Este Roges combinou com os alcaides das terras visinhas o atraiçoar D. Ramiro. A policia secreta d'aquelle tempo, que não era peior que a de agora, avisou-o da conspiração, e elle veiu por essas terra fóra com um exercito poderoso, e deu cabo de Rages e da cidade, não deixando n'ella pedra sobre pedra. Reedificou-a um bispo de Salamanca, que lhe erigiu muitos edificios, e lhe deu por armas o castello da Gaya com o rio Douro, a um lado um pinheiro, e do outro um homem tocando busina. D. Ordonho, rei de Leão, succedeu na posse a D. Ramiro. Affonso Magno, seu filho, cercou-a de muros. O mouro Adela, rei de Cordova, conseguiu então apossar-se d'ella, tendo-a só 39 dias. Mais tarde a cercou e arrazou o mouro Almansor, deixando-lhe apenas as torres. Reedificaram-na os mouros, conservando-a em seu poder até 1058. Conquistou-a D. Fernando, e depois ficou para sempre dominio dos christãos. Por occasião da invasão castelhana em 1375 foi quasi toda incendiada. D. João I erigiu-a em ducado, dando-a ao infante D. Henrique, seu filho.

Valiam a sua belleza e fertilidade, os seus ares puros, e as doces aguas que a banham tantos combates e conquistas. A grave castellã de entre Vouga e Mondego era digna dos esforços de tantos paladinos, cujo amor por vezes a maltratou.

Até ás 8 horas da manhã visitei: — A Sé, que é um mixto venerando de diversas architecturas, representando as differentes epochas em que foi reedificada e reparada; o seu historico claustro; a sachristia, e de relance os bellos quadros que ali ha da escola de Crão Vasco. A fachada é severa, e tem a phisionomia da vetustez que a sua existencia determina. A egreja da Misericordia, onde entrei; vi exteriormente o palacio episcopal, e o seminario; o grandioso edificio do hospital novo; recapitulei na memoria, ao vel-o, todos os argumentos adduzidos recentemente na discussão hospitalar da nossa sociedade das sciencias medicas para condemnar o systema da accumulação de enfermos, e dos grandes edificios; as obras do novo matadouro, em que a hygiene foi escrupulosamente attendida, ao que me pareceu; o cemiterio; a bella alameda do Rocio de Santo Antonio; a cava de Viriato, onde se crê que o bravo dictador dos Lusos se intrincheirou e resistiu tenazmente ao poder romano, desbaratando os pretores que o atacavam; a cava é hoje um vastissimo campo cheio de verdura e em que com difficuldade se encon-

com affronta. Esta lenda foi cantada docemente em verso por Garrett. Devo observar que D. Ramiro, por ser amigo de escandalos, parecia mais um marido do nosso tempo do que do anno 950 da era christã, e que o mouro Alboazar não era homem, a quem, como lá se diz, se fizesse o ninho atraz da orelha!

Ao menos estes não praticavam a torpeza de matarem as mulheres, que talvez elles tivessem ajudado a desmoralisar e prostituir, e em nome de uma honra manifestamente problematica. Eram devassos, mas com menos hypocrisia:

— Tiraste-me a minha? pois furto-te a tua. Nenhum de nós fica prejudicado, porque ellas orçam pelo mesmo valor no tocante á castidade, e nós, realmente, não somos lá pessoas de uma grande pureza de virtude.

Thomaz Ribeiro tinha ainda o animo assombrado pelas tristezas da orphandade. Amava seu pae com toda a effusão de uma alma candida e ardente. A poesia é a encarnação do bello e do bom, o cadinho em que se depura o sentimento. Não obstante, ha poetas perfidos. Thomaz Ribeiro realisa na sua expressão mais singela o bom e o bello da poesia. Eu vivo n'esta crença, e diz a gente do sitio que é o modelo dos filhos, e o typo dos homens de bem. A politica ainda não o precipitou, nem de certo o precipitará. O poeta sentimental e o orador

vive dos bens do seu patrimonio, recostada em suas brandas alfombras, traja á antiga portugueza, não desadora os progressos materiaes, mas considera luxo algumas das suas manifestações; se não a encommodarem não encommoda ninguem, e só deixará os seus habitos de paz e immobilidade no caso em que a honra e a liberdade lhe aconselhem que tire da panoplia a velha lança de Viriato, symbolo da sua gloria e do seu valor.

III

Antigo brasão de Vizeu. Como os maridos se vingavam n'outro tempo. Thomaz Ribeiro. As escolas do conde de Ferreira. Ensino obrigatorio. Necessidade de as imagens dos santos serem bonitas. A patria de A. de Serpa, e J. S. Silva Carvalho. A batalha do Bussaco. A invasão estrangeira. Recordações da infancia.

Em quanto um amigo me transportava no seu *dog-cart* de Viseu a Parada de Gonta, a pagar uma visita ao cantor de *D. Jayme*, fui recordando a interessante lenda do antigo brasão de Viseu em que ha dois raptos singulares: o de Sahara, formosa irmã do mouro Alboazar, alcaide do Castello da Gaia, pelo rei das Asturias, D. Ramiro, que então tinha a sua côrte em Viseu, e o da mulher de D. Ramiro pelo dito mouro, que assim pagou affronta

com affronta. Esta lenda foi cantada docemente em verso por Garrett. Devo observar que D. Ramiro, por ser amigo de escandalos, parecia mais um marido do nosso tempo do que do anno 950 da era christã, e que o mouro Alboazar não era homem, a quem, como lá se diz, se fizesse o ninho atraz da orelha!

Ao menos estes não praticavam a torpeza de matarem as mulheres, que talvez elles tivessem ajudado a desmoralisar e prostituir, e em nome de uma honra manifestamente problematica. Eram devassos, mas com menos hypocrisia:

— Tiraste-me a minha? pois furto-te a tua. Nenhum de nós fica prejudicado, porque ellas orçam pelo mesmo valor no tocante á castidade, e nós, realmente, não somos lá pessoas de uma grande pureza de virtude.

Thomaz Ribeiro tinha ainda o animo assombrado pelas tristezas da orphandade. Amava seu pae com toda a effusão de uma alma candida e ardente. A poesia é a encarnação do bello e do bom, o cadinho em que se depura o sentimento. Não obstante, ha poetas perfidos. Thomaz Ribeiro realisa na sua expressão mais singela o bom e o bello da poesia. Eu vivo n'esta crença, e diz a gente do sitio que é o modelo dos filhos, e o typo dos homens de bem. A politica ainda não o precipitou, nem de certo o precipitará. O poeta sentimental e o orador

tello. Ha ali todos os annos uma romaria concorrida por mais de 20:000 pessoas, que cobrem todo o cabeço e deitam nas bandejas esmolas, que homens sisudos da localidade dizem orçar por um conto de réis por anno:

— Se fosse licito a qualquer mortal abrir mealheiros d'esta natureza, me dizia um critico das cercanias, eu, que possuo uma imagem muito milagrosa, ia para ahi crear tambem uma romagem devota por minha conta e risco, porque o negocio é de arregalar o olho.

Quando nos apeámos, e subimos ao hotel, passava-se uma scena desesperada de concorrencia mercantil entre dois proprietarios de diligencias, disputando a posse de dois passageiros, um padre e um brazileiro:

Os passageiros: — Por quanto nos levam?

O proprietario A: — Sete tostões cada um.

O proprietario B: — Eu levo-os por seis tostões.

A. — Pois eu levo-os por cinco.

B. — E eu por quatro.

A. — E eu por tres!

B. — E eu por dois!

A. — E eu por um!

B. — E eu de graça.

A. — Tambem eu. Espero o favor de ser preferido.

O padre encolheu os hombros em signal de resignação evangelica.

O brazileiro rebellou-se, e bradou:

— Eu gosto di pagar a quem trabalha.

E voltando-se para A. accrescentou:

— Dou cinco tostões i vamos d'ahi.

O padre disse: — Eu dou dois tostões.

Á noite chegámos a Vizeu, tendo passado ainda de dia nas pittorescas margens do rio Dão, vendo-o ora a precipitar-se ruidoso dos açudes, ora a burbulhar pelas estreitas gargantas dos penhascos que n'alguns sitios lhe formam as paredes do leito, constituindo magestosas cascatas, e elevadas catadupas n'alguns pontos, os quaes offerecem bellos quadros.

Comprimentei as redacções dos periodicos vizienses, onde tenho amigos, percorri as ruas principaes da cidade e o passeio, ouvi susurrar o Pavia e piar os mochos.

Cerca de meia noite entrei no hotel.

Em quanto me serviam a ceia ouvia-se lá dentro o tilintar das libras sobre a mesa do jogo de parar. Lá estavam cegos e soffregos de ambição e de capricho os filhos do acaso, — ralados pela paixão infrene, queimados pela sêde insaciavel do ouro, apostando a bolsa, a honra, a vida sobre uma carta, jogando o suor de hoje, o pão de ámanhã, a sorte da mulher e dos filhos, perdendo n'um in-

n'outra uma Santa Thereza de leque lantejoulado na mão!

Voltámos ao Carregal a receber os dons da amizade, e partimos para o Bussaco. Acompanhavanos parte da familia do nosso amigo e hospedeiro, que vinha deixar-nos á saída da encantadora matta. Uma d'essas pessoas era uma gentil e espirituosa senhora, em todo o viço, e florescencia de juventude, tez morena, vulto delicado, e espirito vivaz, a que só lhe sopeava os vôos a timidez, que é o doce perfume da virtude. Teem d'estas flôres os jardins do Carregal. Na passagem pelo risonho logar da Guarita saudámos o solar da familia Serpa, que tanto se tem illustrado nas letras e na politica, e a modesta casa que foi berço de José da Silva Carvalho, o celebre estadista, que tendo seguido desde os rochedos da Ilha Terceira até ao final da lucta a bandeira da rainha a sr. D. Maria II, geriu depois a pasta da fazenda em 1832, 33, 34, 35, e 36, formando, com os elementos poderosos que Mousinho da Silveira reunira, os alicerces de toda a nossa administração.

Chegados ao alto do monte parámos respeitosamente em frente do monumento que o enthusiasmo de um sincero patriota está hoje fazendo erguer ao valor militar nacional.

Viajante, quando passares ao longe na estrada, camponez, quando divagares além nas campinas,

ou nos montes, e vires reverberar aos raios do sol a estrella que vae coroar o singelo obelisco que se levanta no alto da serra, recorda-te que foi ahi que se obrou um dos notaveis feitos de armas dos tempos modernos, notavel pelas suas consequencias, e pela sua immensa significação.

Napoleão I dominava a Europa, e esmagava com a pata do seu cavallo as nacionalidades opprimidas. Tornado invencivel pela fortuna que bafejava a espada dos seus generaes, determinou dar Portugal de presente ao primeiro aventureiro. Mas Portugal resistia. Cada caminho era uma cilada, cada despenhadeiro um abysmo, cada pedra um soldado; tudo se erguia contra os Invasores, que eram dizimados cruamente por toda a parte. Napoleão mandou o seu primeiro general, Massena, o *anjo da victoria,* com 60:000 dos seus melhores soldados, veteranos encanecidos no triumpho, animados ainda por Ney e Junot, a punir a audacia d'este povo, que resistia aos grilhões que pretendiam lançar-lhe.

O dia 27 de setembro de 1810 foi o escolhido por Massena para atacar nas eminencias do Bussaco o exercito que defendia a integridade do nosso territorio, 27:000 portuguezes e 23:000 inglezes. Ali os nossos recrutas se bateram á bayoneta, braço a braço, com immortal valentia, chammejando iras, e rumorejando maldições contra os ini-

migos da sua terra. O invencido heroe de Rivoli, deixando mortos e feridos na encosta e na planicie mais de 4:000 homens, teve ali a sua primeira derrota; ali começou a descer ao ocaso a estrella de Napoleão, o grande. « Portugal, diz o imparcialissimo historiador francez Augusto Bouchot, alludindo a este feito, inaugurou em face da Europa abatida a dolorosa decadencia da França imperial. »

— « A reputação de Massena acabou em Portugal, » escrevia Napoleão em Santa Helena [1]. « Se elle fosse ainda o que era n'outro tempo (livre das enfermidades que o opprimiam) não teria atacado as inexpugnaveis linhas d'Alcoba ou Bussaco. »

Na capella que defronta o monumento, reconstruida e ornada com amoravel dedicação e acerto, a *Capella das Almas do Encarnadouro*, e que serviu de hospital de sangue n'aquelle dia memorando, exhalaram o ultimo gemido alguns dos nossos 197 bravos que sacrificaram a vida no altar de uma causa honrada e foram pensadas as feridas de muitos dos 1:002 que pela mesma causa ali derramaram o seu sangue. Descubramo-nos ante esse templo sympathico e venerando, e enviemos ao ceu uma oração de reconhecimento pela dedicação d'esses heroes e uma prece pela prosperidade da nação, cujo estandarte elles ahi mantiveram em luta titanica, e no engrandecimento da qual todos de-

(1) Bouchot, Hist. du Port.

vemos lidar, cada um segundo seus recursos e os meios que lhe suggerir a razão e a consciencia.

Ao imaginar-se o facto violento e despotico de uma invasão estrangeira, nas terras da nossa terra a phantasia cobre-se de negrumes, através dos quaes apenas fulgem clarões sinistros. Não são sómente os salteadores armados, e munidos de fachos incendiarios que atacam uma casa para a roubarem e destruirem, que salteam uma povoação, matando-lhe os moradores; são inimigos crueis e vingativos, que á ambição e á impiedade dos ladrões e dos assassinos alliam o riso escarnecedor da força, a fascinação tremenda da guerra, os desvairamentos da conquista, a brutalidade dá impudicia, o odio illimitado, que não respeita a dôr das mães, as lagrimas dos filhos, as supplicas dos velhos, a castidade das donzellas, a santidade dos altares! Rouba-se, desacata-se, mata-se, incendeia-se, deshonra-se e escarnece-se. Por isso á voz de: — *La vem os francezes!* um pavor invencivel assombrava os animos, como que se desencadeava uma tempestade de fogo sobre os casaes e os campos, e tudo fugia desesperadamente do lar, sem norte, ao acaso, abandonando as habitações, escondendo, se o podiam, o mais precioso do patrimonio, e buscando salvar a vida e a honra. Os moços robustos sobraçavam as pessoas invalidas, os paes levavam

ás costas os filhos mais pequenos [1], e todos gemiam e soluçavam, clamando contra a infamia das guerras de conquista, e maldizendo Napoleão e a França! Ouviam-se então as descargas de fusilaria de algum troço de tropas inimigas que passava na estrada, e que era disimado pela feroz vindicta do camponez desesperado. O amor patrio, ferido no mais intimo, produzia heroes que luctavam com o impossivel, e feras que se vingavam. Rufava ao longe com som rouco e trovejante o tambor, que annunciava a chegada dos francezes, e o incendio das cearas e dos casaes, e o roubo e a affronta; e as pedras, despedidas por fundibularios mysteriosos, desabavam sobre elles, e os chuços, e os fueiros, e as caçadeiras surgiam de embuscadas temiveis a embaraçar-lhes a marcha, e a tolher-lhes as vidas!

Jantámos á sombra deliciosa do formosissimo bosque dos carmelitas descalços, junto a uma das suas fontes; visitámos as capellinhas, desde o Horto até ao Pretorio, desde a varanda de Pilatos, onde um deputado, — sabios representantes tem tido este povo! — quebrou acintemente o nariz ao inoffensivo pretor, até ao Calvario, vendo pela terceira vez o destroço que por ali têem feito, não icono-

[1] Minha mãe na segunda invasão fugiu sobre os hombros de meu avô, do pequeno logar da Arregaça (Coimbra), deixando a familia a herdade abandonada.

clastas systematicos, mas destruidores estupidos de tudo quanto é bello.

Na rua d'Amargura encontrámos onze pescadores e lavradores de Mira, que iam, descalços e descobertos, cumprir uma promessa.

A fé é a força vivificadora das almas simplês. São tão impios os que as escarnecem n'estas suas venerandas e sensibilisadoras manifestações como os que n'ellas derramam por esse conducto a atrophia moral da superstição.

Ali, por entre aquellas densas ramarias, nas solidões da floresta, passavam-se ha cincoenta annos scenas de mortificação e penitencia que já hoje custa acredital-as, e ainda mais definil-as e comprehendel-as.

A constituição dos carmelitas descalços ordenava que elles vivessem em cenobios retirados do contacto do seculo, nos desertos das montanhas. Os carmelitas portuguezes fizeram eleição do Bussaco e n'elle fundaram o seu convento, transformando a serra n'uma Jerusalem em que se representassem a toda a hora os episodios principaes da sublime epopeia do Golgotha. Ali cumpriam sua regra com rigor, cingindo corôas de espinhos, orando prostrados no ermo, guardando silencio inquebrantavel, não fallando se não por acenos, percorrendo a rua da Amargura de cruz ás costas, e comendo até no refeitorio com uma albarda sobre o dorso!

Andavam muitas familias de Coimbra, Lisboa e Porto n'aquelle encantador retiro, e as cellas do convento estavam quasi todas tomadas.

Contemplámos da Cruz Alta o espectaculo deslumbrante que d'ali se observa lançando a vista para todos os lados do horisonte — o ceu, o mar, os campos, os montes, os casaes, mil paisagens encantadoras, um panorama variadissimo, quadros para todas as telas, assumpto para todo o genero de poemas.

Ao norte fixa-se com difficuldade a linha divisoria da Beira Alta e de Traz os Montes, que o Douro estabelece com as montanhas que o abrigam, e a cuja divisão serve de chave a cidade de Lamego. Em vão a vista procura n'aquelle dilatado horisonte a velha cidade greco-celta. Ella occulta no seio dos outeiros a sua egreja de Almacave, mesquita dos mauritanos, o edificio em que se crê haver o fundador da monarchia celebrado em 1143 as primeiras côrtes, a sua cathedral, e o seu castello, mais o « *rrico pano de fina verdura, que ha em este reino de portugual, de compasso de duas leguas a rredor da cidade de Lamego,* » que nem as « *muito guabadas rribas dalamquer* » lhe ganham, segundo parecia em 1531 a *Ruy Fernandes, tratador das lonas e bordatas d'el-rei.*

Na egreja do antigo convento carmelitano admirámos, allumiada pela luz crepuscular, a imagem

melancholica da Magdalena, primorosa esculptura em que a goiva do artista soube exprimir a contricção da peccadora arrependida, que, humidos ainda os pés das impurezas do tremedal em que se revolvera ergue a susto para o ceu o olhar lacrimoso e supplicante, esperando ouvir vibrar em voz sonora ao Deus das Misericordias a palavra — perdão!

Depois seguimos para a Mealhada, deixando a vista regalar-se nos opulentos vinhedos da afamada região vinicola da Bairrada.

Ás 9 horas da noite estavamos em Coimbra.

Ainda se faziam fogueiras a S. Pedro, e se dançava alegremente nos largos e praças. Coimbra canta e ri a miude.

A casa em que habitam minha boa mãe e irmãs, que foi onde passei as horas que permaneci em Coimbra, tem frente para a rua do Visconde da Luz, outr'ora rua do Coruche, e defronta com um local que me trouxe á mente singulares recordações da minha infancia. Havia ali um edificio pertencente á casa da Misericordia, no qual eu, — hoje pacato, tolerante, perdoador e até não sei se já um tanto conservador, *quand même*, aprendi a ser revolucionario.

Meu pae, um homem do povo, laborioso, energico, activo, amigo de ver e de aprender, engrandecido pelo trabalho, amante da liberdade, pela qual batalhára no exercito de D. Pedro, assistindo

ao cerco do Porto e desembarcando com a divisão liberal em Lisboa, detestando a oppressão e o despotismo politicos, foi dos mais ardidos *patuleias* do seu tempo. Pela causa popular sacrificou os haveres, a saude e mais de uma vez arriscou a vida. Ainda me lembro de o ver, confiado na estima que todos lhe dedicavam, atravessar por um grupo de mais de 500 estudantes armados e excitadissimos reunidos na Calçada, para salvar a vida a um regedor imprudente, que pretendia, com duas pistolas engatilhadas, affrontar as iras de toda a academia, que o teria feito em estilhas, se meu pae o não convence e desarma! Creio que foi isto nas violentas eleições de 1845.

Pagou-lhe bem a dedicação o tal regedor. Pouco tempo depois fazia-lhe cercar a casa, de madrugada, e envolvia-o n'uma rusga feita a alguns dos cidadãos mais influentes da cidade, mandando-os a todos presos para o Limoeiro, pelo crime estupendo de defenderem as liberdades publicas. *Felix culpa.*

Pois na tal casa tinha meu pae, de sociedade com o tão fallado *Padre Antonio* e outros, uma typographia onde se imprimia um jornal revolucionario, no qual escreveram homens notaveis, que teem figurado muito na politica, e creio até que um ou outro occupado logar eminente nos conselhos da corôa.

Quem me diria então a mim que ainda havia de vir a ser compositor typographico, auctor dramatico e emprezario e redactor de jornaes? Emfim, a gente tem de ser alguma cousa n'este mundo, e bom é quando, luctando braço a braço com a adversidade mais cruel, como eu luctei, accumulando um capital de lagrimas, desdens e desenganos, de que se tira tardio juro, não esmorece nem cae vencido no campo, e póde, um dia, sem ser pesado ao estado, pôr as suas faculdades á disposição dos seus concidadãos. Eu no tal casarão cheguei, tendo apenas nove annos de idade, a preparar com outro irmão meu e muitas diversas pessoas cartuxos para as guerrilhas. Podia ter saido um Ferrabraz, um Roldão, ou um D. Quixote que andasse por ahi a esgrimir com os moinhos, ou a incommodar a humanidade. Melhor foi para mim e para ella que assim não acontecesse.

ATÉ COVILHÃ

I

O principio auetoritario a pompear. Ramalho Ortigão policia civil. O somno. O Tejo escandalisado com o caminho de ferro. Lenda do Castello de Almourol.

Como iamos tratar algum tanto com a natureza virgem, e já levavamos na alma o desprendimento da tortuosa civilisação lisbonense, tão cheia de barrancos e precipicios, soube-nos amargosamente mal o conflicto que estava armado á nossa entrada na gare entre alguns policias civis e um pobre rapaz, que, para se vingar de o não terem ensinado, passa a vida a vender impressos com que mais ou menos os outros se instruam.

O principio auctoritario, que os publicistas dizem ser indispensavel á ordem social, mas que, por mal interpretado, tantas vezes temos visto ser fabricante de desordens, debatia-se ali orgulhoso e trovejante contra um pequeno excesso de direitos que o vendedor de folhetos pretendia gosar pondo-se diante da porta, no sitio da passagem, para

se fazer lembrado aos peregrinos que entravam para a estação. Da boca de um policia saira uma intimação arrogante, por enfadada, para que o vendedor se afastasse. Elle, que estava melindroso por ser pobre e se achar algo tocado de influencias alcoolicas, encrespára-se e reagira:

— Estou ganhando a minha vida; não faço mal a ninguem.

— Vá dar sentenças a quem lh'as pede. Obedeça á auctoridade, senão...

— Senão, o quê?

Aqui o principio auctoritario preparou em nome da lei o murro do arbitrio. Não o desfechou, porém. O rapaz respondeu insolencia. Sejamos francos, amor com amor se paga:

— Está preso.

— Não vou nem que me matem. Aos janotas não faziam vocês isto!

— Veremos se vae ou não!

E tentou-o um policia, tentaram-no dois e tres e quatro e ahi começou a mais difficil pega á unha que ha muito vimos. O rapaz não se deixava agarrar « nem á mão de Deus padre. » Não seriamos justos se o comparassemos a um touro, quando, depois de lidado na praça, os campinos o querem bigodear. Fariamos melhor imaginando que quatro sugeitos mal avisados se tinham lembrado de querer levar para uma estação de policia o leão da Es-

trella, e que o animal se recusava. A lucta foi brutal.

O povo, que acode geralmente pelo mais fraco, e que, sejamos verdadeiro, presente que é a falta da habilidade artistica em alguns agentes da auctoridade o que muitas vezes os faz converter um argueiro n'um cavalleiro, e armar uma bernarda aonde só havia um desaccôrdo sobre o limite da liberdade, era pelo rapaz. A policia é a arte de manter o equilibrio dos direitos e deveres. O policia é o artista encarregado de a exercer. O seu preceito fundamental é a liberdade, que tem por natural desenvolvimento a tolerancia e a brandura. É preciso não auctorisar os humoristas a definirem:

Policia: *A arte de fazer motins e assuadas.*

O vendedor empregava violentos esforços musculares para se soltar dos punhos policiaes, arrastava-se pelo solo, arqueava-se, contorcia-se e bradava!

— Só morto, com mil diabos!

Nós... É mister que se saiba que não puz aqui a primeira pessoa do plural, porque pretenda pluralizar-me. Sei que caibo perfeitamente n'um singular eu.

Nós, os tres companheiros de viagem, e Ramalho Ortigão, que fôra comnosco até á *gare*, interviémos na contenda como o Jupiter do Bom Conselho, exhortando os policias a que se acalmassem,

e rogando ao rapaz que obedecesse, porque, como não delinquira, o poder judicial lhe faria justiça. Mas o desgraçado allegava que não cedia porque nas estações de policia fazem ás vezes justiça turca, apalpando as costas aos presos, como recordação dos tempos da liberdade da móca. Isto assegurava-o elle, e affirmam-no outros, no dorso de quem a policia tem feito tyrannicos exercicios de murro, vilania contra a qual não seriam bastantemente violentas todas as fulminações do jornalismo desbragado. Por fim, Ramalho convenceu-o, e passando ovante por entre a onda de povo, lá levou fraternalmente pelo braço para a estação o indomavel rapaz, estabelecendo esta theoria, que não agradou aos policias:

— Como fui eu quem o prendi, sou eu quem o deve soltar, e vou tratar d'isso.

Ramalho foi policia civil por cinco minutos, e como isto da vida publica tem encantos irresistiveis, percorreu n'outros cinco toda a gamma da ordem politica até á nota mais alta, o poder moderador. Eu soube depois que d'ali a meia hora o valente rapaz proseguia tranquillamente o seu negocio de venda de folhetos. Foi justiça. Liberdade de commercio ao menos para os vendedores de folhetos. Cada impresso que se vende, por muito deficiente que seja, é, no nosso estado de profundo atrazo, uma lição que se dá.

Se elles são insultuosos e subversivos sugeitem-os á lei commum. Sejam activos e corajosos os representantes do ministerio publico, e não se vá opprimir um vendedor, por não se ter coragem de pedir ao editor ou redactor a responsabilidade legal dos seus escriptos. Tem remedios para tudo a liberdade.

O comboio partiu. Eram 7 horas e 36 minutos da noite. No nosso compartimento de 1.ª classe iamos: meu irmão Abel, viajante experimentado em longas peregrinações europeas, o engenheiro João Burnay, espirito culto e desprendido, fortalecido pelo amor do justo e do verdadeiro, um fabricante belga e eu.

Conversámos primeiro; depois dormitámos; isto é, tivemos a pretensão de nos suppôr brandamente repousados no fôfo leito de pennas, que, segundo reza a mythologia, o filho de Erebe e da Noite tem no seu palacio encantado á margem do rio de Esquecimento. Foi uma triste illusão dos sentidos. Os coxins da carruagem eram duros e sugissimos e a trepidação do wagon tão violenta, que não podemos levar o somno seguido nem por tres minutos.

Foi pena. O somno é a abdicação temporaria do eu subjectivo. Os sentidos, fatigados da laboração incessante com tudo quanto nos cerca, interrompem as suas funcções, encerraram-se no santuario intimo, e a mesma alma se recolhe para repousar.

É bom dormir por uns bocaditos. Fica-se durante elles abstracto a muitas insidias do mundo sublunar. Nem os falsos amigos nos beliscam, nem os invejosos nos esmordaçam, nem os ociosos nos exploram, nem os protegidos nos são ingratos.

Quando abriamos os olhos viamos desfilar ao longo da estrada ferrea, em correria desordenada, os vultos negros das arvores e as sombrias molles das casas que aqui e ali assentam na linha do trajecto.

O tenue clarear das estrellas reflectia-se nas aguas quedas do rio Tejo, que orlavam em larga fita a planicie adjacente.

Tudo era silente por aquellas margens. Dormia o gado, não piavam as aves, os cães não uivavam, nem sequer cantavam as cigarras. Apenas o rumor do comboio e o arrogante silvo da locomotiva perturbavam a paz d'essa região. Dir-se-hia até que o magnifico rio, que desde as serras de Molina vem, fazendo um percurso de 600 kilometros, dar-nos o beneficio das suas aguas e « fazer na melhor cidade o melhor porto do mundo, » como escreve Baptista de Castro, dir-se-hia que elle estava amuado pela affronta enorme que lhe fizeram, desprezando a sua navegação, deixando invadir os seus naturaes dominios, e pondo-lhe ao lado uma via terrestre, que poderia ser utilisada com mais vantagem em differente direcção, levando o movimento e a vida a

outros sitios, em vez de fazer perniciosa concorrencia á via fluvial, afogando ao mesmo tempo o pequeno commercio de alguns povos ribatejanos. O Tejo poderia em devído tempo ter requerido ás côrtes que o não deixassem assoberbar pelo caminho de ferro; que o traçado d'este tivesse outra directriz mais proveitosa; que se utilisassem as duas forças, os dois meios; e que a elle Tejo o tornassem navegavel até Hespanha, coalhando-o de barcos de vapor e de véla e pondo por obra a idéa intentada pelo sombrio Filippe II em 1580, o qual ainda conseguiu que o architecto hydraulico Antonelli vogasse n'uma chalupa desde Abrantes a Toledo, abrindo caminho a muitos barqueiros. Marco-Artu em 1829 repetiu o tentamen, e recentemente o engenheiro Fransaneto passeia pelo rio desde Sacavem até Alcantara, em Hespanha, com tanta facilidade como promettera fazel-o o mythico *homem das botas*, demonstrando não ser impossivel physico a navegação n'essa extensa via, e conseguindo transportar por ella muitas cargas de adubo mineral.

Pensando n'isto, para pensar n'alguma cousa, enganando o somno, chegámos a Abrantes, sem podermos descortinar as densas trevas que escondiam á nossa vista o solitario castello de Almourol, a que a tradição associa o mais singular romance. Recordemol-o em breves palavras:

Um castellão despiedado varou com a lança o peito de duas formosas mouras, mãe e filha, sem que lhe ellas houvessem feito algum mal. Não será difficil provar que muitos christãos d'aquelles tempos eram, em comparação dos mouros, selvagens sanguinarios. Aos gritos de agonia das miseras acudiu um irmãosito de 11 annos, que o castellão captivou, levando-o para Almourol. O pequeno, que tinha a alma cheia do fogo impetuoso que arrebata os filhos do deserto, jurou vingar a familia. Callou comsigo o projecto e foi propinando lentamente á esposa do castellão, que era um dos muitos D. Ramiros das lendas peninsulares, um veneno subtil preparado no seu laboratorio particular. Pelos modos o mourosito entendia de chimica. Escusado será dizer que a castellã *fez vispere* para o outro mundo (não alludo á America, que então ainda era desconhecida aos barbaros da Europa). D. Ramiro, desesperado pela morte da esposa, foi-se por essas terras fóra a esquartejar mouros, commettendo a inqualificavel imprudencia, que aqui lhe censuro, de deixar em casa com a filha o terrivel islamita. Este, em certo dia, para completar a sua vingança, ia matar a donzella, quando sentiu virar-se o feitiço contra o feiticeiro: deixou cair-lhe aos pés o punhal e ficou mortinho de amores por ella. Regressa da guerra D. Ramiro, trazendo comsigo um noivo para a filha, mas esta foge ás escondidas com

o mouro, suspeita-se que para as terras da Mourama, porque nunca mais houve noticias d'elles. Verdade é que ainda não havia a besbilhotice das gazetas, que tudo contam e descobrem, o bem e o mal, um para gloria, outro para desdouro de quem o faz, e as senhoras visinhas não exerciam utilmente as funcções do noticiario. O noivo logrado foi correr aventuras, como fino cavalleiro andante que era, D. Ramiro morreu de desgosto, e o castello lá ficou a arruinar-se, sentinella impassivel dos seculos, em cima do penhasco que lhe serve de base, e onde o podem ver os viajantes que passarem entre a Barquinha e a Praia, se forem de dia ou em noite de luar e acordados.

II

A patria de Taborda. Na diligencia. Terrenos incultos. Almoço fidalgo em Mesão-frio. Descripção da estrada. Sugam-se os rios como se sugam os povos. *Areias auriferas.* Castello Branco ás escuras. Caça (?) ao lobo.

Na estação de Abrantes apeámo-nos para seguir na diligencia até Covilhã pela estrada de Castello Branco. Percorreramos 135 kilometros em 5 horas de wagon. Restavam-nos 28 horas de diligencia para chegar á industrial cidade do Herminio.

Ás 2 horas da madrugada atravessavamos o Tejo pela magnífica ponte que ali se construiu ultimamente, e que é uma das principaes obras d'aquelle genero que a nossa engenheria tem produzido. Um veu de gaze envolvia o rio. Era a nevoa da madrugada, que lhe formava as cortinas do leito nas horas de repouso.

A antiga *Aurantes*, cuja fundação é attribuida aos gallos celtas, (assim como se dissessemos os francezes de Lyon) patria de Taborda, e tambem dos infantes D. Luiz e D. Fernando, que tiveram no mundo muito menos ovações do que elle, causaram menos risos, e deram menores alegrias, ficava-nos pela maior parte escondida por detraz de um monte, como dama esquiva ciosa de suas graças, e só vimos d'ella, por entre o vago das sombras, o Rocio, e algumas casas.

Esta villa foi em 1807 o principal objectivo da marcha de Junot, a quem Napoleão fez duque de Abrantes.

Depois de nos termos certificado de que uns cinco cidadãos que d'ali até Castello Branco iam ser nossos companheiros de viagem, eram pessoas de bom porte, academicos quatro, e negociante um, e de que era impossivel gosar o panorama da estrada antes de decorridas mais de duas horas, tendo confiado a guarda das nossas malas e saccos de noite aos cuidados do sr. R., um dos membros da em-

preza d'aquella bem organisada diligencia, que tem optimo gado, pontualidade, e empregados bem creados, deixámo-nos dormir, não em leito de rosas, mas em leito comparavel ao de Procusto, em que não podiamos estender uma perna, um braço, ou voltar a cabeça, sem corrermos o risco de soffrer algum flagicio muito similhante aos que o sanguinario salteador grego infligia ás suas victimas na margem do Cephiso.

Quando abrimos os olhos já a manhã tinha tambem descerrado os labios robicundos n'um sorriso amoroso, e tinhamos atravessado a fronteira da Extremadura entrando em franca Beira Baixa.

Bello espectaculo o da manhã. De todos os cantos do horisonte brotam jorros de luz e de harmonia. Sorvemos a largos haustos a brisa pura, fina e balsamica, que vinha de longe trazer-nos o effluvio das plantas silvestres. O ceu estava coberto de azul vivissimo. Infelizmente esses beneficios divinos eram quasi inteiramente esperdiçados.

Aquella zona que então começavamos a percorrer era rude, arida, e fria, rude como a natureza primitiva, arida como a indolencia e a ignorancia, fria, como o abandono e o desprezo. De tudo isso ali havia traços profundos. As planicies eram charnecas; os montes inteiramente escalvados, testemunhas millanarias da indolencia do homem n'esse pedaço de terra.

Até á capital do districto percorrem-se mais de 60 kilometros de terreno inculto, salpicado de raro mato, urze, esteva, tojo, e apenas com indicios de fraco amanho proximo dos logares em que se vê alguma casita.

Fazem solução de continuidade a essa vasta charneca, S. Simão, Amendoa, Cardigos, Proença Nova, e Sobreira Formosa, que é um oasis no seio d'aquelle ingrato deserto.

Foi a aridez d'esta parte da Beira, o accidentado do seu terreno, e a sua falta de recursos o principal auxiliar da tactica do conde de Lippe nas operações do exercito anglo-luso contra a invasão franco-hespanhola em 1762.

Sobreira Formosa sorri amena ao viajante, sentada n'um tapete de verdura entre um grupo de casinhas alegres. É abundante em montado e olival.

Passámos as horas do calor no logar de Mesão-frio, onde se encontra uma casa de hospedagem toleravel, limpa e farta. Ahi, com os elementos que levavamos, e os que nos forneceu a hospedeira organisámos um almoço, cujo programma visivel e trincavel era o seguinte:

Canja de gallinha — gallinha cosida — frango assado — capão — perdiz assada — fiambre — salame — sardinha de Nantes — pecegos — queijo — café — vinho — cognac.

Isto era pantagruelico em Mesão-frio. Escripto em francez dava um *menu* de almoço fidalgo.

Brindámos á hospedeira, e á civilisação, que ordinariamente começa pela cosinha, e pelo estomago até chegar á sala e á cabeça. Para nos imaginarmos em rasgada civilisação conversou-se de viagens. Viajar é civilisar-se. Cada hora de viagem equivale a muitas paginas de instructiva leitura. Havia entre os commensaes quem tivesse visitado a Italia, a Allemanha, a França, a Inglaterra.

Contou-se, e descreveu-se, mas não se comparou. As comparações em certas circumstancias são assassinas.

Depois do almoço estendemos as nossas mantas n'uma encosta debaixo de uma carvalha, proximo de um rio.... secco, e deitámo-nos para gosar alguns minutos de sombra refrigerante. Baldado intento. Uma nuvem de moscas sanguinarias, parasitas muito parecidas com uns sujeitos que vivem do sangue do proximo, veiu intimar-nos mandado de despejo, e tivemos de levantar o arraial, e recolher a quarteis de... verão.

Quando o calor enbrandecia, e o sol ia descendo no nosso horisonte, subimos para a imperial da diligencia, e proseguimos a jornada através de montes de chisto e de campos maninhos, regiões desertas, tristes, primitivas, onde o alvião e a enxada sómente abriram uma estrada de segunda ordem

não muito perfeita, com differenças de nivel pouco regulares, e curvas de tão acanhado raio que por vezes parece que o carro vae precipitar-se lá em baixo no abysmo. Ha, porém, obras de arte bem feitas, algumas pontes, e pontões solidos. Encontram-se barreiras giganteas, aterros collossaes, sinuosidades audazes. O terreno é monticulado, e cheio de relevos.

Proximo á passagem da Ribeira do Alvito torneia-se uma serra, que toma o seu nome. A estrada desce formando successivas parabolas para ajustar-se ás quebradas da montanha, e n'aquelle serpentear veloz por uma continuidade de curvas acanhadissimas parece por vezes que a diligencia vae resvallar nos despenhadeiros.

O valle cavado pela Alvito contrasta com a aridez do resto da paizagem. Ha ali vegetação, culturas arvenses, insuas semeadas de milho e linho, e pequenas vinhas.

Pela primeira vez vimos n'aquella região algum gado lanigero a pastar na encosta. Era dos maiores serviços ao paiz a arborisação das cumiadas d'esta zona, e o aproveitamento de muitos pedaços de terreno que se prestam a varia cultura.

Alvito é atravessada por uma ponte bem lançada e altiva.

D'ahi por diante apparecem algumas arvores destacadas nas vertentes dos montes. A estrada está

arruinada entre o Sardoal e Venda Nova. De inverno têem por vezes ficado ali enterradas as diligencias. [1]

Anoitecia quando atravessámos a ribeira de Ocresa, que depois de receber as pareas da Alvito vae pagar o tributo de suas aguas ao Tejo ao pé da Ameeira. Esta ribéira deriva-se por entre penhascos, e as vertentes dos montes, através dos quaes ella tem o seu leito secular, são cobertas de vegetação espontanea. A mão do homem tem todavia sabido aproveitar o beneficio das suas aguas. É conveniente observar que a propaganda, mais egoista que humanitaria, dos diversos partidos contra os tributos parece ter levado a descrença aos rios e ribeiros que são feudatarios de outros, pois vemos que lhes pagam o tributo com difficuldade. É cer-

[1] Quando isto se publicou em folhetins no *Diario de Noticias* pôz-se-lhe uma nota preventiva, e era a seguinte:

Se algum dos srs. cantoneiros encarregados da sua conservação quizer ter a bondade de ler estas linhas, dado o raro caso de lhe terem feito a esmola de o mandar ensinar a ler, peço-lhe a graça de corrigir esse defeito e avisar-me, para eu eliminar este reparo na segunda edição d'estes folhetins, que já sei estão destinados a levar o meu nome ao templo da sabedoria, e a produzir grandes revoluções na crusta terrestre.

Não se fez esperar a participação do cantoneiro, um cantoneiro bem educado, por fim de contas, dizendo que a estrada ia ser concertada pelas obras publicas.

to, porém, que esses rios e ribeiros são tão sugados pelos exploradores que lhes demoram perto, que ás vezes não lhes resta mais uma só gota para dar. Acontece semilhantemente ao suor do povo. A policia dos rios anda descurada. As aguas não têem regimen. Fazem-se derivações arbitrarias, prejudicando terrenos importantes. Numerosos açudes, e represas impedem o curso das correntes, esgotam e estagnam as aguas, em proveito de poucos, e em detrimento de muitos que tinham direito a gosar a sua quota parte n'esse bem commum. « Ergo-me a delatar tamanho crime! »

São auriferas as areias da Ocresa. Os povos exploram-as por vezes, tirando pequenas porções de ouro, e em 1845 formou-se uma empreza para a sua lavagem, chegando a encommendar uma machina das usadas na Russia, mas teve de interromper os seus trabalhos por causa da revolução popular que veiu agitar o paiz. Eram directores os srs. Ayres de Sá Nogueira, e José Bernardo da Costa Cabral.

A estrada atravessa a Ocresa ao pé da aldeia de Sarzedas, — fundação de D. Gil Sanches, bastardo de D. Sancho I, e saqueada cruelmente pelos francezes em 1807.

Ao redor d'essa aldeia, segundo calcula o interessante relatorio sobre a arborisação do paiz, ha 10:000 hectares de terreno cultivado nas serras e

nos valles e valleiros, povoado de cereaes, pinhaes, mattas de sobreiro e castanheiro.

O ceu estava escuro como o phantasma da conspiração. Com difficuldade se distinguiam as constellações. A diligencia atravessou ainda um pedaço de estrada bem arborisada, passou ao lado de algumas quintas e casas, e entrou em ruas empedradas, orladas de casaria.

— Onde estamos? perguntou um dos companheiros, despregando-se de um somno pouco fundo.

— Em Castello Branco.

— Parece-me Preto.

— É porque não tem illuminação.

É triste ver a capital da provincia da Beira Baixa mais atrazada n'este ponto do que algumas pobres villas da Extremadura. Sem luz não ha civilisação, e o estar uma população ás escuras, embora n'ella haja, como ha em Castello Branco, cidadãos muito illustrados, não abona as suas aspirações ao progresso. Os candeeiros publicos são um elemento indispensavel á policia de uma cidade e á commodidade dos seus moradores. É preciso lembrar que por *candeeiros publicos* entendemos *candeeiros accesos*. Esta observação não é ociosa, porque Castello Branco tem candeeiros, mas apagados. Extinguiu-lhes a luz o sopro esterilisador das economias negativas. Sob proposta de um dos homens mais ricos do districto economisou-se a verba do

azeite. Se foi para matar as corujas ou para não affrontar os mochos, desculpemos.

Tivemos de accender phosphoros para ver ao menos a configuração do magestoso edificio do paço episcopal, contiguo ao qual ha uma quinta e jardins deliciosos, que os moradores encarecem com enthusiasmo e que todos que os têem visto dizem ser dos mais bellos do paiz.

Não podemos ver a cidade porque tinhamos de seguir na diligencia. Contemplámos ainda, á luz do phosphoro, os rostos de duas ou tres formosas albicastrenses que passeavam no largo em que nos apeámos. Confessâmos que ao vel-as comprehendemos o espirito preventivo do antigo foral da cidade, quando dizia em latim barbaro:

— « Se algum homem raptar a filha de outrem contra sua vontade, restitua-a a seus parentes, e pague-lhes 300 maravedis. »

Tomámos uma chavena de chá, certificámo-nos da paz octaviana da cidade, e tornámos a subir para a imperial do trem, procurando no seio das trevas o castello da cidade, como ella fundação dos cavalleiros Templarios, e que foi inexpugnavel nos tempos em que não havia Krupps nem Armstrongs. Foi em vão. Desesperados com tal desapontamento e scismando na opulencia a que chegaram no paiz os templarios, e nas patifarias que elles deveriam ter feito para perderem o prestigio immenso que

haviam tido, e obrigarem rei e povo a esconjural-os, tornámos a adormecer, tendo o cuidado de levar os nossos rewolvers carregados, por nos aconselhar que assim o fizessemos o cocheiro da diligencia.

Chamava-se este José Maria e era preto de azeviche, filho de paes africanos, mas nascido em Santa Comba Dão, bonita figura, traje pittoresco, redea valente e lesto pingalim.

Dir-se-ia que nós, filhos de Japhet, iamos ali em companhia de nosso tio Cam, irmão d'aquelle, e ambos filhos de Noé. José Maria é um bonito preto, e um excellente rapaz.

Seriam 2 horas da madrugada, e iamos já aproximando-nos da serra de Alpedrinha, quando José Maria bradou com energia:

— Ó senhores, engatilhem os rewolvers!

— Salteadores?! interrogámos.

— Um lobo.

Engatilhámos.

— Aonde?

— Além, na estrada, adiante de nós. Não vêem como lhe luzem os olhos?

Assim era. Luziam-lhe os olhos como duas lanternas de omnibus. O animal movia-se em linha diagonal adiante de nós.

— Inspira-nos, ó sombra veneranda de Julio Gerard!

— Fizemos pontaria, e... — com mil balas!... —

tornámos a guardar os rewolvers, porque o audaz carnivoro, sem fazer caso algum dos nossos feros, foi-se tranquillamente caminho da serra.

Suprema affronta!

III

Bellezas de Alpedrinha. A paizagem alegra-se. Monumentos florestaes de el-rei D. Diniz. Fundão. Noticia da villa. O celebre Moraes Sarmento. Trages. Chegada á Covilhã. A serra abraça e acalenta a cidade, protegendo-a contra as invernias. Parenthese. De como passa em tradição que nasceu na Covilhã a causa da queda do imperio godo na peninsula.

Vinha apontando a alva. Corria uma brisa tepida. Já se sentia moverem-se os rebanhos que repastavam nos largos e ferteis campos cultivados entre Castello Branco e Alpedrinha. Muitos carros percorriam a estrada. Havia symptomas de vida activa. Estavamos n'uma região mais amena e povoada que a que tiveramos percorrido até proximo da capital do districto. Atraz de nós o mundo á saída do Eden, deserto e inculto, a vida primitiva, Nemrod, o caçador. Aqui uns laivos de civilisação, a cidade, a villa, o campo agricultado.

Atravessámos pela villa de Alpedrinha. É grande,

bonita, e pareceu-nos asseada. A sua posição é pittoresca. Está assentada entre montes, como graciosa serrana folgando á sombra de verdejante e densa matta, tendo no regaço deliciosos fructos de sua producção, e ao lado diversas amphoras de fresquissimas aguas para recompensar os viajantes das securas e tristezas de um trajecto extenso e desconsolado, por campos solitarios e por montes asperos, e nus. Respirámos livremente. Desopprimiu-se-nos o peito.

— Sr. Fulano, me disse um cirurgião militar que entrara em Castello Branco na diligencia, chamo a sua attenção para os esplendores da matta que vamos atravessar e para a vegetação opulenta d'esses campos que se estendem lá em baixo, Valle de Prazeres com os seus comvisinhos.

— Apesar de não se poder ainda ver claramente, conhece-se que é formosa e fertil a planicie, respondi eu, depois de firmar a vista na paizagem mergulhada ainda em nevoa e sombras. Além, do outro lado da Estrella, monstro enorme de granito que nos esconde o esplendido quadro dos campos da Beira Alta, ha um valle muito similhante a este, mas ainda mais luxuriante e productivo; é valle de Besteiros.

— Tenho bebido dos seus aromaticos vinhos.

— Os d'aqui não têem menos *bouquet*, observou vivamente um estudante de Alpedrinha.

A matta de Alpedrinha é densissima, toda de castanho e carvalho, propriedade de particulares. Egual cultura tem a serra denominada do Fundão, que impende á villa d'este nome. Uma e outra foram plantadas por el-rei D. Diniz, a respeito do qual ainda fallam hoje esses monumentos florestaes, em que se regala a vista do viajante, e a imaginação se compraz em calcular quanto poderia ser augmentado o capital da fortuna nacional se todas as montanhas do paiz estivessem aproveitadas como essas duas formidaveis encostas.

Ao sopé da serra abriga-se a antiga villa do Fundão. É a porta de entrada do Valle da Covilhã, que o rio Zezere atravessa e fertiliza, com auxilio dos veios seus affluentes.

O Fundão é um jardim. Refrescam-no as aguas que descem dos outeiros, e agasalha-o um manto de verdura.

Foi n'esta terra que em 1833 se fez, por parte de um soldado de cavallaria n.º 8, a primeira tentativa para secundar os esforços dos sitiados do Porto, tentativa que não vingou.

Á dedicação de um talentoso alumno da escola de medicina de Lisboa, filho d'essa villa, devo as curiosissimas informações que se seguem:

«Teve principio o Fundão n'uma pequena agrupação chamada o Povo da Levada, distante um ki-

lometro para o nascente, e que já hoje não existe, havendo apenas vestigios.

« A Levada já existia em 1433.

« Em 1688 era povoação importante o Fundão. O seu municipio data de 1747, em que foi elevado á cathegoria de villa.

« O seu solo suberrimo produz optimo vinho, azeite, e fructas saborosissimas. Coroa-o uma matta de castanheiros, na estensão de 15 kilometros, a qual produz boa castanha, e madeira de construcção.

« O edificio municipal é dos melhores da provincia, e tem accomodações para todas as repartições publicas, e cadeia. Parte d'elle servia no tempo do marquez de Pombal para fabrica de lanificios, por conta do estado, e n'este intuito foi ajudado a construir pelos habitantes.

« A ultima metade do seculo XVIII foi a epocha de maior engrandecimento do Fundão. São memoria d'essa passada grandesa as muitas casas com brasões de armas, que ainda hoje aqui se veem.

« Aqui tiveram seu berço alguns varões afamados, e talentos singulares. Taes são o virtuoso Affonso da Cruz, geral de Alcobaça, que foi escriptor e falleceu em 1626; o celebre e distincto pintor da casa real José da Cunha Taborda Brasio, que aprendeu na Italia; o bispo do Maranhão D. Luiz Homem de Brito, mui exercitado nas lettras sagradas e profanas; e o infeliz Domingos dos Santos de Moraes

Sarmento, homem extraordinario na arte de escrever e desenhar em papel.

«Nascido d'uma familia pobre, a sua indigencia, e a vivesa da sua imaginação e engenho o tentaram ao crime de copiar trinta e tantas apolices do papel moeda do estado, enchendo de admiração nacionaes e estrangeiros.

«Processado e confitente do seu crime, fez ao governo a seguinte offerta:

— Compro a segurança da minha cabeça pelo modelo de uma apolice que ninguem será capaz de reproduzir.

«Foi seu defensor no processo o doutor Joaquim José Caetano Ferreira e Sousa. As suas razões são a melhor historia d'esse homem singular, e um documento valioso dos conhecimentos scientificos d'aquelle jurisconsulto.

«Logo nos primeiros annos da sua infancia, Domingos Sarmento deu provas do seu talento, pois que escrevia, por extenso, em brilhante fórma de letra, o Padre Nosso e Ave Maria dentro da acanhada circumferencia de um cruzado novo.

«Em casa do sr. Joaquim de Macedo, do Fundão, existe um livro intitulado — *Miscellania* — escripto por Sarmento em letra redonda, no qual se admiram as perfeições da fórma caligraphica.

«Sarmento foi mestre de ler no Fundão. Era curto de vista, e de genio violento para os discipulos.

« Já adulto chamou-o o bispo de Coimbra para ser convenientemente educado, e foi então que, abusando da sua rara aptidão, principiou a emitar as apolices, e a cunhar toda a qualidade de dinheiro.

« Preso e processado, foi-lhe afinal comutada a pena de amputação das mãos na de prisão perpetua.

« Junot quiz leval-o para França, mas não o pôde conseguir em consequencia da reclamação de sua mulher. Sarmento fez á penna cinco bilhetes de boas festas em que descrevia todas as façanhas militares de Napoleão. Estes bilhetes foram offerecidos a Junot que os deu em mimo ao imperador, e devem achar-se nos Archivos das Bellas Artes de Paris, para onde Napoleão os mandou.

« O auctor d'estas informações viu uma carta de Sarmento dirigida a um parente do Fundão, na qual para se desculpar do seu silencio para com elle, lhe dizia, entre outras cousas:

« Dirigi ao capitão inglez Huil, meu protector, « um bilhete de agradecimento, do qual só a pri- « meira letra me levou oito dias a fazer, tendo-me « levado mais de quinze a imaginar. »

« Consta que as ultimas palavras de Sarmento á hora da morte foram: — « Levo comigo segredos « que podiam fazer a felicidade do meu paiz; mas « não os quero legar á ferocidade do seu governo. »

O Fundão tem-se tornado notado n'este seculo

pelo seu amor á liberdade, e á independencia da patria. O concelho tendo apenas cerca de 27:000 habitantes mantem um jornal.

Em todo o caminho percorrido de Abrantes até Castello Branco não notámos nenhum costume singular, nenhum trage original, nenhuma historia galante. O viajante usa chapeu redondo ou bonet, casaco ou jaqueta; o aldeão e o villão veste jaqueta ou casaco, segundo as suas posses e tendencias. O camponez usa calça e tamanco, ou bota, collete e jaqueta, ou anda em mangas de camisa. A camponeza traja saia de raixa ou de estamenha, e roupinhas, ou simplesmente saia e lenço traçado sobre a camisa; anda em geral descalça, ou calça chinello, raramente çapato. As casas de campo são de granito negro e grosseiro, cobertas de telha-vã. A cal escasseia por essa região, por isso os povoados offerecem, em geral, um aspecto melancholico e sombrio.

O sol inundava os campos, e sacudia o nevoeiro das encostas e do rio. Ás seis horas e meia da manhã passavamos a arruinada ponte sobre o Zezere. O rio levava muita agua, não obstante estar-se no pino do verão. Camões chamou-lhe caudaloso. Está cheio de rodas hydraulicas para extrahir agua para as regas. Represada a corrente de encontro ás paredes das insuas, a sua força move o engenho que incessantemente enche de agua os seus pequenos

alcatruzes, e os vae despejar na calha que leva esse alimento á terra e ás plantas que ahi viçam.

Estavamos na Covilhã, que a serra da Estrella envolve nas suas dobras com tanto recato e carinho, que mal a deixa ver á gente quando se atravessam as planicies do Zezere. Serve de fundo á tela a enorme cordilheira, que sobre a laboriosa cidade derrama paternalmente as aguas de duas abundantes ribeiras: A Degoldra e a Carpinteira, ou ribeira da Fabrica Velha.

A serra abraça a cidade, e as fabricas que assentam na encosta e margem das correntes, em duas grandes concavidades, que lhe dão um aspecto original, parecendo que a ampara e achega ao seio acariciando-a como a filha dilecta a quem ella insufla o calor e a vida, ou que se cavaram ali aquelles abrigos no seio da montanha para lá pôr as casas de habitação, os edificios e os estabelecimentos fabris, defendidos contra as crueis tempestades do inverno que em campo aberto seriam demolidoras. Não obstante, na estação vernal, quando o vento se desencadeia furioso pelas quebradas, e se sente represado por essa colossal barreira de granito que ali corta transversalmente as duas Beiras, e parece servir de columna á abobada celeste, que n'ella apoia as suas nuvens mais pesadas, de vérão permanentes cumulos, e de inverno negros, e borrascosos nimbos, n'essas occasiões o vento

reage contra o despotismo da serra, e não podendo derrubal-a ou sequer fazel-a estremecer quebra as arvores, arrebata as telhas das casas, e chega até a rasgar os pannos nas ramolas se por acaso os encontra resistentes. N'essa época a neve cae abundantemente, alastra-se por todas as superficies e tudo embranquece.

Em quanto vamos subindo para a cidade com os amigos que vieram esperar-nos, á frente dos quaes distinguiremos José Maria Campos Mello, moço-velho, antigo companheiro de risonhas excursões, e nosso obsequioso e affavel hospedeiro, recordemos a historia da Covilhã.

(Abramos, porém, — parenthese—para definir o epitetho de moço-velho atirado assim como uma rude saudação á face de um amigo que corre de braços abertos a receber-nos e a conduzir-nos a um paraiso de delicias. Moço na idade, velho na seriedade, moço nas aspirações, estudando incessantemente nas viagens e nos livros os progressos da industria que opulentou a casa de seu pae, e buscando eleval-a ao estado de maior aperfeiçoamento, velho no amor á sua terra, ás tradições de familia, e aos exemplos de laboriosidade, e honradez que lhe dá seu tio, o visconde da Curiscada, caracter simples e estimavel, e aos que lhe legou seu pae. a quem o povo da Covilhã chegou a qualificar de santo, quando no dia do seu passamento elle, sen-

tindo já a morte passar-lhe o dedo frio sobre as palpebras, mandou abrir a porta do seu aposento, e entrar até ao seu leito de agonia a multidão, de quem se despediu com a serenidade do justo!)

José Maria de Campos Mello é um nome que tem de ficar honrosamente vinculado á historia do trabalho em Portugal.

Não é impossivel a quem tem tempo e perseverança ser sabio. Eu respeito os sabios como respeito os capitalistas, e desejava ser ambas as cousas, que era ser capitalista duas vezes, mas como até o capital de tempo me escasseia e a viagem é rapida não posso ir agora por essas bibliothecas e archivos a procurar uma etymologia racional para a Covilhã e uso a que está assentada em alguns auctores tão mandriões n'este ponto como eu, e que, se não é racional, é pelo menos constitucional, por ter por si a maioria: «*Cava Juliani*», por corrupção *Caviliana,* e depois Covilhã, » diz o sr. Vilhena Barbosa, e já outros o haviam escripto. Lavo d'aqui as minhas mãos. Elles que dêem contas aos Bopps, aos Diez e aos Mullers, se lh'as pedirem e lh'as quizerem dar. *Cava* e *Juliani* em todo o caso são uma synthese historica, representam nada menos que a quéda do imperio godo na peninsula. Não discreparemos da opinião de que Julião foi um politico turbulento que ajudou a tirar a corôa a Rodrigo, depois de lh'a ter ajudado a pôr, e que Flo-

rinda andou mettida no caso. O leitor já deve ter ouvido fallar d'isto.

Reinava em Hespanha Rodrigo, rei godo, que subiu ao throno, em substituição de Wittisa, no anno 709 da era christã. Entre as damas de sua côrte havia uma de excelsa formosura, chamada Florinda, ou a Cava, diz um historiador moderno, filha ou esposa de um conde godo, Doyllar, ou Illan, ou Julião. O rei, que era homem dissoluto, gostou d'ella e quiz á força possuil-a, desacatando a filha do seu valido e auxilliador. Julião andava ausente na guerra contra os mouros de Africa, onde governava as provincias conquistadas. Florinda, que era dotada de uma virtude espartana, communicou-lhe a affronta do rei. O conde jurou vingar-se. Mas como? Conspirando. Conspirar é ordinario recurso de muitos politicos atrabiliarios, a quem a luz prejudica, porque os deixa ver muito a claro ao sempre illudido povo, e que fogem para as trevas como os morcegos, e para as encrusilhadas como... os sociologistas de encrusilhada. Tratou com o emir Muza ben Nozeir a entrega da peninsula e a deposição de Rodrigo. Bem lhe importava a elle pôr a patria a ferro e fogo! O que queria era vingar-se. E, sejamos rasoaveis, se as cousas se passaram como a lenda diz, tinha carradas de razão para vingar-se, não na patria, mas em Rodrigo. Um corpo de 1:500 cavallos, commandado por Tarik

ben Zeyad, invadiu a Hespanha e retirou victorioso á Tanger. Voltou logo Tarik á peninsula, com maior força, e em successivas batalhas derrotou Rodrigo, cuja cabeça cortou, enviando-a a Musa, que a remetteu para a côrte de Damasco. Não se perdeu nada. Estava vingado, embora por uma traição estupenda, o conde Julião, e derribado o imperio dos godos em Hespanha.

Logo vieram os arabes estabelecer-se em nossas terras e nas dos nossos actuaes visinhos. Está-nos parecendo que a peninsula não perdeu muito com a troca.

A causa principal d'esta evolução politica foi a formosa Florinda, ou a *Cava*, que alguns historiadores nossos crêem haver nascido na Covilhã, povoação que dizem ter sido fundada pelo conde *Julião* pelos annos 690, sendo reedificada, pois que as guerras durante o dominio arabe e mourisco a haviam arruinado, por D. Sancho I, que em 1186 lhe deu foral e a encheu de privilegios e isenções. A camara conserva adjuncto ao seu brazão de armas a figura do conde Julião.

Os amores de Rodrigo com a *Cava* têem dado logar a diversos poemas, romances e dramas. Ha uns poucos em portuguez e hespanhol; a musa de Walter Scott tambem se inspirou do assumpto, que egualmente não escapou ao poeta inglez Southey.

A lenda é cheia de incidentes e diverge ácerca

do acabamento da *Cava*, do *conde Julião*, e de Rodrigo, que uma tradição popular pretende ter vindo morrer monge ao pé de Vizeu, onde tem um tumulo evidentemente apocrifo.

Quem primeiro faz menção da lenda da *Cava* é o monge de Silos, diz o illustre traductor da historia do dr. Dunham, o qual escreveu quatrocentos annos depois da invasão mahometana, pelo que se põe em duvida a veracidade do caso.

Seja embora mera invenção, é bonita, e não faz mal a ninguem acredital-a. Para que ser cruel com as petas do passado, se o presente nos está ahi vendendo tambem a toda a hora gato por lebre? Uma mentira poetica é suave e entretem.

Entremos em Covilhã. Ahi ha verdades eloquentes do trabalho nacional.

IV

Physionomia original da cidade. Sua indole. Os bonecos das crianças n'aquella terra. Como se me ia pegando a febre endemica de fabricar pannos. Processo para ser fabricante. Milagre do trabalho. Quem estabeleceu a industria? Como formam a familia os camponezes da Beira.

Perante o quadro original, que expõe á nossa vista a modesta cidade do Herminio, o viajante es-

quece-se por momentos de que está em Portugal, e suppõe-se transportado a alguma das povoações fabris da França, Belgica ou Inglaterra. Aquella terra não se confunde facilmente com outra do paiz, nem na physionomia nem na indole.

Só n'uma cousa se parece. É na falta de limpeza, no desprezo pela hygiene. Esperamos que o municipio elimine este termo de comparação.

Vae por toda a parte movimento nervoso, febril, actividade infatigavel. Sente-se-lhe o calor da circulação, a exuberancia do sangue, o pulsar vigoroso das arterias. Tudo trabalha e se move e se agita.

Em quanto vemos passar lá em cima na serra os chamiceiros tocando os seus burritos e machos, carregados de lenha, arrancada a muito custo do seio da montanha, e as raparigas e rapazes descerem cobertos de molhos e feixes, similhando carreiros de formigas industriosas a trazer provisões para a sua cova, cruzam-se acolá do outro lado, na planicie e na estrada, os carros e cavalgaduras com malotes de pannos, que saem, e com fardos de lã que entra, vinda das bandas de Hespanha.

Além na encosta movem-se aqui e ali grupos de operarios que vão estender nas ramolas as peças de panno recem-tecido e lavado para enxugar ao contacto do ar ou do calor. N'outras ramolas o panno já estendido ostenta aos raios do sol as suas

vivissimas côres, encarnadas ou azues, ou os seus variados xadrezes.

A torrente da Degoldra começa a ser aproveitada no mais alto da empinada vertente, e as numerosas rodas verticaes a que ella communica a sua preciosa força motora executam um movimento uniforme, pondo em actividade os mechanismos de outras tantas officinas. Vê-se brilhar a agua e sente-se precipitar-se de represa em represa, saltar de turbina para turbina. Similhante espectaculo se observa na quebrada da Fabrica Velha junto á Ribeira Carpinteira. Em toda a area da povoação ouve-se o ruido de cerca de mil teares. Bizarra harmonia fórma o conjuncto de tão varios rumores. É um côro monotono que encerra um hymno de homenagem e louvor á santidade do trabalho industrial, força vital das nações.

N'esta terra todos são fabricantes ou operarios de lanificios; o barbeiro, o sapateiro, o chapelleiro, o carpinteiro, o empregado, talvez o magistrado, e até alguns padres; poucos dispensam o producto immediato do tear, ou do pisão, ou do tinte ou da tenda. As crianças quasi que têem como unico brinquedo, em passando dos tres annos, o encher canellas; as canellas de lã são os seus bonecos; e não é raro vel-as ao collo das mães aprender a escolher lã!

É uma febre endemica, local, estacionaria, filha

do paiz, tendo suas causas n'aquelle solo, e atacando as pessoas que o visitam; ha perigo em permanecer n'aquella região. Depois de lá estarmos seis dias disse eu certa manhã muito á puridade a um dos meus companheiros:

— Ó A., vamo-nos embora. Tenho medo de atraiçoar esta gente.

— Atraiçoar?!

— Sim, homem. Toda a noite levei a scismar nos estabelecimentos fabris que temos visitado, e sinto a modo que pena em não possuir tambem uma fabrica de pannos. É bonito e bom ser fabricante.

— Lá isso é. Então vamo-nos ámanhã.

— É duplamente util que nos vamos, porque eu, meu caro A., ou fico fabricante, ou levo fama de que vim tratar de me fazer deputado, o que póde comprometter-me, ou affrontar futuros candidatos, pois, segundo consta, houve quem cahisse na vulgaridade de suppôr que não póde já uma pessoa andar pelas provincias a contemplar panoramas bellos, a gosar aguas salutares, e brisas puras, a apreciar o que têem de bom as populações e os campos para o indicar aos que o ignorem, tendo a fortuna de ser amavelmente acolhido em toda a parte, e saudado por philarmonicas e foguetes, — sem ser para se fazer deputado!

O ciume traduz o amor, mas ha ciumes comicos.

Já cuidavam que iria tirar o bolo a algum pretendente premeditado. Deputado para que? Para ficar contaminado das paixões odientas que aquecem o seio e desvairam a mente do grupo A., ou das idéas morbidas do grupo B., ou das nevroses financeiras do ministro C., ou dos apetites condecoratorios do eleitor D.? Em o povo sabendo melhor o que vae fazer quando vota, e votando sabendo o que faz, então, se esse tempo vier, acabarão os deputados do bumbo e do foguete.

Não queria musica e foguetes por tal preço. Os que tive foram de graça e por graça da amisade. É-me muito mais grato ter a honra de receber, por exemplo, um comprimento em boa musica da philarmonica V., bem organisada banda de operarios, e agradecer-lhe publicamente, dizendo-lhe que tocam muito bem, do que ter o encargo de lh'o ir retribuir para o parlamento, lançando-lhe, em signal de gratidão, mais uns tantos réis de imposto!

Para ser deputado e até ministro usam-se varios methodos, cuja explicação ficará para occasião mais opportuna.

Para ser fabricante na Covilhã o processo é este:

— Quer alguem metter-se á industria?

Vae comprar a lã a um mercado permanente d'ella que lá existe debaixo de um telheiro proprio, que está sempre cheio de saccas e fardos. Leva-a para casa, aparta-a, manda-a a lavar ou desensu-

gar; d'ali vae para o estendedouro seccar; depois com a mulher e com os filhos, se os tem, escolhe-a, fal-a preparar, azeita-a, manda-a tingir, vae dal-a a cardar e fiar a um engenho; em seguida tece-a no seu tear; depois de tecida dá *a enxerga*, que assim se chama o tecido antes de aperfeiçoado, ao pisoeiro para pisoar, e lavar; logo é espinsada e ultimada. Depois vae vendel-a ao commerciante. É o pisoeiro ou mestre de pisão quem muitas vezes se encarrega d'esta operação mercantil. A pequena industria assim organisada, produz tanto como as fabricas regulares juntas. D'aqui a concorrencia no mercado e o barateamento dos productos.

Em poucas ruas deixará de encontrar-se um tear, um tinte, um preparo de cardas, uma escolhedeira, uma tenda, ou officina de ultimação! Um escriptor portuguez erudito admittiu um *ceu de veludo azul;* pois aqui póde-se dizer, sem grande impropriedade, que se respira uma *atmosphera de lã*, que se come e bebe lã, que a lã é a alegria, a fortuna, a gloria, a aspiração d'esta gente pacifica e trabalhadora.

O desconhecimento que o nosso povo tem de muitas cousas importantes do paiz, por falta de leitura e de publicidade, fal-o referir-se por vezes á *fabrica da Covilhã*. Póde-se com mais propriedade dizer: *a fabrica Covilhã*, que é uma fabrica de muitas fabricas, que emprega 10:000 pessoas, paga mais de 8:000$000 réis de ferias sema-

naes, e produz annualmente tecidos no valor de cerca de 3:000 contos de réis, que distribue pelos mercados do reino, ilhas e provincias ultramarinas. Alguma das fabricas d'essa enorme fabrica é das primeiras do paiz e póde comparar-se em importancia, aperfeiçoamentos mechanicos e movimento a boas fabricas estrangeiras.

Mas como nasceu, como se creou, desenvolveu, e opulentou esta industria, que é hoje uma das mais importantes do paiz, aqui no seio das alcantiladas serranias, sequestrada a todo o movimento social, longe dos grandes centros de população, esquecida, ignorada, quasi desprezada, sem uma via de communicação especial, pois só agora tem uma estrada comprida, estreita, sinuosa, privada de capitaes e de estimulos? Quem a implantou, que sacrificios a arreigaram, que vontades fortes, que braços energicos a desenvolveram, que prodigios de iniciativa a fizeram ter um nome, e a aspiração de elevar-se a cotejar com a industria similar estrangeira, servindo-se como se serve, dos mais modernos e aperfeiçoados mechanismos?

É um prodigioso milagre do esforço humano, como muitos que registra a historia do trabalho universal.

Ha quem supponha que foram os arabes e os judeus quem veiu trazer-nos as primeiras noções da industria das materias textis, especialmente da

fiação e tecidos de linho e lã, mas existindo já entre os carthaginezes e romanos, que por tantos annos estiveram na peninsula, essa industria, é mais provavel que fosse introduzida ou ensinada por elles. O fabrico das lãs está ha muitos seculos generalisado por todo o paiz, e principalmente se occupam d'elle nas provincias do Algarve, Alemtejo, Extremadura e Duas Beiras, que é onde mais avulta.

N'estas duas ultimas provincias quando os pobres tratam de organisar a familia pensam na acquisição de uma casinha pequena e rude, com o seu retalho de terra ao lado para a cultura de tres ou quatro alqueires de milho, duas oliveiras e uns legumes, e na compra de umas ovelhitas para lhes aproveitarem cada anno a lã, a fim de a fiarem e darem a tecer, fazendo com a teia a calça do marido, a saia da mulher e a jaqueta do filhito, se para tanto chega. O que faltar para a manutenção d'esta pequena familia, ha de dal-o o suor do marido, que vae trabalhar no campo de algum mais abonado para ganhar o magro salario de oito vintens ou dois tostões. Isto contaram-m'o elles, quando eu, aproveitando a familiaridade do seu trato, me sentava nos grosseiros degraus da sua habitação a affagar-lhes os pequenitos, e a inquerir do modo de vida da familia.

V

Apontamentos historicos. Um monumento do marquez de Pombal. Censura previa para os pannos. O que foi e o que é. O convento de Santo Antonio. Frades fabricantes. O Moraes.

D. Sancho I, D. Affonso II, e D. Pedro II, promulgaram diversas providencias ácerca do fabrico dos pannos no paiz, e designadamente algumas se referem ás fabricas da Covilhã, o que demonstra que entre as povoações fabris portuguezas sempre essa teve logar preeminente. A el-rei D. Diniz tambem inspirou attenções a filha do Herminio. Este rei a mandou cercar de forte muralha e edificar n'ella um castello. O infante D. Henrique, o immortal cosmographo, iniciador das navegações e descobertas dos portuguezes, foi senhor d'ella, e n'ella deixou traços da sua passagem.

O Marquez de Pombal, essa estatua collossal que os seculos admiram no pantheon da nossa historia. erguendo com a vigorosa alavanca da sua penna de ministro as cidades derruidas, e levantando as industrias prostradas pela inercia, e pelo abandono, deixou alli um monumento duradouro da sua iniciativa. São os magestosos edificios da *Fabrica real*,

que ainda hoje é denominada *A fabrica nova*, como que indicando os progressos que o seu estabelecimento levou á industria covilhanense. Effectivamente, o grande estadista dotou aquellas officinas com os mais aperfeiçoados apparelhos, e mechanismos do seu tempo, e mandou vir do estrangeiro alguns dos melhores mestres e operarios. A fabrica real está assentada á entrada da cidade, formando como que a porta d'ella com um arco elevadissimo que communica os dois grandes corpos do edificio. São estes duas construcções enormes assentes sobre fortes muralhas de granito, e attestando na solidez e vastidão o arrojo e a largueza de animo do fundador. Na officina de tecelagem chegaram a trabalhar 365 teares, tantos como os dias do anno! Ainda lá existem os primeiros mechanismos que se fizeram em Inglaterra, como exemplares do antigo systema de fiação e cardas. Cada apparelho de fiação tinha 50 fusos. Era movido á mão. O marquez, obedecendo á indole do seu tempo, e porventura á sua propria, estabeleceu, decerto com o intuito de aperfeiçoar o fabrico, e não consentir que no mercado apparecessem tecidos maus, a censura prévia para os pannos. Todos os fabricantes eram obrigados a submetter ao exame de um fiscal official, na ainda hoje chamada casa da approvação, os seus productos depois de concluidos.

Esta disposição, inspirada por um pensamento

elevado, tornou-se oppressiva e odiosa, e dava logar a grandes abusos. Tem acontecido isto á maioria das leis.

A fabrica real é hoje propriedade, com exclusão do edificio, que o estado arrenda, do sr. dr. Antonio Pessoa de Amorim, cavalheiro intelligente.

Umas tosadeiras ou tesouras manuaes, usadas n'este estabelecimento antigamente, e contemporaneas do marquez, nos podem instruir sobre os extraordinarios progressos da industria durante o seculo actual.

Vamos fazer a indicação de passagem, porque não é nosso proposito escrever a historia d'essa industria ou fazer o seu inventario, nem para isso nos sentimos habilitado com os conhecimentos technicos, e as informações escrupulosas e exactas.

Depois de tecido, pisoado e percheado o panno é necessario tosquial-o por egual em toda a superficie para fazer desapparecer as irregularidades dos filamentos. A este trabalho chama-se tosar, ou tesourar. As principaes fabricas da Covilhã possuem hoje tesouras excellentes mechanicas, onde o panno é submettido á acção de um cylindro de navalhas continuas, dispostas em curvas hellicoides, o qual, girando rapidamente, tosquia a peça com muita regularidade.

Pois bem, existem em deposito na fabrica velha umas enormes tesouras manuaes de mais de um

metro de cumprido cada uma, que devem assimilhar-se muito ás tesouras com que os cyclopes cortavam os callos, e que faziam callos nas mãos dos tosadores. Com estas tesouras se fazia o serviço que hoje se faz na tosadeira, *tondeuse*, mechanica. Era preciso um homem valente para a mover, e amiudadas vezes o operario, não podendo dominar aquelle pesado instrumento, cortava e esburacava a peça.

Acatemos, porém, o passado. Amemos o que é sem maldizer o que foi. A tesoura manual aperfeiçoou o panno que nossos avós trajavam; prestou bons serviços á sociedade do seu tempo. Eu detesto os reformadores que insultam implicita e impiedosamente o passado. Esquecem elles acaso que se receberam em cheio no espirito os jorros da luz da civilisação actual, esse foco foi formado por miriades de raios luminosos centralisados no decorrer dos seculos pelo trabalho de successivas gerações?

Foi um frade emigrado quem, depois de nas suas peregrinações visitar as fabricas de Leeds, veiu trazer em 1835 os primeiros apparelhos mais aperfeiçoados á Fabrica Real.

Tambem aos frades se devem beneficios. Elles eram os homens da sciencia e da pratica, os sabios e os operarios do seu tempo. Os longos ocios monasticos, e os elementos de que dispunham as

ordens religiosas concentravam no frade os conhecimentos mais adiantados do passado, aperçoando-lhes as faculdades a meditação e o estudo. N'uma das ramificações da Estrella, um dos braços que se estende a amparar do lado do sul a cidade industrial, existe ainda hoje no alto do monte, no sitio mais pittoresco d'aquelles arredores, um convento da invocação de Santo Antonio, cujos frades eram operarios tecelões. Tinham ao lado do convento uma fabrica de estamenha para habitos, com privilegio exclusivo para aquelle fabrico.

Actualmente habita o convento, por o ter comprado á fazenda, o sr. Manuel de Moraes da Silva Ramos, conhecido pelo *Moraes da Covilhã*. Já que subimos ao monte e entrámos no velho eremiterio não desçâmos sem dizer duas palavras a seu respeito, que as merece.

O convento é da architectura denominada jesuitica, estylo pesado, triste, desornado, sem a mystica poesia das architecturas predominantes da edade media. Subindo as escadas e parando na pequena cêrca de entrada, lançando o olhar em redor recebe-se a agradavel impressão que produz á vista o quadro do valle da Covilhã. O valle parece encerrado n'um circulo de montanhas. Ao norte estão os montes que abrigam a cidade da Guarda, de que se vêem ao longe indistinctamente alguns edificios; ao sul ha uma agrupação de serras e diver-

sos povoados; a leste fica-nos, no primeiro plano a serra de Caria, e mais atraz a de Alpedrinha; a oeste corre a da Estrella. Vêem-se perto diversos povos que tambem fabricam lãs e as vêem vender á Covilhã, taes como Teixoso, Belmonte, Tortusendo, Fundão, onde o edificio da antiga fabrica real serve hoje de paço municipal, e outras povoações, taes como Alcaria, Pera Boa, Bodobra, Ferro, Dominguiso, Peso, Alcaide, etc.

A egreja do convento é a mais asseada, e decente da Covilhã, onde os principaes templos se acham n'um estado desgraçado, e em absoluto desaccordo com o fervor religioso que dizem reinar na terra. Esta egreja, porém está mal vista, e não se diz n'ella missa desde que houve uma pendencia com o seu proprietario por causa de tres imagens de S. Francisco, Santo Antonio e Nossa Senhora, que em certa noite desertaram dos seus altares n'outros templos, e foram em passeio mysterioso até á porta do convento de Santo Antonio, onde appareceram pela manhã embuçadas em chales-mantas, dando-lhes o sr. Moraes culto nos seus altares.

Nas sellas do convento tem o proprietario as suas officinas de gravura e cunhagem. Aquelle edeficio é a habitação de dois verdadeiros artistas, o sr. Moraes e seu filho.

Mas quem é o sr. Moraes? Veja-mol-o. A doença

entrevou-o. Está deitado em cama asseada, n'uma pequena cella, talvez mais penitenciado que o cenobita que um seculo antes alli habitára. Na cabeça encalvecida, onde alvejam escassas cãs, formando um circulo em tom de aureola, no esgazeado do olhar, nos raios de sangue que lhe injectam e envermelhecem as alvas, ou corneas opacas, no amarellecimento da tez, no cavado das faces, e no aspecto dolente e triste da phisionomia está o resumo de uma vida agitada e cheia de tribulações. Nos quadros a oleo, nas bellas e delicadas estatuetas em buxo, cheias de lavores microscopicos cavados a buril, nas medalhas cunhadas em ouro, e nas bandejas de prata lavradas, tudo obra de suas mãos, e que se vêem nas paredes e sobre as mesas lê a alma do visitante: *Aqui está um artista.* Este homem, que foi alumno da casa pia de Lisboa, soldado no cêrco do Porto, depois serralheiro, gravador e abridor de cunhos na mesma cidade, este homem que lá quizeram fazer moedeiro falso, e que el-rei de Italia nomeou, por distincção ao merito, cavalleiro da ordem de S. Mauricio e S. Lazaro, é effectivamente um artista de raro merecimento, que podia ter sido utilmente aproveitado e que a adversidade perseguiu e aniquilou. Um dia no Porto disseram que elle era auctor dos cunhos de umas notas falsas. A habilidade de Moraes dava ainda para obras mais difficeis. A policia não re-

jeitou a idéa. Perseguiram-n'o, fizeram-lhe crueis montarias, por fim prenderam-n'o. O carcere atrophiou-o. Ave que tem asas para vôos de aguia esmorece e definha se a mettem n'uma gaiola. Moraes está velho e acabado. Eu não sei se elle fez cunhos para notas falsas, ou se cunhou moeda. Não me lembrei de lh'o perguntar. O que sei é que a voz publica tem dito muita vez que ha moedeiros broncos, ignorantes, mas ricos, alguns feitos barões, viscondes e condes, e que o Moraes — coitado! — é intelligente e instruido e está pouco menos que pobre! [1]

VI

Importancia da industria. Facil meio de descrever. Como o homem rouba o fato ás ovelhas, e o transforma em calças. As fabricas. Estradas e escolas! O livro de Dauby e os operarios que não sabem ler.

Se eu não estivesse convencido de que todos comprehendem a importancia das industrias que

[1] Nos ultimos dias de setembro annunciaram-me da Covilhã que o distincto artista havia morrido, e que o seu corpo fôra lançado á terra n'uma cova rasa do cemiterio da cidade. Elle bem sentia que a morte o estava aguardando, quando me disse com tristeza no seu leito de dor: — Adeus, meu amigo: parece-me que o Moraes não torna a pegar no buril.

tratam da transformação das materias filamentosas em tecidos de mil applicações indispensaveis em multiplicados usos da vida social e domestica, e designadamente da dos tecidos de lã, que hoje constitue porção avultada da riqueza publica do paiz, limitava esta exposição de impressões de um passeio de poucos dias á exclamação alvarmente synthetica do meu visinho Z., que tem percorrido meio mundo, quando lhe pedem informações de viagem:

— Ah! Londres!.... Eh! Paris!.... Aquillo só visto! Ih! Veneza! Constantinopla! Oh! O tumulo do kalifa! Uh!...

E depois, aqui nem ha o facil recurso dos guias do viajante, que têem feito a reputação de tantos *touristes*. Um homem como Z. precisava decorar trechos dos guias. Em compensação, porém, para os casos intrincados ha amigos que elucidam a gente com dados salvadores.

Exemplo:

— Ó M., dize-me, porque operações passou, desde o lombo da ovelha até ser calça das tuas pernas, esse fino corte de casimira que alguem diria vindo das fabricas francezas, se é que no mercado os não vendem como taes.

— Eu te conto. Esta lã era o fato natural de uma ovelha, de certo não portugueza, porque as raças cá são pouco apuradas, estando a industria

pecuaria no estado quasi infantil, por isso a nossa lã do Alemtejo e Beira só se emprega em tecidos secundarios; uma ovelha do Cabo da Boa Esperança, supponhamos. Um cobiçoso roubou o fato á ovelha, *tosquiando-a*. E aqui verás como o homem é o roubador do irracional. Embrulhou o *velo* e vendeu-o com outros.

O comprador procedeu á apartação da lã em qualidades; este serviço foi feito em mezas proprias; seguiu-se o *desensugo* ou lavagem; foi a lã para a estenda, especie de eira, pósta sobre pannos, a *enxugar* ao sol; depois *tingiu-se*, porque esta especie de estofo aconselhou que fosse a lã tinta antes de fiada ou tecida, pois se usam estes tres diversos systemas; os pannos pretos, por exemplo, são tecidos em branco, e tintos em peça; depois de tinta e sêcca a lã, foi *escarduçada; batida* no lobo, cylindro de grandes dentes; logo foi *azeitada* no chão ou em tanque forrado de zinco, e em seguida *cardada, torcida* e *fiada;* são variadissimos os apparelhos de cardar, torcer e fiar usados em Covilhã, e ha alguns extremamente engenhosos; depois de fiada preparou-se a *urdidura* no tear, encheram-se as lançadeiras e teceu-se; pisoou-se para dar ao estofo a consistencia necessaria, condensando-lhe o fio; *espinzou-se* e *esbicou-se; perchou-se* para dar uniforme direcção ao fio, e *lustrou-se;* foi a *estender* e seccar ás *ramolas;* e successivamente se

cortou, tosquiou, ou *tosou;* foi dobrado em cartões lustrados, *prensado* entre chapas de ferro quentes, que é como se o corressem a ferro; depois *pregou-se,* isto é, dobrou-se e pôz-se em peça. A perchea, enxugo, lustro e tosa, foram tantas vezes repetidas sobre a peça quantas o aconselhou o aperfeiçoamento do tecido. As operações da *ultimação* começam na *percha.*

— O Creador teve menos trabalho a fabricar o mundo.

— O Creador era um Deus, e nós somos o fragil barro de suas mãos.

O relatorio resultante das indagações mandadas fazer pelo conselho geral das alfandegas, publicado em 1864 pelo sr. Fradesso da Silveira, ácerca d'esta industria, documento minucioso, methodico, e muito esclarecedor, diz que no concelho da Covilhã havia por março de 1863 — 13:195 fusos. Conta-se que esse numero está hoje elevado a 20:000.

Não podémos visitar todos os estabelecimentos fabris, nem examinar os que visitámos com tal particularidade que podessemos descrevel-os. Vimos cinco fabricas completas, e diversas officinas de preparo e ultimação.

As fabricas que têem mais de um sortido de cardar, e fiar são actualmente as de:

Campos Mello & Irmão, companhia nacional, fabrica real, José Mendes Veiga, Antonio Nunes de

Sousa e filho, Antonio José Teixeira, João Mendes Alçada, Costa Eufemio Graça & C.ª, José Rodrigues Rogeiro, Clemente Nunes da Costa, Santos & C.ª, filial da casa Campos Mello & Irmão, Silvestre Nunes de Moraes, Manuel Lopes Cardoso, Manuel Nunes Mousaco, José Claudino da Silva Guimarães, Ordaz Mascarenhas & C.ª, João d'Almeida Barros, João Barbas da Torre, João Pereira Presunto & C.ª, João d'Almeida Francez & C.ª, Fonseca Xarato & Irmão, e Manuel Baptista da Costa. Estas assentam nas margens das duas ribeiras principaes. Ao sul da cidade ha ainda uma ribeira, denominada da Agua da Alta, onde se acham tambem estabelecidas diversas fabricas, que não vi.

As mais vastas officinas em que entrei foram as da fabrica real, companhia nacional, Campos Mello, e José Mendes Veiga. A segunda e terceira são as unicas que têem machina de vapor. As caldeiras são aquecidas com lenha. Na visita aos edificios da companhia acompanhou-me obsequiosamente o sr. visconde de Mourão, industrial distincto e cavalheiro estimavel. A companhia possue machinismos excellentes, quatro grandes edificios, numerosas officinas, cêrca de 100 teares, vasto deposito, e produz o valor de 200 contos de réis annuaes. O escriptorio e o deposito são no andar terreo do palacio da sua séde.

Tem o que quer que seja de respeitavel o qua-

dro que offerece uma das grandes fabricas que visitámos, quando está em plena laboração.

A fabrica Campos Mello & Irmão, por exemplo, está assente na garganta da montanha na Ribeira Velha, n'uma das encostas mais formosas. Anda acabando de organisar-se, mas o seu aspecto geral é o de um estabelecimento de primeira ordem. Possue alguns grandes edificios, e está cuidando de levantar outros para poder distribuir methodicamente as officinas, arrecadações, escriptorios, casa de operarios e outras dependencias. Cada um dos edificios principaes tem tres andares, e estão assim aproveitados: 1.° edificio: No 1.° andar: sortidos de cardas mechanicas das mais modernas, e aperfeiçoadas; 2.° andar fiações. Aqui ha apparelhos magnificos, que simplificam o trabalho, e produzem mais, e mais perfeito; 3.° andar, escolha, e armazem de lãs lavadas. Este edificio é novo, e um dos mais proprios pela sua fórma e disposição, e está modelado pelos das fabricas lá de fóra. Segundo edificio: Armazem de fiados, urdiduras e teares. Terceiro edificio: Ultimação, pisões de diversos systemas, perchas, tesouras e prensas. Quarto edificio: *tinte*. O motor de vapor é da força de 80 cavallos. Os motores hydraulicos são tres representando a força de 30 cavallos. Elles põem a um tempo em movimento todos os teares, cardas, pisões, tosadeiras, escolhedeiras mechanicas, etc.

Reina a ordem e o asseio em todas essas officinas, que são espaçosas, inundadas de luz por grandes janellas, e nas melhores condições hygienicas. Tudo ali se aproveita systematicamente. O sr. José Maria Mello, que em suas repetidas viagens ao estrangeiro estuda os mais adiantados processos da mechanica, tem trazido para aquelle estabelecimento, e ainda para outros, as machinas mais recentemente introduzidas nas fabricas francezas, inglezas e belgas. Os productos d'este grande estabelecimento, e ainda os que elle adquire da pequena industria e das casas suas filiaes elevam-se a uma somma avultadissima.

Os outros estabelecimentos importantes da Covilhã acompanham este movimento progressivo, e dentro em pouco aquelle grande centro fabril poderá produzir todo o genero de tecidos que vem de fóra e competir no primor dos seus artefactos com as fabricas estrangeiras. Não lhe neguem os governos os auxilios que lhe devem, proporcionando-lhe estradas que facilitem, abreviem e embarateçam os transportes, concluindo a estrada que vae para a Guarda, terminando a que ha de conduzir do Crato a Castello Branco, tentando a que tem andado a ser estudada pelas Pedras Lavradas, e emfim, um dia, quando o thesouro esteja mais desembaraçado de encargos onerosos, fazendo cortar o interior das duas Beiras por uma via accelerada

que, indo, por exemplo, do Crato á Regua, complete e unifique a rede dos nossos caminhos de ferro, e vá levar a circulação e a actividade a esses campos e povoações que para ahi jazem na inercia, e, pela maioria, na ignorancia. E com o abrir das estradas abra o estado tambem escolas, não só de instrucção primaria, senão profissionaes, que são indispensaveis n'estes emporios do trabalho industrial. Um povo que não sabe ler é um povo de escravos. Abram-lhe o espirito ás grandes idéas; deixem-no elevar-se á altura das suas aspirações. Nos Estados-Unidos da America, já meado o seculo XVII, estava decretada uma escola para cada cincoenta familias, e o ensino obrigatorio racional e pratico. Aquelle estado quiz habilitar os escravos a serem cidadãos e conseguiu-o.

O outro dia publicou-se em Lisboa um livro ordeiro: *O livro do operario*, de J. Dauby. O governo fez presente d'elle a todas as fabricas do reino. Quiz esclarecer o homem de trabalho, aconselhar-lhe a cordura e o amor do justo, oppôr uma propaganda aos rugidos subterraneos de uma questão tremenda que se debate no fundo dos espiritos, que luta nos alicerces da sociedade. O livro diz: «Eu busco semear nos reconditos da alma do artista a instrucção, e com ella a moral, a benevolencia, a fraternidade, o horror da preguiça, da taberna, da devassidão; o amor da familia, da patria, e aquelle

que os comprehende a todos: o amor de Deus!»... «Eu hei de ser o appendice á instrucção primaria.» Mas o que Dauby não sabia, o que o governo esqueceu, e o que lhe devemos lembrar todos os dias, é que o operario não tem instrucção primaria, e que muitos a quem foi distribuida a obra andaram por lá afflictos, de livro em punho, bradando ao santo da sua devoção:

— « S. Francisco Cardador, ensina-me a ler este livro. »

O teu livro, Dauby, é cheio de salutares doutrinas, mas como hão de ellas fructificar em espiritos que a ignorancia esterelisa?

VII

Operario santo. É bom estar na bemaventurança. Jacquard foi quasi santo. Os srs. Grainhas. Da mantilha e suas vantagens. Diversos estabelecimentos. A picota. Tourada ao divino. Partida.

S. Francisco Cardador, é o patrono de uma capella fundada pelos srs. padres Grainhas, dois ecclesiasticos que teem sido objecto de discussões vivissimas, e de quem o partido avançado na Covilhã falla com bastante amargor, queixando-se de que fanatisam e dominam a classe popular. A capella é

bonita, alegre e aceada. Tem algumas imagens de rasoavel esculptura, e gravuras boas. Quando lá entrámos vimos duas mulheres prostradas em terra, beijando com effusão o solo. Antes refazia-se de força e animo sempre que beijava a terra mãe. S. Francisco Cardador era, como se vê, um operario fabricador de lãs. Disseram-nos que foi santificado pelo actual pontifice, a pedido dos fundadores da capella. Não se podia escolher santo mais sympathico aos operarios covilhanenses. É um collega que ascendeu á Bemaventurança. Elles hão de ter desejo de seguir-lhe os passos para ir pelo mesmo caminho, e, seja-se cordato, é muito mais suave e brilhante estar no empyreo, cercado de hymnos e explendores, entre os anjos e os justos, do que andar n'este mundo de petas e miserias, acotevelando-nos uns aos outros, e, para ganhar um acanhado salario, levar dia e noite a fazer correr a lançadeira e a ouvir a monotona musica dos teares, embora seja a do intelligentissimo tear á Jacquard, que automaticamente communica á teia o desenho que vae lendo no cartão. Ahi está Jacquard que era um operario que merecia canonisado por ser um justo, e pelos beneficios que a invenção do seu tear trouxe á industria de tecelagem. Os homens uteis e bons são meio santos. Lyon, sua cidade natal, ergueu-lhe, não um altar, mas uma estatua, que é outro genero de adoração.

O povo trata com funda veneração os irmãos Grainhas. Tive eu occasião de o observar. Uma vez, entrando na egreja onde os dois irmãos fazem os seus exercicios oratorios, e celebram actos do culto vi as mulheres e os pequenitos correrem para o sr. padre João Grainha de mãos erguidas, e um homem fallar-lhe de joelhos, e com as mãos postas. Nós fallámos-lhe de pè. Esta declaração lançada n'um folhetim deu no goto a um jornal de Lisboa, que tem o pouco evangelico costume de dizer coisas feias aos que não professam a sua maneira de ver as coisas, e os seus principios, embora, como eu, lh'os respeitem ao combater-lh'os. Pareceu-me que pôr-se um homem de joelhos diante de um padre, quando este não esteja exercendo as suas funcções, e isto no meio de um templo, e defronte dos altares é, pelo menos, uma falta de attenção, senão de respeito, com o proprio Deus. Não obstante o padre João pareceu-me homem muito attencioso, e dizem que é bastante illustrado.

Na minha visita aos templos encontrei ainda a classica mantilha de côca, envolvendo as fórmas e enquadrando o rosto de algumas senhoras. Usam-nas quando vão á missa, e em certa ordem de visitas. A mantilha é ao mesmo tempo sobretudo, que dispensa vestidos luxuosos, capa e chapeu, docel erguido á belleza, e muralha que a defende de labios impudicos e audazes. Recebe-se agradavel

impressão quando no fundo d'aquelle alpendre de lãsinha se vê baixar os olhos com recato, e sorrir em tom ligeiramente malicioso um rosto joven. Se uma pessoa se apaixona, e quer fazer ler um bilhete de amor á bella, escusa de pedir licença: passa e atira-lh'o ali para dentro. Em Coimbra usavam-se ainda ha annos as mantilhas de bico, que os estudantes fulminaram com epigrammas, e a que o rapazio bradava:

—Mata aquella carocha.

E todavia tem havido usos mais ridiculos, e mais desarasoados. Por exemplo: a crenoline abaloada e a cuia de tres kilos!

Não se cuide, porém, que a cidade do Herminio não tem senhoras elegantes que trajem modas parisienses. Eu assisti a uma *soirée* onde estavam diversas, vestindo as mais recentes *toilettes* e algugumas muito graciosas.

A Covilhã tem casa de Misericordia, a que diversos cidadãos deixaram legados importantes, e um hospital, fundação antiga, privado de todas as condições hygienicas, sem ar, sem espaço e sem luz. Possue asylo de infancia desvalida, que abriga, educa e sustenta 12 creanças do sexo masculino, e dá lição a mais 16. O edificio é grande, e as aulas, e as camaratas estão em boas condições. Assisti á lição dos pequeninos. Alguns de 5, 6 e 7 annos já liam correctamente. A professora é zelosa,

carinhosa com as crianças e tem certa illustração. Não gostei de os ouvir repetir automaticamente em superflua cantilena regras arithmeticas de um compendio muito diffuso, e que de certo não aproveitam ás crianças, que assim não as ficam comprehendendo. A professora é de Lisboa. Ensinaram-lhe cá a leccionar d'esse modo. O defeito não é d'ella. A alimentação das crianças é sadia. Tem carne todos os dias. O asylo já possue 16:000$000 réis nominaes de fundo. 10:000$000 réis deu-os o sr. visconde da Curiscada.

Ha na cidade duas escolas de instrucção primaria. Uma é muito frequentada. A outra ou não tem professor ou o que tem não satisfaz. Está ha tempo decretada pelo governo uma escola profissional, mas em letra morta. O concelho de districto tambem votou o ensino do desenho linear. Egualmente se não cumpriu. Pois ambos esses cursos eram indispensaveis á prosperidade da população, porque instruiam a classe operaria, habilitando-a a aperfeiçoar os seus trabalhos e era uma obrigação severa de que o estado, e a administração local se desempenhavam, e que constitue divida que está por solver. É preciso que os governos e os municipios vão pagando essas dividas.

Os paços do concelho, que actualmente estão sendo convenientemente reformados para ficarem ali bem accommodadas as diversas repartições, e

n'elles se fazer uma sala propria para reuniões populares, são na praça denominada do Pelourinho. Na sala das sessões conservam-se, em signal de gratidão, os retratos do marquez de Pombal, o restaurador da industria, e de Passos Manuel, que a vivificou com protectoras leis. São a oleo e muito parecidos.

Do pelourinho ou picota, poste da indole da columna Menia de Roma, só existe, derribado, o tosco monolitho que o constituia. Aquella pedra foi a *Gazeta dos Tribunaes* e a penitenciaria do passado. Os delinquentes, e nomeadamente os que roubavam o povo, eram expostos á irrisão e execração publica presos ás argolas do pelourinho, ou *empicotados*. No Codigo Affonsino lê-se que:

— As paateiras (vendedoras de comestiveis), candeeiros, carniceiros e regateiros... que defraudarem o peso pela terceira vez, e que forem culpados nos seus officios, devem ser postos na picota.

Assim ficavam conhecidos. Fizeram bem em deitar a terra as picotas. Não havia pelourinhos que chegassem para todos os que roubam os povos. São muitos.

N'esta praça do Pelourinho, da qual se vê lá em cima, solitaria, coberta de era, a antiga Torre de Menagem, onde o senhor da terra prestava preito ao rei, faz-se, de antiga data, uma singular tourada ao divino.

Entre as fragas da serra, extra-muros, na encosta que impende á cidade, ha uma ermida consagrada a Nossa Senhora da Vera-Cruz, mantida por uma *confraria de moços solteiros*, alguns dos quaes são *velhos*. É um formoso templo com o tecto cheio de vistosos quadros a oleo representando scenas da vida de Christo e tem o altar-mór de talha dourada. O antigo compromisso, reformado em 2 de outubro de 1698, ordena no capitulo 22.º que no dia da Natividade de Nossa Senhora os mordomos, tendo previamente comprado e conduzido á villa (hoje cidade) um touro, o corram, segundo o costume da confraria. Vão, pois, na vespera da festa os mordomos de ponto em branco, e com musica, *esperar o touro*. Na tarde seguinte, armadas as trincheiras e palanques na praça, e estando á postos todo o povo, entram os mordomos, com luzido sequito, vestidos de casaca de seda, calção e meia, çapato de fivella e chapéo tricorneo, munido o juiz de um tronco de pinheiro com quatro esgalhos com bicos de aço e muito enfeitado, e tendo o escrivão dado tres voltas na praça, agitando circularmente a bandeira da irmandade, sae o boi do curro, e o juiz é obrigado a aparar-lhe as tres primeiras investidas com o singular forcado, deixando depois o bicho aos curiosos. Um dos heroes d'estas touradas, o que representa ali redivivo o genio tauromachico, é um velhote gordo e folgasão,

o sr. Doutora, que me disse cheio de orgulho:

—A mim parece-me que ainda brinco melhor que o Carmona.

Uma madrugada, ao fim de seis dias de hospedagem regalada de obsequios, saciados de deliciosas trutas, tenras perdizes, frescas enxovas, dulcissima tronja, e cheios de saudades pelos dons da amisade, subiamos a serra os tres companheiros, seguidos por um criado, em quatro gordas mulas, dizendo adeus á cidade industrial

De la Cava fatal illustre cuna

como escreveu um poeta.

A proposito d'esta tradicção vieram-nos á lembrança as estrophes conhecidas do *Poema da Cava*. Pretendem alguns que esse poema foi achado no castello da Lousã, quando o tomaram aos mouros, mas esta circumstancia, que dava ao fragmento maior antiguidade, não é caso averiguado, e duvida-se muito da sua veracidade. O estado de deterioração do manuscripto era tal que só se poderam copiar quatro oitavas. Vou reproduzil-as da *Europa Portugueza* de Faria e Sousa, edicção de 1680, onde, aliás, creio que veem um tanto estropiadas. Ainda nos arraiaes da critica se debatem indecisas as opiniões sobre a epocha a que pertence esse resto do mais antigo monumento da poesia des-

criptiva portugueza. O auctor da *Historia da poesia portugueza*, que n'um dos seus primeiros livros collocára a data da formação d'esse poema no seculo XII, estudando mais desenvolvidamente o assumpto no interessante livro dos *Trovadores galecio portuguezes* pensa que essa composição seja do meado do seculo XIV, e vê no tom elegiaco d'esse fragmento um resto do lyrismo introduzido pela escola provençal, influenciada pela tendencia para a poesia historica. A linguagem é a portugueza-galeziana, a predominante em o norte do paiz n'aquelle cyclo litterario. As quatro oitavas referem como a violencia de Rodrigo sobre a Cava, enchera de ira o conde Julião, e o bispo Opas a ponto de os instigar a convidarem os mouros a virem conquistar Hespanha, e o modo como isso se fez.

Eil-as aqui:

O rouço da Cava imprio de tal sanha
A Juliani e Horpas a saa grey daninhos,
Que emsembra c'os netos d'Agar fornesinhos,
Uma atimaram prasmada façanha;
Ca Muça e Zariph com basta companha
De jusu da sina de Miramolino
Co falso Infançon, e Prestes malino
De Cepta aduxeron ao solar de Espanha.

E porque era força, adarve, e foçado
Da Betica Almina, e o seu Casteval,
O conde por encha, e pro comunal
Em terra os encreos poyaram a saa grado,

E Gibraltar, maguer que adarvado,
E co compridouro per saa defensão
Pello suso dito sem algo de afão
Presto foi delles entrado e filhado.

E os ende filhados leaes aa verdade
Os hostes sedentos do sangue de onjudos
Meterão a cutello a pres de rendudos
Sem que esgoardassem nem seixo ou idade.
E tendo atimada a tal crueldade
O templo e orada de Deus profanaram
Voltando em mesquita hu logo adoraram
Saa besta Mafoma a medes maldade.

O gazu, e assalto que os da aleivosia
Tramarom (por volto de algozes sayões)
Co os dous almirantes da hoste mandões
Quedarom com farta soberba, e folia :
E Algezira que o medes temia
Por ter a maleza cruenta sabuda
Mandou mandadeiro como era teuda
Ao rouçom do rei que em Toledo sia.

VIII

No monte dos Herminios. O nascer do sol. Como a serra é silenciosa A agua. Adeus á Covilhã. As fórmas phantasticas das pedras. O cardeal de Alpedrinha e D. João II. Mitra dada ao voltarete.

Emquanto galgavamos a empinada encosta por asperos e sinuosos carreiros, começou a levantar-se

já ao longe, por traz da serra da Gata em Hespanha, ultima muralha de pedra que delimitava o nosso horisonte para a banda do nascente, uma claridade indecisa, desmaiando o azul escuro do ceu, em toda aquella orla d'elle. Essa larga facha foi clareando lentamente; pallida a principio tingiu-se a pouco e pouco de côr amarella, que gradualmente se tornou aurea, e depois se avermelhou, como se um pintor inexperiente na composição das côres estivesse alli accumulando camadas sobre camadas de tinta, procurando imitar o sinistro reflexo de um vasto incendio.

— E' a primeira queimada que vejo este anno, disse um dos nossos companheiros, esfregando os olhos, e buscando fixar a estranha imagem no angulo visual.

— Não é queimada, senhor, é o sol que vem nascendo, tornou o nosso guia.

Era effectivamente o sol que vinha, fazendo allumiar o seu caminho por fachos de diversos clarões. Nós quasi o não conheciamos. Se a gente em Lisboa ergue-se tão tarde! Pois era elle, o eterno lampadario do templo do Immenso, era elle, o contemporaneo de todas as idades, a luz e o calor de todos os dias, o astro de todos os povos, o amigo de pobres e ricos. Sentimo-nos grandes por elle. Via-mol-o nascer lá em baixo, e nós estavamos cá em cima, a cerca de 2:000 metros de altitude. Pa-

recia-nos estar-lhe muito superiores. Mirámol-o até com tal ou tal desdem, e estavamos para bradar-lhe com o arrojo poetico de Espronceda:

O sol! a ti llega
Y en medio o de tu curso te parára!

Mas quando nos dispunhamos a dirigir-lhe a palavra, quando iamos, talvez, em phrase atrevida e importuna, dizer-lhe ainda com o infeliz emigrado:

Pára, y oye-me, ó sol!

aquelle immenso globo de fogo cercado já do resplendor da magestade divina deslumbrou-nos com os seus jorros de luz ardente, e a nossa vista não pôde supportar a violencia de seus raios! E todavia elle estava a 138:040.000 kilometros de nós!

Corria uma brisa fresca vinda do seio da montanha. Ao contrario do que n'essa hora encantadora se observa e escuta sempre nos campos, não se sentia na serra o movimento, a vida, a alegria. Estavam quedas e solitarias as penhas, silencioso o ar, não rumorejavam ramas de arvores, não recebia aromas o olfacto, não chilriavam aves, apenas se sentia deslisar-se da cumiada a agua de uma nascente que parecia ir correndo pressurosa para acordar o trabalho lá em baixo na grande povoação fabril.

Vae, ó agua, socia, protectora e amiga seculâr d'esse povo activo, que está ha talvez mil annos a gastar as forças, e a derramar o suor e a vida n'um lidar continuado para vestir Portugal, escrevendo em phrase modesta uma das paginas mais brilhantes da historia do trabalho nacional; vae, operaria incançavel, mover aquellas rodas, lavar aquellas lãs, fertilisar a cidade, e o campo, dar pão e conforto áquella gente. Vae, associada ao fogo, que vós sois os dois fecundos caudaes de beneficios, as duas poderosas alavancas da industria universal, vae formar com elle o vapor nas caldeiras para mover as machinas, que estão operando uma transformação gloriosa, uma revolução civilisadora no seio da infatigavel serrana, pelo seu merito tornada cidadã. Leva-lhe uma saudade nossa, e pede-lhe que se anedie e alinde, tornando agradavel o que é bom e util, para que, quando nós aqui voltarmos, e quando vierem visital-a outros romeiros, que hão de vir de muitas partes, vejam n'ella, não só a serrana laboriosa, morando em acanhada cabana, trajando a sua mais grosseira lã, para não desacumular capitaes, e gastando pouca agua em si para que lhe não falte ás rodas dos engenhos, mas tambem a operaria asseada, elegante que sabe ganhar e applicar, a franceza Elbeuf, ou a ingleza Leeds.

Iamos atrevessando por entre degradações graniticas das fórmas mais phantasticas. Aqui parecia-

nos um mocho enorme, ante-diluviano, prehistorico, piando sobre um penhasco; ali viamos uma caravana de seres informes montados sobre elephantes, e dromedarios; acolá defrontavamos com dois gigantes, dois cyclopes, por ventura Polyphemo e Brontés, chegados fronte a fronte, conversando muito á mão, talvez ácerca do modo de destruir esta geração sonhadora, e anemica, insolente e febril, com as enormes molles de pedra soltas, que parece a cada momento desprenderem-se da montanha e rolarem sobre nós, bolas tremendas com que elles brincam por alli nas horas vagas. N'um dos pontos mais escarpados estava um cone collossal invertido apoiado pelo vertice, agudissimo, n'uma outra pedra, parecendo que o mais leve sopro o faria desinquilibrar-se.

Iamos entranhar-nos no seio do monte Herminio, que toma o seu nome dos povos que o habitaram, os quaes, segundo dizem historiadores antigos, fabricavam as espadas com que os turdulos, os iberos, os lusos, os limicos e outros muitos que viveram em nossas regiões faziam as suas guerras. Botelho, no poema Alphonso, diz, referindo-se aos guerreiros, que acompanhavam o audaz conquistador:

> Vão muitos do confim e heroico assento
> Que engrandece a altivez do monte Herminio:
> A espada lusitana, seu invento,
> Manejavam com forte predominio.

Lançámos ainda um olhar aos campos de Covilhã, e ás montanhas que circundam a uberrima-cova da Beira, enviámos uma lembrança ás bellas mattas do Fundão e Alpedrinha, e, a proposito d'esta encantadora villa, fomos recordando um caso da vida do celebre *cardeal d'Alpedrinha*, D. Jorge da Costa:

D. Jorge da Costa nascera em Alpedrinha, em 1406, por isso lhe chamavam o *Cardeal d'Alpedrinha*. Confessor de D. Affonso v e intimo da familia real, havendo já sido mestre de uma das infantas, a sua voz tinha bastante auctoridade e era ouvida com reverencia nos conselhos da corôa; fazia até excessivo peso no animo do rei; mas o infante D. João, que depois foi rei segundo d'este nome, tinha, como lá se diz, cabellinho na venta, e odiava de morte os cortezãos que queriam dominar o monarcha e opprimir o povo; que eu creio que o cardeal não entraria no numero d'estes ultimos. A D. João pareceu-lhe que devia haver um povo e um rei, que o rei podia ser absoluto e até despota, mas ser só elle absoluto e só elle despota; não deixar dividir o poder e o arbitrio por muitas mãos, porque então eram muitos a opprimir. D'esta arte começou desde muito cedo a esmagar os grandes com o peso dos pequenos, ou antes com o seu querer omnipotente, e a fortalecer o seu querer omnipotente com a sympathia popular.

O povo foi sempre, é ainda hoje, e provavelmente será por muito tempo o instrumento de todas as oppressões, mas D. João II, invocando-o contra os senhores feudaes, embora para robustecer a monarchia obsuluta, confessava-lhe, sem o querer, a soberania.

«O principe, diz Garcia de Rezende, nunca foi contente das cousas do cardeal de Portugal, D. Jorge da Costa, nem lhe parecia bem a muita honra que el-rei seu pae lhe fazia, mais do que era rasão, com o que o cardeal se mostrava rijo e fazia algumas cousas mais solto do que devia, de que o principe tinha desprazer por el-rei lh'as consentir.»

Estando, pois, a côrte em Almeirim, e andando todos a passeiar no campo, o principe apartou-se com o cardeal, a cavallo, e tomaram caminho de Santarem. Chegados á ponte de Alpiarça, D. João mandou parar o seu sequito, e, com os moços da estribeira adiante e afastados, passou a ponte com o cardeal. Dirigiu-lhe a palavra em termos *asperos* e *feios*, diz ainda o chronista, estranhando-lhe o proceder, do que o cardeal se desculpava como podia:

—«Pelo que, é nada, a um cardeal tão mal ensinado, desagradecido e de má condição, concluiu o principe, mandal-o tomar por quatro moços de esporas, e afogal-o em um rio, e dizer que caiu e se afogou por desastre!»

N'isto haviam chegado á margem do rio e o pobre do cardeal tornou-se de mil côres com medo que o demonio do principe fizesse o dito verdadeiro. E que era capaz de o fazer sabemol-o nós, que elle apunhalou o duque de Vizeu em Setubal, por conspirar contra sua pessoa, fez cortar a cabeça ao duque de Bragança em Evora, e poz violentamente o tacão do pantufo sobre a fronte do feudalismo, fundando nas ruinas d'elle o absolutismo monarchico. O nosso cardeal andou d'alli por diante muito caladinho. Parece que o odio de D. João provinha principalmente de D. Jorge lhe ter aconselhado que restituisse a corôa a el-rei D. Affonso v, seu pae, quando sua real senhoria regressou de França. Acrescenta-se que o illustre membro da egreja lusitana, vendo um dia o principe atirar com uma pedrita na margem do rio, exclamára:

—Esta não me ha-de a mim cair sobre a cabeça.

E foi-se pôr a bom recado na cidade de Roma, nunca mais voltando ao reino.

De um cardeal é facil a transição para um bispo, e vem a pêllo narrar, ao pé d'esta anedocta antiga, uma anedocta moderna, que se conta pelos sitios que vamos percorrendo.

O bispo de tal, dizem os narradores, ganhou a mitra ao voltarete. Era ainda cura de uma freguezia, quando lhe aconteceu achar-se a jogar o

voltarete com um dos nossos homens de estado:

— Cura, lhe disse este, gracejando, se me dá um codilho faço-o bispo em eu sendo ministro.

Envidou o cura toda a sua tactica, e deu um codilho ao parceiro. Passado tempo, no eterno voltarete da politica, o estadista *teve a chalupa*... da governança, e o cura, que tinha a promessa, embora ao jogo, entendendo que isto de adquirir posições é tambem um jogo, foi lembrar o promettido ao ministro. Este, que era homem de palavra, vendo que o padre apresentava disposições para bispo, elegeu-o. A curia confirmou-o, e ahi está como não é impossivel ganhar-se uma mitra ao voltarete.

IX

O interior da montanha. Um circo? A Guarda. Noção geologica da formação das montanhas graniticas. Viriato. Seu valor, caracter, costumes e acções. A victoria e a traição.

Quando penetrámos no interior da serra deparou-se-nos um vasto circo, que, pela sua disposição crateriforme, nos pareceu ser um dos circos de que fallam os geologos. A disposição das collossaes penedias constitue ali como que um vasto amphithea-

tro, que mais pareceria obra da industria humana se se admittisse a possibilidade da mão do homem mover e agrupar tão caprichosamente aquellas molles espantosas.

N'uma das paredes do circo, vê-se, por exemplo, assente pelas extremidades sobre duas pedras espheroides, cujo diametro não medirá menos de trinta metros, uma pedra achatada e de mais de cincoenta metros de comprido, formando as tres no seu conjuncto como que uma grande ponte. Corre perto um pequeno valle, por onde se deslisa um ribeiro, e ahi ha pastagens, em que andavam alguns rebanhos.

Aqui, olhando ao norte, vê-se o velho castello da Guarda. A cidade de D. Sancho fica-nos occulta além das collinas. É cidade serrana, abrigada tambem como Covilhã no prodigioso manto do Herminio, que a inunda de aguas, flôres e fructos. O Mondego banha-lhe os muros, formando junto d'elles uma quebrada. Dizem que é formoso o seu aspecto. O fundador, D. Sancho, cercou-a de uma solida muralha de cantaria com seis portas, e fortes torres. Da atalaya, ou *guarda*, do castello lhe veio o nome.

Vêem-se no seio da montanha retalhos de terreno arroteado. Qualquer serrano encontrando por ali solo apto para amanho, o póde cultivar.

Excluindo estas nesgasitas, aonde a mão do ho-

mem quiz modificar a asperesa natural da montanha, ella conserva a sua rudesa original.

Ao considerar esta cadeia de montes de variadas estructuras, em que a cordilheira aqui se subdivide, e as suas complicadas ramificações, lançadas em direcções diversas, o espirito sente-se desejoso de conhecer a historia da formação d'estas massas enormes de granito. Não nos illudâmos, porém; os geologos previnem-nos que não nos embeveçâmos na enormidade das montanhas, ainda as mais altas, porque ellas não são senão insignificantes protuberancias na crusta da terra, tão pouco perceptiveis, se considerarmos a terra no seu todo, como as rugosidades da casca de uma laranja!

O globo foi todo n'uma epoca indeterminada uma massa fluida, resultado da fusão ignea de muitos elementos, e ainda hoje o é no seu interior, tendo apenas a superficie consolidada, por effeito do resfriamento, na espessura de 20 kilometros, considerado que o raio terrestre tem 6:000 kilometros, o que corresponderia á grossura de uma folha de papel n'um globo de 1 kilometro de raio! Logo desde o periodo d'essa consolidação, que se operou no seu permanente gyro nos espaços, a sua superficie ficou coberta de relevos, formando montanhas e abrindo leitos a mares e rios; mas successivas catastrophes resultantes da elaboração interior d'essa massa ignea operaram transformações

prodigiosas n'essa superficie. Aqui ergueram-se montes e valles onde se agitavam mares; alli imergiram em fundos pélagos, montes, e planicies; e mais tarde, depois de gerados os seres organicos, foram muitos sepultados nas entranhas da terra e no seio dos mares!

O sr. Elie Beaumont determinou trese catastrophes principaes no globo, as quaes removeram as camadas sedimentares que revestem a sua crusta, e que, sobrepostas umas ás outras, são outras tantas paginas da sua historia millanaria. Á nona d'essas catastrophes, uma das mais vastas que abalaram o nosso planeta, e que fez levantar do seio das aguas boa parte do continente europeo, se deve o nascimento da cadeia dos Peryneos, da qual se considera serem uma ramificação estas serranias. (Salvo a opinião que não julga estas rochas plutonicas, mas sim vulcanicas, e portanto fóra do systema perynaico).

A nossa alma não logra imaginar o estupendo quadro d'esse espantoso acontecimento ante-diluviano.

Á voz tremenda do Eterno brotaram das profundezas insondaveis do abysmo aquelles jactos collossaes da massa ignea, estallando a crusta da terra, e arredando e dividindo as aguas do mar; e foram crescendo, e subindo, resfriando, cristalisando-se, e formando esses gigantes de granito de

que aqui vamos percorrendo um insignificante membro, e ao redor dos quaes se vão movendo alguns milhões de atomos, animados pelo sopro divino, até que um dia outra elaboração do elemento igneo produza alguma nova, e ainda mais estupenda catastrophe, que os absorva e funda no cadinho em que refervem os materiaes da creação!

Passado o pequeno valle, entrámos n'um labyrintho de penedias, atravez do qual as nossas mulas nos conduziram intelligentemente, sem os auxilios de nenhuma das escassas Ariadnas que de longe em longe o viageiro encontra por estes sitios.

—Foi do interior d'estas fragas que soltou o grito da liberdade contra o despostimo da republica romana o pastor Viriato! bradou um dos nossos companheiros.

—As sombras de vinte seculos não empallideceram ainda a gloria do pastor lusitano.

Sim, foi aqui na serra da Estrella, que elle reuniu e armou com as espadas que se fabricavam proximo d'estes montes as tribus que viviam nas suas encostas. Foi d'aqui que elle baixou, temeroso e altivo, a affrontar e fazer estremecer o poder romano. Successivamente os lusitanos haviam sido explorados e opprimidos pelos phenicios, pelos gregos e pelos carthaginezes. Para expulsarem de suas terras estes ultimos, auxiliaram os esforços dos romanos, que se apresentaram aos peninsulares

como libertadores. Aos romanos, porém, não os movia o amor da liberdade, nem o interesse dos opprimidos, senão a ambição e o desejo de se substituirem aos antigos dominadores. Devemos confessar que n'este ponto o mundo não melhorou muito. O que os romanos então faziam observa-se ainda em nossos dias. Ai dos povos que abdicam a consciencia da sua força nas mãos dos seus naturaes cubiçadores e entregam ao arbitrio do mais forte os seus mais caros interesses!

A chegada dos primeiros pretores romanos, que inauguraram seus governos com toda a especie de violencias, foi para os opprimidos o signal da rebellião. Começou a luta. Mas Roma tinha por si a vantagem de possuir exercitos bem organisados e convenientemente armados, e saiu victoriosa, depois de deixar inundadas de sangue as nossas planicies.

Foi então que do alto d'estas cumiadas e pelo interior d'estas fragas soou a voz ameaçadora do pastor do Herminio.

Viriato desceu a encosta com as tribus que obedeceram ao seu mando, e dispoz-se a reclamar em campo aberto liberdade e independencia para a montanha e para o valle. Alliado fiel da republica não duvidava sel-o, escravo d'ella nunca!

Começou, pois, por assaltar em ciladas e surprezas os avaros invasores, arrancando-lhes as riquezas que elles extrahiam das suas terras.

Augmentando dia a dia o seu prestigio, e juntando ao redor de si os diversos povos lusitanos, o altivo pastor acabou por fazer guerra de exterminio aos invasores, aceitando-lhes batalhas formaes, e medindo-se com os seus generaes mais experimentados.

Este homem extraordinario juntava á valentia a abnegação, e despresava as riquezas de que se apossava, distribuindo boa parte d'ellas pelos seus soldados e dando o resto aos pobres. Era sobrio, austero e infatigavel. Raro gosava o repouso de uma cama; poucas vezes renovava o fato; nunca largava a lança e o escudo; e alimentava-se das comidas mais rudes. Tal o descrevem historiadores romanos, e assim o pinta Dunham.

Era um caracter simples, uma vontade forte, um animo generoso. Casando com a filha de um camponez abastado, não quiz assentar-se á mesa do banquete com que o sogro quizera festejar-lhe a boda. Elle sabia que o prazer e o goso inervam; e era tempo de guerra! Comeu, de pé, um bocado de pão e carne, e, feitas as despedidas do ceremonial, sobraçou a sua noiva, montou a cavallo, com ella a seu lado, e galopou para a montanha, onde tinha acampados os seus sequazes.

Derrotou o numeroso exercito de Vitellio nas planicies do Alemtejo, perseguindo os soldados fugitivos até Carpetania.

No mesmo Alemtejo abateu o orgulho dos pretores Unimano e Plaucio.

Levou suas lanças, fundas e espadas victoriosas até á Betica, evitando sempre em suas marchas o prejudicar as searas e a vegetação dos campos. Alcançou ali novo prestigio. Roma, conhecendo quão terrivel inimigo era o pastor portuguez, mandou a combatel-o, com dez mil homens, o consul Quinto Fabio Maximo. Após elle veiu o consul Metello. O selvagem montanhez, como lhe chama o nosso primeiro historiador, resistiu-lhes tenazmente, mas a superioridade do numero e a covardia de algumas tribus, suas alliadas, fizeram-o recolher á Lusitania.

Duas vezes aqui desbaratou o consul Serviliano. Pompeyo Rufo, seu successor, viu-se obrigado a ajustar a paz com Viriato. Refere Apiano que esse tratado foi approvado e ratificado pelo senado romano. Se isto é certo não tinham tão pouca importancia militar como lhe suppoz um escriptor portuguez moderno os feitos d'esse guerreiro. Repousava, porém, no seio da paz e da gloria o pastor do Herminio, satisfeito de haver libertado a terra da patria, quando Scipião, que succedera a Pompeyo, traindo covardemente a paz jurada, o veiu surprehender com um poderoso exercito. Viriato não se acobardou. O direito é a mais invencivel das forças. Desceu novamente da montanha

a levantar as suas hostes, a organisar o seu exercito montesino, e com elle marchou contra o inimigo. Mas, tendo mandado tres parlamentarios ao acampamento de Scipião, para saber as causas da infame quebra do pacto de honra que a republica havia firmado com elle, o general romano subornou esses tres perfidos para assassinarem á traição o libertador dos lusos.

Dias andados, quando Viriato, vestido com sua armadura, descançava descuidoso no interior da sua tenda, o ferro homicida dos traidores lhe atravessou o coração nobre, ardido e generoso, extinguindo n'elle o mais forte baluarte da independencia do povo d'estas regiões.

Quando o sol assomou no Oriente allumiou a fuga dos assassinos, e a escravisação, e a derrota dos lusitanos.

Mais tarde Viriato teve em Sertorio um vingador.

— Então dize-nos cá, não é possivel de modo algum ir aos Cantaros? interrogámos nós ao criado que nos acompanhava.

— Eu nunca lá fui, senhor, mas já lá andou perdido um homem tres dias, e é muito perigoso trepar lá acima. É preciso dois dias, botas grossas e de grandes taxas, paus ferrados, e ainda assim é bastante arriscado. Não vê o senhor aquellas nuvens negras? Pois aquillo quer dizer que póde vir de repente um temporal de neve de rapar tudo.

E depois contam-se casos de encantamentos e outras coisas... Não se póde, nem se deve lá ir!

É esta a opinião mais corrente em Covilhã ácerca dos celebres Cantaros da serra, dois montes legendarios e mysteriosos, que ali têem esse nome, e onde ha neves perpetuas, lagoas profundas, ruas singulares formadas pela natureza, e o extraordirio, e o espantoso. Toda a gente falla d'elles sem os ter visto, e até nós, para não fugirmos á regra commum, já que não podiamos dispor de umas botas proprias e de dois dias, que todos dizem indispensaveis para lá ir, passâmos a dar d'elles noticia por informação de outros mais felizes, até que pessoalmente possamos ir visitar essas grandes pyramides escalvadas, que tão de perto vimos, onde alvejavam no ardente agosto enormes camadas de gelo, e que, segundo pretende o padre Carvalho, se denominam Cantaros, porque na aldeia de Carvalho, ali proximo, tinham sempre os senhores d'ella cantaros de agua fresquissima da serra para saciar os viandantes. Devemos aqui destruir uma asserção poetica, mas erronea, de Macedo, na Olyssipo, onde diz:

> Que é de Herminia senhor « serra nevada »
> « Onde o quente verão nunca começa. »

Nós morreriamos abrasados de calor se não fosse

a agua das fresquissimas nascentes que encontravamos a cada passo.

X

Os cantaros: — o Gordo; o magro. As alagoas: a Secca; a Redonda; a Escura; a Comprida. Villa de Manteigas. Almoço a tres por... 120 rêis.

«Agora apparecem em maior proximidade os cantaros, a maior notabilidade da serra: primeiro descobrimos o cantaro gordo, que me pareceu em certa distancia effeito de algum vulcão, por sua cor e figura; mas considerando-o mais de perto, nem este, nem o cantaro magro, nem porção alguma d'esta serra, dão o mais leve indicio de vulcões. Os cantaros são duas desmembrações da ultima e mais elevada montanha para nordeste e leste, para onde o cimo e copa da serra tem algum declive, e para onde devem ajunctar-se grandes massas de gelo, e a agua precipitar-se de grande altura sobre a ribeira do Zezere que n'este sitio principia. O *cantaro gordo*, ainda menos destacado, faz a testa da montanha para nordeste, sendo accessivel por sudoeste. O *magro* está mais destacado, mas ainda adhere a ella até mais de metade de sua elevação; é todo cavernoso e de rocha alcantilada, e póde parecer-se a elle em

miniatura o maior fragmento imaginavel de um castello que desabou, não apresentando senão o esqueleto já mutilado de parte de sua immensa ossadura. A copa d'esta mais elevada montanha, que terá mais de meia legua de comprimento leste-oeste, é quasi todo o anno coberta de neve; e quando as chuvas quentes, impellidas pelos ventos do meio dia, põem em dissolução estas enormes massas de gelo, as torrentes hão de procurar os logares que tem declive e inclinação, e como para o nordeste e leste é uma das maiores, tendo de precipitar-se de grande altura, foram destacando e descarnando estes immensos vultos denegridos. O cantaro gordo, menos destacado e mais adherente á montanha pelo sul, é por este lado accessivel e póde montar-se, até considerar a grande altura e profundidade perpendicular, que lhe fica a nordeste e a norte.

« O magro, mais estreito, cavernoso e destacado não é facil poder-se subir, e até impossivel parece que alguem se arroje a esta obscura temeridade; mas assevera-se que se tem conseguido, torneando-o em fórma de espiral, e largando um fio a fim de voltar pelas mesmas passadas.»

Assim descreve um opusculo publicado ha annos pelo sr. Alexandre d'Abreu Castanheira os celebrados cantaros da serra da Estrella. Ouçamos agora o que elle diz das alagoas:

« A *alagóa secca*, assim chamada porque no verão está dissecada e no seu assento pastam os gados, nenhuma particularidade contém; ella não conserva as aguas como as outras, porque é quasi plana e não tem bordas elevadas que deixem accumular grande quantidade d'ellas.

« Mais a leste, tambem na base do Canaris, está a *alagoa redonda*, de figura circular, e póde tornear-se em toda a roda, ainda que com mais alguma difficuldade pelo lado do sul por onde adhere á montanha: suas bordas são mais ou menos engameladas, afóra um sangradouro que tem a nordeste por onde a Nayade que ali habita fornece da sua urna a primeira nascente da ribeira do Alva, que passa na Senhora do Desterro, mas que n'aquella occasião já não corre por effeito da estação. Ella tem 400 passos de circumferencia, de 7 palmos cada um, e inculca ter no centro 20 palmos de profundidade, calculando pelo declive das bordas e porque, sendo coberta de plantas palustraes em grande parte da circumferencia, no meio está limpa d'ellas. A sua agua não é demasiadamente fria; é não só potavel mas saborosa, e com ella mitiguei a sede mais de uma vez, porque ella se renova quazi todo o anno, e ainda nos mezes de julho e agosto alguma nascente terá no seu alveo. Ainda nas vertentes do Canaris, para o lado do norte, ha a *alagoa escura*, que é um poço no meio da encosta, for-

mado no meio da penedia, e que pela parte superior apresenta mui elevadas e escarpadas bordas; e ainda pelos outros lados não é muito accessivel. Escura se chamará porque não descobre o fundo, e porque, rodeada de penedia denegrida, dá um similhante aspecto ás suas aguas. Parece que d'esta é que se contam as estupendas maravilhas; entretanto ella tem pequeno ambito, e os pastores dizem que ella despeja o excedente de suas aguas para a *comprida*, que fica no mesmo valle na base do Canarís inclinando para oeste. Esta é com rasão assim chamada, porque occupa uma grande extensão em comprimento na rasão das outras, dilatando-se bastante pelo valle, de sorte que, vista de certa distancia, dá uma apparencia de um rio, em rasão de seu comprimento, estreiteza e tortuosidades, que surprehendem n'aquellas alturas. Pela sua localidade, um pouco mais inferior, ella reune as aguas que escorrem da secca, que caem da escura, e as neves e torrentes que se despenham de quasi todo o Canarís. Assim fornece ella uma abundantissima nascente á outra ribeira do Alva, que vem reunir-se á primeira abaixo da Senhora do Desterro, e tal é que no inverno se vê a algumas leguas de distancia da serra branquejar a cascata ou toalha que esta verdadeira urna do rio Alva faz quando se despenha da alagôa, e ainda nos mezes de verão ella não deixa de fornecel-o com algum contingente. »

Os naturaes contam mysterios da alagôa escura. Dizem que ella communica com o mar; que ali appareceram fragmentos de navios; que quando ha temporal no Oceano se sente n'ella o rugir das aguas; que n'ella se precipitou uma virgem, santa, fugindo á perseguição dos romanos. Até um criado que o viajante francez monsieur Morvellu ali fez descer amarrado com uma corda, julgou sentir que as aguas o puxavam fortemente, e pediu misericordia, ficando o sr. Morvellu desconfiado de que ella tem algum sorvedouro.

Ácerca dos cantaros ha uma lenda popular de certos thesouros e palacios encantados, mas não achei quem m'a narrasse miudamente. Supponho que já alguem a escreveu.

— Salve-os Deus.

— Deus lhes dê bons dias.

Tal foi a saudação que trocámos com uma caravana de banhistas que vinha das afamadas Caldas da villa de Manteigas. Eram homens, senhoras e creanças, a cavallo. Uns de lenços amarrados na cabeça, outros de palas verdes nos olhos; esta com uma creança ao collo; aquella acachapada n'um chaile, e empunhando um farto guarda-sol.

— Quantos dias demoraram?

— Quinze.

— Estão lá muitos banhistas?

— Perto de cincoenta.

— Ha bons commodos?

— Pouco bons.

Li ha dias n'um jornal que aquellas aguas thermaes são de effeito salutar em grande numero de doenças cutaneas e ophtalmicas, mas que o edificio d'estas thermas está immundo.

Descemos a pé uma ingreme e extensa vertente por terreno de alluvião e escorregadio para a villa de Manteigas. É graciosa e pittoresca a paizagem.

Toma esta villa o seu nome das boas manteigas que ali se fabricavam. Pertencia antigamente aos bens da corôa e deu-lhe foral el-rei D. Sancho I. Está assente ao sopé da serra (Estrella) que recebe ali o nome da povoação, e banha-a o rio Zezere, que corre entre duas elevadas montanhas, das quaes brotam muitas e frescas nascentes.

Ha ali alguns fabricantes de pannos, sendo os principaes os srs. Cunhas e José de Mattos.

Entrámos n'uma pousada, um dos hoteis da terra, a descançar. Casa de um só andar, negra como o peccado, esburacada como a indigencia, tecto e solho de madeira de castanho, que é a usada alli nas construcções, e mirante aberto ao sol, e ás brisas. Coseram-nos um frango para compor o almoço que tinhamos, deram-nos agua fresca, ameixas, uma garrafa de vinho e um pão, fizeram-nos chá que levávamos, pozeram-nos a mesa e emprestaram-nos sombra e cadeiras para descançar.

— Quanto é tudo?

— *Seis vintens.*

— Se não faz isso por *seis tostões,* não lhe pagamos.

Demos-lh'os e fugimos. D'ali á innocencia do paraiso terreal distava menos de um passo. Não admira. Se o municipio nem se lembrou ainda de fazer ao menos um carreiro direito para se descer dos montes á villa! Ó descentralisação, ó vida municipal!

XI

As cruzes da serra. Como se morre na neve. Mondeguinho Saudação ao patrio rio. Panorama deslumbrante. A villa de Ceia. Um professor?

Deixámos a villa de Manteigas e subimos, durante meia hora, outra encosta escrabosa, por carreiros sinuosos, á beira de enorme quebrada, aberta a prumo na serra, e pela qual se despenha abundante ribeira, formando nos penhascos, revestidos de hervas e florinhas silvestres, originaes cascatas. A maior parte d'esta vertente, como a do monte fronteiro, é revestida por densissimos soutos de carvalho e castanheiro, propriedade do municipio, que, tendo alguns rendimentos á sua disposi-

ção não abriu ainda sequer um caminho em qualquer d'estas serras, e deixa quasi incommunicavel no seu profundo valle a sua villa, tão formosa e tão digna de ser vista, e as suas Caldas, tão utéis e tão maltratadas.

Aqui começam a apparecer camadas de basalto.

Na crista do monte rebenta uma nascente de agua frigidissima.

Sentados á sombra de um castanheiro, no ponto culminante da quebrada, e em risco de escorregarem para o abysmo, que não terá menos de 200 metros de elevação, estavam brincando com pedras tres rapazitos.

— Algum de vocês anda na escola?

Não senhor.

— Tambem por aqui se não aprende a ler!

Atravessando ainda por entre penhascos chegámos á mais vasta planura da serra da Estrella. Já nos ficava occulta a Beira Baixa, e começávamos a avistar alguns pontos da Beira Alta.

Aqui e ali ao longo d'essa planura, bordada de mato, e junça, e cortada por diversos regatos, que, serpenteando pelo dorso da serra, vão, ajuntando-se com outros, tornar-se rios lá em baixo, erguiam-se alguns penedos sobre os quaes se viam diversas cruzes de madeira. Descobrimo-nos mais d'uma vez ante esse venerando symbolo de uma religião toda fraternidade e amor, e que traz ensopados

em fel e accesos em odio os corações de alguns dos que deveram ser seus mais tolerantes e perdoadores apostolos.

— Aquellas cruzes são signaes de gente que aqui mataram?

— De gente que a neve matou, respondeu A. com tristeza. De inverno aventuram-se á serra muitos homens que têem negocios a tratar para os sitios de onde vimos, e como isto por aqui está então absolutamente coberto de neve, e ás vezes a gente se perde n'este immenso geleiro, o que já a mim uma vez me aconteceu, vindo a cavallo, alguns têem pago com a vida a sua temeridade, morrendo para ahi congelados! Aquella cruz, acolá (e indicava uma posta ao norte), é memoria de um homem laborioso que ia muitas vezes vender pannos da Covilhã a Lisboa, e que aqui morreu sobre a neve ha poucos annos. O corpo d'esse desgraçado appareceu arrimado áquella pedra, dando indicio de que elle procurara ainda fugir á morte inevitavel. A mulla estava caida a vinte passos d'elle!

Imaginemos como acabaria esse malaventurado, sósinho, aqui n'este deserto da montanha, caido na neve, que lhe foi leito final, talvez porque com elle caíra, já sem forças, o animal que o transportava, servidor fiel que levou a sua dedicação até ao sacrificio da vida! Imaginemol-o, longe da familia e dos amigos, arrastando-se ao acaso, já meio

desvairado, porque o frio desvaira, supportando uma temperatura de 30, 40 ou 50 graus abaixo de zero, suspirando em vão por um lar, por um guia, por um elemento restaurador das forças vitaes, que o abandonavam; ouvindo a tempestade rugir-lhe sobre a cabeça, a sensibilidade diminuir; faltar-lhe a voz; sumir-se gradualmente a luz dos olhos; a loucura apoderar-se-lhe da mente, que todos estes effeitos produz tal situação; tomal-o um adormecimento fatal, emquanto que um ar glacial lhe penetra nos pulmões, o sangue lhe pára nas veias e o frio da morte lhe gela o coração!

— « Quem se sentar adormecerá, e quem adormecer não acordará mais! » Assim bradava, animando os seus homens, o doutor Solander, companheiro do capitão Kook, quando elles por entre as neves que cobriam uma das praias da Terra Nova, iam obedecendo ao somno fatal, que, segundo dizem os homens da sciencia, ataca em geral as pessoas que atravessam as neves, se a sua organisação não é d'aquellas que resistem aos frios intensos, porque muitos ha que resistem a 30, 40 e 50 graus, ao passo que outros succumbem facilmente a 18 e 20.

— Será muito dolorosa e demorada a morte dos que acabam na neve?

A's vezes é de poucos minutos e pouco dolorosa, porque, antes de se perder a vida, perde-se a sen-

sibilidade. O frio ataca principalmente o cerebro e o systema nervoso. Vem o idiotismo, o enfraquecimento geral, e por fim o mortal somno. Já tem acontecido, porém, permanecerem na neve tres dias, n'um estado de completa inanição e succumbirem só ao fim d'elles.

A congelação quasi nunca é geral. O rosto apresenta extrema pallidez, e a epiderme ordinariamente cae a pedaços.

Consagremos uma recordação respeitosa a esses obscuros martyres do trabalho, que, afrontando os rigores do inverno e as inclemencias da serra para procurarem o pão honrado para si e para os seus, acabaram a vida cruelmente, privados de todos os auxilios humanos, entregando o corpo á natureza, e depositando resignados a alma, essencia divina e immortal, no seio d'Aquelle de quem ella é um hafejo sublime.

« A's 12 horas da manhã de 9 de agosto de 1872 bebiamos agua nas nascentes do Mondego. São dois jorros que brotam de entre as penedias da serra, e formam dois regatos que se juntam na planura, onde já recebem o nome de *Mondeguinho*, cortando depois para o norte a seguir o seu caprichoso curso. O leito d'esses dois regatos é aberto por entre matto e junça. O volume da agua será o equivalente a pouco mais de duas telhas d'ella. »

Dediquei este apontamento na minha carteira ao

meu rio natal. Tinhamos feito parar as nossas mulas em signal de reverencia. Apeáramo-nos. Tirámos do alforge uma garrafa de *S. Julien*, que ainda ia em meio, e A. exclamou, convidando-nos a beber:

—Saudemos no seu berço o nosso patrio rio!

B., que matisára de bons ditos as conversações da viagem, e tantas vezes nos fizera o beneficio da sua illustração, commentou:

—Com vinho, para demonstrar a insufficiencia das suas aguas! Sublime exemplo de amor filial! «Prosterno-me» reverente.

E apeiou-se tambem e bebeu comnosco.

Instantes depois chegavamos ao extremo da planura, dispondo-nos a descer para Ceia, e abandonando a serra. Depois de mirarmos mais uma vez as grandes massas de gelo que ainda se observavam lá ao longe, no interior da Estrella, fixámos o deslumbrante quadro que se nos deparava.

—Esplendido, admiravel, exclamou B. Isto sim!

Descobria-se d'ali um horisonte vastissimo, um espaço enorme, toda a provincia da Beira Alta, uma das porções mais agricultadas do paiz, pequena parte da Beira Baixa que com ella confina, e grandes pedaços da parte sul da do Douro. Por entre campos e montes cobertos de vegetação viam-se distinctamente allumiadas pelo sol brilhantissimo do meio dia, mais de cem povoações, todo o districto de Vizeu e bocados do de Coimbra. E' um

dos panoramas mais surprehendentes o que se contempla d'este ponto da serra da Estrella.

Gastámos quasi tres horas a descer a ultima desmembração d'essa cordilheira collossal, que, desde o reino de Léão, em Hespanha, onde prende com a serra da Gata, sendo já esta um braço dos Peryneos, vem por nossas terras dentro estendendo-se até á beira do Oceano. O interior da montanha, quasi sempre agreste, desnudado e solitario, cortado de valles profundos com alguma vegetação, é por vezes grandioso e infunde no animo sensações que não se dissipam cedo. E' ali que se está inteiramente isolado no seio da natureza virgem, longe do contacto da civilisação. A civilisação é commoda, e engrandece o homem, mas tem venenos, e perfidias. A natureza simples é selvagem e bronca, mas tem doçuras, pureza e santidade.

Mais de uma vez as nossas valentes mulas pareceram hesitar em affrontar as escabrosidades e os perigos da descida. Era para ver o cuidado com que ellas iam procurando as concavidades das penedias para firmarem as patas e evitar uma queda que seria funesta.

Miguel Leitão de Andrade diz nas suas obras que esta serra se chamou antigamente do Estella, nome de um sacerdote, augur e triumviro romano que n'ella viveu. Tambem diz que appareceu gravado em uma pedra este mote:

Madanella
Nasceu na serra da Estrella
Que confina com as estrellas;
Tomou a aspereza d'ella
E a formosura d'ellas.

Petas poeticas de Leitão, que nos impingiu bastantes. A opinião mais aceite é que os pastores a denominaram sérra da Estrellá por n'ella haver um cabeço que apresenta a fórma de uma estrella.

Ao sopé da montanha ha uns povoados pobresinhos, mas cheios de agua e verdura, de flores e de brisas, de paz e de innocencia. N'um d'elles, cremos que chamado Cruz de Vasco Eannes, vimos uma ermida tosca aberta n'um penhasco, como os templos druidicos.

A's tres horas da tarde passavamos por Ceia, villa alegre, bonita e acceiada, com bons edificios, situada em logar alto e entre macissos de verdura. Dizem que a edificaram os turdulos; que foi senhor d'ella o conde Julião, o pae da *Cava*; seria; que D. Fernando Magno a tomou aos mouros em 1308; que D. Affonso Henriques a fez repovoar, e que D. Sancho I a augmentou e encheu de privilegios. Surprehendeu-nos haver n'ella uma serralheria que fabrica excellentes fogões. Teem fama de formosas as raparigas d'esta terra. Os exemplares que vimos ao passar inspiraram a um dos nossos companheiros este lisonjeiro trocadilho:

« E' bem certo, pois, que em Ceia
« Não ha rapariga feia. »

A's cinco horas descançavamos n'uma aceitavel pousada na risonha aldeia de S. Thiago de Ceia, tomados de sede, fome, cansaço e calor.

Quando nos apeámos estava no largo um homem de barbas grandes discursando ardentemente a um grupo de camponezes, com tacita audiencia do parocho, contra o governo, o chefe do estado e a maçonaria. Disseram-nos ali que era o professor official de instrucção primaria, mas posteriormente soubemos que o professor official não usa barbas, porque é padre. Folgámos com esta recente informação; e se em todo o caso aquelle tribuno antidynastico e demolidor é mestre de meninos, fazemos votos para que elle ensine os pequenitos a lerem correctamente, afim de que se livrem da influencia de uma politica determinada, e tomem um dia a côr com que a sua razão mais sympathise. Envenenar o espirito de uma creança com idéas sanguinarias e odientas, theorias falsas, e principios carunchosos, fanaticos e desusados, é mais que erro grave, é crime que não se deve tolerar. Não ensinar é mau; ensinar o mal é pessimo.

XII

Fructos da ociosidade. A estrada. Na Ponte da Murcella. Pede-se a Manteigas que as fabrique. Pescaria. A industria dos palitos. Recordações da patuleia. Rapido esboço d'esse periodo politico. O conde de Thomar. Meu pae.

Pernoitavamos em S. Thiago.

Ás 10 horas da noite chegára o trem que mandaramos vir de Coimbra para não esperar um dia pela diligencia que faz carreira entre aquella cidade e a aldeia em que nos achavamos. Deviamos erguer-nos ás quatro da manhã, e partir ás quatro e meia. Deitámo-nos. Ás tres e meia estavamos de pé.

— *Quantum mutatis ab illo!*

Sentiamo-nos vaidosos de tanta actividade. Fomos respirar a largos haustos as brisas da manhã, que vinha nascendo. Apenas ella apontou no horisonte A. bradou:

— Uma salva de 18 tiros ao raiar da aurora. Descarreguemos os nossos rewolvers, já que temos a má sina de até os lobos da serra não fazerem caso algum de nós.

Fizemos pontaria a uma arvore e disparámos.

Parte da população acordou apavorada.

Tinha rasão. Tantos tiros juntos só alguma quadrilha de ladrões das que durante muito tempo infestaram éstes sitios, ou algum bando de ociosos,

como nós eramos. Havendo reconhecido que eramos só isto, uns deitaram-se outra vez tranquillos, outros vestiram-se para ir á missa. Era domingo.

Trepámos para o trem. O cocheiro bateu. Iamos percorrer 93 kilometros até Coimbra. Estavamos, felizmente, n'uma estrada de primeira ordem, traçada com bom senso, e construida com arte e solidez. Alegra-se a gente quando encontra no paiz uma via d'estas e maldiz a incuria dos governos, e a cegueira de alguns partidos, que não teem deixado cortar o reino em todas as direcções com estradas d'esta natureza. Communicar é povoar, civilisar, e enriquecer. Nunca será sufficientemente affirmada esta verdade.

Durante o trajecto de muitos kilometros ainda se encontram a um e outro lado largos retalhos de charneca, mas já começa a actividade dos povos a agricultar aqui e ali. Vêem-se pequenos taboleiros de milho, grupos de oliveiras, e bocados de pinhal. O terreno presta-se a varias culturas. Ha movimento de carros na estrada. Dobrâmos um cotovelo da serra que nos fica ao longe e que vae descendo e diminuindo. Entrâmos no districto de Coimbra. Acolá nas abas da montanha estão as devotas capellinhas de Nossa Senhora das Preces, logar de uma alegre e concorrida romaria. Ao redor de nós vêem-se diversas povoações: Carregal, Santa Comba, S. João d'Areias, Midões, Oliveira do Hospital,

Taboa, Sinde, Avô, Lourosa, Valesim, na encosta, e muitas outras. Já aqui não predomina o aspecto melancholico que caracterisa a maioria das povoações da Beira da banda de alem da Estrella. Alvejam as casas caiadas, e junto a cada grupo de habitações ha um macisso de arvoredo.

Ergue-se o sol. Está limpo o ceu. Vae-se levantando a nevoa dos campos. Apenas lá ao longe se conservam, pendentes da atmosphera, dois extensos cortinados de tulle transparente, que dão poetico relevo á paizagem, e velam diversos grupos de arvores enfileiradas, choupos, salgueiros e alamos, que são o cortejo dos nossos rios. Á nossa direita é o Mondego que passa, silencioso e manso; á esquerda, torneando para a frente, é o Alva, do qual aquelle é suzerano.

Agora ouve-se uma muzica suavissima, que ha muitos dias não escutavamos, que nunca ouvimos nas charnecas, que raro povôa os echos da serra. São philarmonicos alados, que esvoaçam por entre os ramos verde-escuros de um castanheiro ali ao pé de uma seara de milho. Em todo o trajecto da serra, desde Covilhã até aos povos da encosta occidental, a unica ave que vimos foi um negro corvo, passaro carnivoro e antypathico.

Passam na estrada os camponezes de ambos os sexos trajando o seu fato domingueiro. Todos nos comprimentam com lhaneza. São animos francos,

singelos, fallam correctamente, e têem civilidade instinctiva que os torna agradaveis. É um caracteristico do povo d'esta parte da Beira.

Ás onze horas chegavamos á ponte de Murcella sobre o Alva, depois de atravessarmos dois pontões collossaes. O sol abrazava. Os cavallos iam suados. Tinhamos de passar ali as horas de maior calor. Não importa. Estamos n'uma das mais alegres estações da jornada. A paizagem é animada. Os montes têem verdura. Ha salgueiraes no rio; vogam peixes na agua; na margem piam aves; brincam creanças no areal, e as lavadeiras cantam lá em baixo de saias arregaçadas e pernas embebidas na corrente.

Para maior jubilo temos um hotel limpo, commodo, decente e farto, o hotel do sr. Manuel da Silva Mattos, o primeiro hotel, emfim, digno d'esse nome, em que entrámos durante a viagem, com exclusão de um que visitámos na Covilhã. Pedimos francamente almoço. Aqui já se póde pedir um almoço; sabe-se conjugar o verbo almoçar.

Aqui não é Manteigas, terra onde nem manteiga encontrámos; que tem vaccas e leite em abundancia, mas, se é preciso manteiga, a manda vir de Cork ou de Hamburgo! Peço áquella bonita villa que, ou mude de nome, ou estabeleça o fabrico da manteiga em grande escala. Esqueceria ella o processo da fabricação? Não tem que saber. Proce-

de-se á batedura do leite, depois de convenientemente aquecido para reunir em massa os globulos gordos, a *margarina*, a *oleina*, a *butyrina*, a *caprina*, e... a *caproina*... Depois lava-se, colore-se, salga-se. No modo de operar estes processos está o segredo da boa fabricação. É vergonha que o nosso paiz não produza manteigas para si. Mas remettamos os futuros fabricantes para os livros especiaes, para a segunda parte da *Technologia Rural* do sr. Lapa, por exemplo, que é utilissimo livro, onde vêem largamente explicados os melhores systemas de preparação dos lacticinios, e ouçâmos a criada que nos chama:

— *Está o almoço na mesa, meus senhores; se vossas excellencias quizerem mais alguma cousa terão a bondade de determinar.*

— Bravo. Plena civilisação. Isto é á franceza.

— Estariam aqui os francezes!...

— Não estiveram, porque os não deixaram cá parar. Passaram aqui em março de 1808, retirando perante as forças alliadas, sob o commando de Wellington, e o povo arremessava ahi d'esses montes sobre elles tremendas avalanchas de pedra; saía-lhes das moutas a esmagal-os, como o phantasma da morte; surgia-lhes das margens do rio a devoral-os, como os crocodillos do Nilo; não havia pedra, pau, caçadeira, chuço, fueiro que se não empregasse nos invasores, e o Alva ficou vermelho

do sangue d'elles, como já o ficaram o rio Ceira, e o Arouce. Por estas margens se lhes fizeram 1:000 prisioneiros, e desde a Redinha até aqui á Murcella appareceram alguns centos de cadaveres! O Massena, que já vinha batido do Bussaco, foi aqui desalojado de todas as posições, e retirou sobre Celorico, e d'alli sobre a fronteira, talando os campos, incendiando as povoações!

— A gente aprende a fallar com os senhores que aqui veem, objectou a criada, que escutára a narração com impaciencia, para dar a sua resposta; teem aqui estado muitos militares, engenheiros, fidalgos, e vae, como uma pessoa tambem não é estupida...

Almoçámos lombo com batatas, capão, bifes, fructa e chá

— Não ha peixe.

— Bom remedio! O rio é a dois passos.

Para passar o tempo alegremente organisámos uma *partida de pesca*. Requeremos tres anzoes com suas respectivas boias e fomos deital-os na agua. Esperando que o peixe picasse estendemonos sobre esteiras, á sombra, debaixo de um dos arcos da ponte, ouvindo o brando murmurio da corrente, escutando o chilrar das aves e gozando o frescor das brisas.

Ao fim de hora e meia de pescaria tinhamos colhido... o convencimento de que não colhiamos sequer uma miseravel boga!

Ó Nayades do Alva, dae-nos ao menos um peixe já pescado, uma truta, um savel, uma lampreia! occultae a nossa vergonha ás gerações futuras.

Ás tres horas o nosso trem torneava suavemente uma montanha elevada, do alto da qual se avistava o formoso valle de onde partiramos. Mais de uma vez consagrámos palavras de louvor ao engenheiro que dirigiu a construcção d'essa magnifica estrada, Mousinho de Albuquerque, nos disseram ter sido. Na descida a paizagem ia-se tornando cada vez mais risonha e verdejante. Ao nascente, assentada em prado viçoso e abrigada á sombra protectora de alguns montes, ficava a antiga villa de Arganil, que dizem ser fundação dos romanos. É banhada por duas ribeiras, confluentes do Alva, que a fertilisam. Essa terra é o centro da fabricação dos palitos, industria que emprega consideravel numero de pessoas, e que representa uma producção annual de mais de 30:000$000 de réis, podendo desenvolver-se muito com a exportação para os paizes estrangeiros, onde não ha a madeira do salgueiro especial com que se fazem esses rusticos instrumentos indispensaveis á limpeza dos dentes, á hygiene da bocca, e que livram a gente de tantas afflições. Talvez pareça insignificante uma industria que só produz o equivalente de trinta contos annuaes. É porque se não sabe que esses trinta contos podem representar *setenta a oitenta milhões*

de palitos, e que cada pallito é submettido na mão do operario a 4, 5 ou 6 córtes de faca!

— Em Arganil esteve nosso pae refugiado com o irmão do actual director da alfandega de Lisboa, no tempo da patuleia, disse A.

— Como foi essa coisa da patuleia? perguntou B.

— É uma historia de hontem. Os documentos jazem dispersos, e estão ainda humidos do fel, do sangue, e das lagrimas com que foram escriptos. Era um periodo de actividade politica. Os campos distanciavam-se. Conheciam-se os lemmas dos estandartes. Os lidadores usavam côres distinctas e definidas. Eram mais perceptiveis e difficeis as apostasias, e menos facil colorir a ambição pessoal com a tinta albi-rosada do amor bem publico; combattia-se com mais energia, e fé mais viva.

Os espiritos andavam combustionados ao contacto das paixões politicas, que são o facho que ordinariamente allumia o caminho da liberdade, queimando, e purificando, ao mesmo tempo, chamma sinistra que destroe, e mata, e sol ardente que esclarece e vivifica.

Debatiam-se ainda dois grandes partidos, o setembrista, e o cartista.

Aquelle, radical, punha o seu fito n'uma constituição mais democratica que a carta de D. Pedro IV; proclamava a soberania popular desassombrada, eleições directas, camara dos pares electiva, dizia

querer desenvolvida a liberdade individual, garantida solidamente a manifestação do pensamento, aperfeiçoadas as instituições publicas.

Este, conservador, pretendia a manutenção inalteravel e integral da carta, fóra da qual não via livres de perigos a patria e a dynastia.

Um affagava as tendencias populares. Outro acalentava as inclinações da rainha, que desejava conservar intacto o legado politico de seu pae, e lhe parecia um sacrilegio o tocar-lhe.

Os radicaes chamavam-se setembristas, porque haviam realisado em 9 e 10 de setembro de 1836 com a guarda nacional uma revolução em Lisboa, obrigando a rainha a ir á camara municipal jurar a constituição de 1822, até convocar côrtes constituintes para reformarem o codigo fundamental. Depois de diversos incidentes revolucionarios, cuja historia se não faz em poucas palavras, discutiu-se e proclamou-se uma nova constituição em 1838. O partido cartista, porem, não adoptava essa transformação e continuava a lidar com ardor e esperança na restauração da carta de D. Pedro.

Foi por este tempo que começou a avultar na scena politica o homem, cujo nome, por uma serie de circumstancias extraordinarias, se tornou lendario para o povo das aldeias, *Costa Cabral* (Antonio Bernardo, depois conde de Thomar) antigo advogado, e deputado ás constituintes de 1838.

Politico energico e astuto, dotado de talento e perspicacia, servidos por uma vontade forte, elevado aos concelhos da nação, conquistou com a estima da côrte a preponderancia nos negocios. Feito chefe do partido cartista, depois de ter ido ao Porto em janeiro de 1842 proclamar revolucionariamente a restauração da carta, a rainha D. Maria II, animo caprichoso e varonil, que apreciava os homens que lhe parecia alliarem ao talento, e ao senso politico a coragem, começou a tel-o em grande conta. Dentro em pouco o paiz só via n'elle a força motriz de todo o mechanismo politico e administrativo, o unico responsavel por todos os desarranjos e atritos das suas rodas e engrenagens. O partido setembrista agitava a opinião contra elle, considerando-o o seu antagonista mais temido.

O conde de Thomar era com effeito tão máo para antagonista, quanto bom para amigo. Tratei com este estadista algumas vezes n'estes ultimos annos, quando occupei o logar de chronista litterario, e folhetinista do jornal, *O Conservador*. É um homem lhano, affavel, de extrema simplicidade de trato. Os seus partidarios adoravam-n'o porque elle era-lhes dedicadissimo, e faria todos os sacrificios para os servir em qualquer pretenção. Mas no tempo da patuleia viam-se as cousas á luz das paixões irritadas, e o conde era uma imagem sombria e tenebrosa, um vulto lendario como os das tradições

escandinavas. Devorava os filhos como Saturno, incendiava cidades como Nero, degolava innocentes como Herodes, e vibrava raios como Jupiter. Foram grandes os seus erros, é certo, mas não foram maiores que os de alguns outros homens publicos que a opinião tem favorecido.

Quando seu irmão José, depois conde de Cabral, notado jurisconsulto, e politico audaz, se fez vulto a seu lado a situação passou a denominar-se simplesmente: *Cabralista.*

As reformas emprehendidas por essa situação excitaram muito os animos. Uma transformação tributaria, que já depois foi preconisada por mais de um partido, sem grande reluctancia, — *altri tempi, altri pensieri,* — e uma lei de saude e hygiene, cujas disposições são hoje moeda corrente, mas acompanhadas de muitas imprudencias e violencias de que nem sempre seria mandante o poder central, fizeram estallar a *revolução do Minho.* Era um tempo de tanta excitação que se faziam prisões arbitrarias, e se atacavam com uma semceremonia digna das fulminações de Juvenal os mais elementares direitos. Até um ministro da fazenda, o barão do Tojal, chegou a prohibir por uma portaria que os empregados da fazenda usassem bigode! O bigode foi declarado subversivo, e revolucionario! As paixões desvairadas perdem o criterio da razão, e as auctoridades ineptas e de má indole compro-

mettem e tornam odiosas ainda as leis mais justas. A revolução nasceu na Povoa de Lanhoso.

Teve origem n'um enterramento que as mulheres da localidade queriam se fizesse na egreja, em vez de ser no cemiterio. Assumiu o mando do mulherio revolucionado um mytho sinthetico da rebellião aldeã, de chapeu desabado, tamanco e fouce roçadora.

Era a *Maria da Fonte*. Os mais inoffensivos instrumentos de lavoura converteram-se em armas bellicas, e fizeram a guerra ao poder. Da onda popular surgiram generaes valentes, soldados destemidos.

Á *Maria da Fonte* succedeu a *Patuleia*, denominação importada de Hespanha e que começou a dar-se ao partido popular ou progressista em que se absorveu o setembrista.

A revolução alastrou-se rapidamente por quasi todo o paiz, á maneira de uma torrente violenta que transbordasse sobre vastas planicies adjacentes.

Sahiram tropas a combatel-a, e houve conflictos sanguinolentos.

Em 11 de maio de 1846 reflectiu-se o movimento em Lisboa. Houve correrias desordenadas, escaramuças sanguentas nas ruas da cidade; queimaram-se guaritas, apedrejaram-se municipaes, ameaçou-se o paço. O duque da Terceira declarou á rainha não ter força para debellar a revolução, e o

conde de Thomar e seu irmão demittiram-se. A rainha não pôde resistir ao rugir da tempestade revolucionaria. Encadeou os ventos e fez reinar passageira calmaria. Nomeou presidente do ministerio o duque de Palmella, que era setembrista, e prometteu reformar a carta. A revolução, porém, não se contentou com isto só; exigia a mudança de todo o pessoal administrativo, a entrada de outros homens, que a representassem, para o governo; e a revogação das lei cabralistas. Foi-lhe concedido, com relutancia, o que desejava. O conde das Antas foi mandado a pacificar o Minho. A ira popular asserenou-se, não sem ter reclamado a entrega aos tribunaes do conde de Thomar, que teve de evadir-se para bordo de um navio francez, indo com seu irmão para Cadiz, onde publicou um manifesto.

Pouco depois o partido progressista, que dominava a situação, publicou um manifesto radical, especie de programma para a futura camara, assignado por José Estevão, (que voltára do exilio com diversos emigrados da revolta de Torres Novas, sendo recebidos em Lisboa com um grande banquete publico), e pelo barão de Foscôa. Os principios que elle proclamava assustaram a côrte, naturalmente timida e receiosa da influencia das idéas extremas. O partido conservador, que atalaiava os acontecimentos, aproveitou a circumstancia para preparar uma reacção. O duque de Saldanha (en-

tão marquez) encarregou-se de pôr em acção o plano, alliado com o duque da Terceira. Na noite de 6 de outubro punham-se ambos á frente da guarnição de Lisboa, em quanto a rainha obrigava o ministerio Palmella a demittir-se, com o pretexto de que não tinha força para conter os impetos dos setembristas.

A isto se chamou: *A emboscada de 6 de outubro.* D'ella sahiu um novo governo tendo á frente o marechal Saldanha. Este gabinete restaurou diversos funccionarios dos denominados cabralistas, e revogou os decretos da feição setembrista. O acontecimento causou sensação.

O duque da Terceira partiu logo para o Porto, como logar tenente da rainha, acompanhado dos seus ajudantes para governar o norte, porém mal chegado á illustre cidade, a 9 de outubro, o povo e a tropa revoltaram-se, e prenderam-os, mettendo-os no castello da Foz. Em seguida formou se o corpo revolucionario denominado *Junta do Porto*, ou *Junta provisoria do governo supremo da nação*, tendo por presidente o conde das Antas. A junta proclamou ao paiz, e representou á rainha sobre os perigos que corriam as intituições e a corôa se não demittisse o ministerio. Ao mesmo tempo o conde das Antas dirigiu uma carta com identicas declarações a Sua Magestade. A resposta da rainha ao conde ordenava-lhe simples-

mente que se submettesse ao governo. Ao mesmo tempo tractou-se em Lisboa da organisação do exercito, suspenderam-se as garantias, e adoptaram-se diversas medidas repressivas, d'essas que são a negação da liberdade, e que caracterisam as situações anormaes e violentas.

Travou-se, pois, com mais vigor a lucta fratricida. Formaram-se rapidamente guerrilhas em toda a parte. O Minho estava revoltado; Traz-os-Montes e as Duas Beiras não tardaram a erguer o grito da junta. Coimbra não foi das ultimas a secundal-o. Aqui formaram-se e industriaram-se batalhões de atiradores, em que entravam artistas, negociantes, academicos, todas as classes. Enthusiasmo delirante dominava os espiritos. Meu pae, o sr. João Gaspar Coelho, era um activo, sincero e desinteressado partidario da revolução, patuleia exaltado. A nossa casa chegou a estar transformada em arsenal, e em padaria militar. Elle dava armas, munições, dinheiro, pão e etape aos guerrilhas; dava quanto lhe pediam, e daria até a vida, se minha mãe, com a inergia que a avigorava nas collisões supremas, não conseguisse arrancal-o á lucta armada das ruas, em nome das supplicas de 12 filhos que lhe apresentava. Era um coração bom, um espirito singelo, dominado pelo amor fanatico da liberdade e uma vez compenetrado da nobreza de uma causa dedicava-se-lhe de corpo e alma.

Nós, os pequenos, participavamos d'aquelle santo enthusiasmo. Meu irmão Adriano, tendo apenas 14 annos, e andando nas aulas do pateo, corria a sentar praça no batalhão academico, onde era regeitado por não chegar á craveira:

—Mas o sr. Casal Ribeiro não é mais alto que eu, objectou elle.

—Esse tem outra estatura politica!

— Ah! sim! elle é isso, pois esperem.

E foi fardar um batalhão de rapazes, de 8 a 12 annos, que ao menos servia para fazer algazarra, e barulho, o que já é de alguma utilidade em tempo de revolução popular. Então publicava elle em casa um periodico manuscripto revolucionario.

Eu lembro me ainda de uma vez com Antonio Augusto Pereira de Miranda, o joven e talentoso deputado por Lisboa, que tanto tem illustrado o mandato com que o distingue o corpo do commercio da capital. e que n'aquelle tempo era para nós o *Antoninho*, fazermos em casa d'elle na Calçada um simulacro de batalha, queimando a tiros de peça diversos soldados de papel.

Era o exercito inimigo!

Com meus irmãos armavamos telegraphos, faziamos cartuchos, e acarretavamos até caliça e areia para as barricadas, e plata-fórmas, como aconteceu depois da batalha de Torres Vedras, quando se teve a pueril pretenção de fortificar Coimbra,

para o conde das Antas ali resistir ao Saldanha, que entrava na cidade, sem disparar um tiro, na manhã de 5 de janeiro de 1847.

Foi então que nós todos andámos a monte e que a nossa casa se fechou.

Passado tempo, na madrugada de 20 de fevereiro, era meu pae preso, estando ainda deitado, e sem culpa formada. Ao mesmo tempo eram presos outros cidadãos, taes como os srs. Martins de Carvalho, redactor do *Conimbricense*, e os srs. drs. Costa Fernandes, Agostinho de Moraes, e Duarte Nazareth, lentes da universidade, e José Alexandre de Campos, o celebre constituinte de 38, e outros. Da cadeia da Portagem (hoje extincta) eram remettidos dentro em 3 horas para a Figueira, e d'ahi mandados para Lisboa n'um vapor velho, o *Terceira* dando entrada no Limoeiro na manhã de 22 de fevereiro.

Dos livros da cadeia não consta o crime de que eram accusados. Porém o *Espectro*, folha que o sr. Antonio Rodrigues Sampaio então publicava com muito perigo, clandestinamente, em Lisboa, e que era o echo eloquente e doloroso dos clamores da tremenda revolução que agitava o paiz diz no seu numero 27 qual e quão estupendo fosse esse crime: «Era... serem progressistas!»

Tambem consta dos livros da cadeia que meu

pae logo que ahi entrou foi «posto incommunicavel.» Era dos presos mais perigosos!

Contém ainda os assentos do Limoeiro esta observação:

«—Fugiu com os demais a 29 de abril.»

Elles é que haviam promovido a abertura das portas da cadeia.

Desconfio que d'algum accidente d'esta fuga lhe resultou mais tarde a morte.

Victima nobre das convicções sinceras, e das aspirações generosas, que deposera no altar da liberdade a sagrada offerenda de todo o producto do seu trabalho, e o seu sangue!

—Vocês eram todos revolucionarios, observou B. com justiça.

—Quasi nada. A porção femenina da familia, umas creanças tomadas de enthusiasmo febril pela causa que o pae defendia, distribuia o pão ás forças populares, os guerrilhas, em nossa casa, convertida em quartel general.

—Eu ia esperar as forças patuleias victoriosas e recebia uma espingarda de canna das mãos do conde da Taipa, e o E. pedia ao marquez de Loulé, no paço das escolas, uma espada de folha para vir batalhar para a calçada.

—Era bem feito que os tivessem tambem mandado a vocês ambos para o Limoeiro!

—É que não lhes lembrou.

XIII

O castello da Lousã. Poesia provençal. As chamadas: Canções de Egas Moniz. Panorama encantador: a Suissa portugueza. Entrada em Coimbra. O Mondego. Victoria eleitoral no convento. Regresso.

— Que edificação vetusta é aquella, além, sobre a serrania?

— É o castello de Lousã, Lousa, Louçã.

— Acrescenta de Arunce, ou Arouce, que d'ahi vem o nome ao rio.

Tive pena em não poder dispor do tempo necessario para visitar esse monumento historico, que dizem de fundação celta, e a que se associam lendas poeticas, e romanescas, taes como a da filha do rei *Arunce*, que alli fôra encerrada por seu pae, que a *mandou encantar* mais aos seus thesouros, para que o inimigo os não roubasse, e a dos amores de Egas Moniz com Violante. Seguimos porém, para Coimbra, dizendo á velha fortaleza o que Egas escrevia, se foi elle quem escreveu, á sua amada, ao deixal-a alli no goso de brandos ocios com a rainha D. Mafalda:

Fincaredes bos embora
Taom coitada
Que ei boi-me per hi fóra
De longada.

Archivemos aqui a historia d'esses amores, contada, e documentada por duas das mais antigas canções portuguezas.

Dizem que Egas Moniz Coelho, não o aio e mestre do fundador da monarchia, mas um seu primo ou sobrinho do mesmo nome, se enamorára de Violante, esbelta aia da esposa do nosso primeiro rei, e que, tendo de ir a Coimbra, lhe pedira fidelidade até á volta, tal como a exige uma moderna cantiga da Beira:

Quando me eu fôr d'esta terra
Tres coisas te ei de pedir,
Firmeza e lealdade,
Castidade até eu vir.

Mas quando o cavalleiro voltou, a dama — *la donna é mobile* — trocára o seu affecto, casando com um castelhano, e o joven Egas desafogou a sua dôr em maguadas endeixas, repassadas de fel e lagrimas. Duas canções nos contam este romance.

Miguel Leitão pretende que foram achadas no castello, reliquias de amor esquecidas alli pela amante voluvel a quem o remorso abrira a cova!

Elle, Faria e Sousa e outros escriptores, attribuem-as, portanto, ao proprio Egas Moniz, o amador infortunado, dando-o como um dos primeiros trovadores portuguezes; outros consideram-as posteriores a elle, e como sendo apenas a narração d'esses amores, por algum poeta da escola provençal, que se informára do assumpto. Por esta razão digo, referindo-me a Egas, *se foi elle quem escreveu*. O sr. Theophilo Braga attribue as canções ao periodo de decadencia da escola provençal entre nós.

Os trovadores da Provença haviam feito irradiar pela Europa o gosto pelas canções graciosas, em que o amor, revestindo a fórma lyrica, gemia as suas queixas livremente, e subia do pobre tegurio dos poetas até aos palacios reaes, e aos castellos feudaes a proclamar a liberdade do coração, e a fazer-se escutar de ouvidos que o desdenhariam manifestado na rudeza positiva da prosa do tempo. Logo com a primeira crusada viera a Lisboa um trovador notado, Peire Vidál; outros mais obscuros viriam, e com elles os menestreis e jograes, oriundos da mesma parte da França, todos a incitar a musa portugueza, a acordar o estro adormecido, a aquecer o espirito frio dos poetas nacionaes, fixando a fórma e indole das suas trovas e cantares nas producções d'elles. Essa origem teem pois as denominadas:

Canções de Egas Moniz

Á IDA

Fincaredes bos embora,
Taom coitada
Que ei boi-me por ahi fóra,
De longada.
Bai-se o bulto de mei corpo,
Mas ei nom,
Ca ós sócos vos fica morto
O coraçom.
Se pensades que ei me vom
Non lo pensedes,
Que em bos chantado estom
E nom me bedes,
Mei jazigo, e mei amar
Em bos acára;
Grenhas tendes despelhar
A lusia cara.
Non farom estes meis olhos
Tal abesso,
Que esgravisem os meis dolos
Da compeço.
Mas se ei fôr pera Mondego,
Pois la vom,
Carulhas me fagaom cego
Como ei som.
Se das penas do amorio
Que ei retouço,
Me figerem tornar frio
Como ei ouço,

Amade-me, se queredes,
Como busco,
Senaom torvo me acharedes
A muy fusco.
Se me bos a mi leixardes
Deis me garde,
Nom asmeis bós de queimardes
Isto que arde.
Hora nom deixedes, nom,
Ca sois garrida,
A se non — Cristeleijon
Per inha vida.

Á VOLTA

Bem satisfeita ficades
Corpo d'oiro;
Alegrade a quem amades,
Que ei já moiro.
Ei bos rogo bos lembredes
Ca bos quige,
A que dolos nom abedes
Que bos fige.
Cambastes a Pertigal
Por Castilla,
Abásmades o mei mal
Que dor me filha.
Granhais-me por castejanos
E pestineque,
A chantais-me binte enganos
Que me seque.
Bede, moiro; bedes, moiro,
Biolante;

Longe há o sestro aguire,
Por diante.
Bos libede um centanairo
Mui garrioso,
Que ei me bou pera o trantairo
Lagrimoso.
A se a bossa remenbrança
Ei bier,
Dizei: Egas tem folgança
Hu se quer.
A se ouvirdes na mortulha
Os campaneiros,
Retouçade na mormulha
Os meis marteiros.
Quando ouvirdes papear
O castejom,
Membre-vos lhe fige dar
Ja de cotom.
A ca bos quige e requije
Como ber;
A nunca em coisa bos fige
Desprazer.
Non bos podo mais fallar
Ca non falejo,
Ca bem podedes asmar
Qual ei sejo.
Tenho o areaboiço
Sem feiçom;
Mas bos bejo, e oiço,
No coraçom.
Bedes me boi descaindo
N'esta hora;
Bos, Amor, ficade rindo,
Muito embora.

Pobre amador! Partira, levando o vulto de seu corpo, o seu eu objectivo, mas deixando o eu subjectivo morto aos pés da sua amada, a quem pedia não o esquecesse, pois que a ser assim podia dizer *christeleison* por sua vida, e volta achando-a casada com um estranho, tendo trocado Portugal por Castella! Com que suave melancholia elle exclama:

Alegrae a quem amades,
Que eu já morro!
.....
Ah! se ouvirdes no enterro
Os campanarios,
Repassae vós na memoria
Os meus martyros!

Deixemos, porém os amores do castello da Lousã, e com elles deixaremos para melhor sasão as fabricas de papel da Lousã, Goes, e Penella, que actualmente realisam melhoramentos tendentes a aperfeiçoar e multiplicar os seus productos, e a desenvolver a sua producção, empregando já cerca de 500 operarios. D'ellas escreveu desenvolvidamente e com muito acerto Brito Aranha. Façamos votos para que ellas abasteçam os mercados d'esse elemento civilisador, e o barateiem, afim de que não tenhamos por vezes de estar a realisar o quasi milagre economico de vender a 7 reaes jornaes, de que só o papel nos custa 6 reaes e meio [1].

[1] Acontece isto a um dos formatos do *Diario de Noticias*.

pae logo que ahi entrou foi «posto incommunicavel.» Era dos presos mais perigosos!

Contém ainda os assentos do Limoeiro esta observação:

«—Fugiu com os demais a 29 de abril.»

Elles é que haviam promovido a abertura das portas da cadeia.

Desconfio que d'algum accidente d'esta fuga lhe resultou mais tarde a morte.

Victima nobre das convicções sinceras, e das aspirações generosas, que deposera no altar da liberdade a sagrada offerenda de todo o producto do seu trabalho, e o seu sangue!

—Vocês eram todos revolucionarios, observou B. com justiça.

—Quasi nada. A porção femenina da familia, umas creanças tomadas de enthusiasmo febril pela causa que o pae defendia, distribuia o pão ás forças populares, os guerrilhas, em nossa casa, convertida em quartel general.

—Eu ia esperar as forças patuleias victoriosas e recebia uma espingarda de canna das mãos do conde da Taipa, e o E. pedia ao marquez de Loulé, no paço das escolas, uma espada de folha para vir batalhar para a calçada.

—Era bem feito que os tivessem tambem mandado a vocês ambos para o Limoeiro!

—É que não lhes lembrou.

XIII

O castello da Lousã. Poesia provençal. As chamadas: Canções de Egas Moniz. Panorama encantador: a Suissa portugueza. Entrada em Coimbra. O Mondego. Victoria eleitoral no convento. Regresso.

— Que edificação vetusta é aquella, além, sobre a serrania?

— É o castello de Lousã, Lousa, Louçã.

— Acrescenta de Arunce, ou Arouce, que d'ahi vem o nome ao rio.

Tive pena em não poder dispor do tempo necessario para visitar esse monumento historico, que dizem de fundação celta, e a que se associam lendas poeticas, e romanescas, taes como a da filha do rei *Arunce*, que alli fôra encerrada por seu pae, que a *mandou encantar* mais aos seus thesouros, para que o inimigo os não roubasse, e a dos amores de Egas Moniz com Violante. Seguimos porém, para Coimbra, dizendo á velha fortaleza o que Egas escrevia, se foi elle quem escreveu, á sua amada, ao deixal-a alli no goso de brandos ocios com a rainha D. Mafalda:

Fincaredes bos embora
Taom coitada
Que ei boi-me per hi fóra
De longada.

Archivemos aqui a historia d'esses amores, contada, e documentada por duas das mais antigas canções portuguezas.

Dizem que Egas Moniz Coelho, não o aio e mestre do fundador da monarchia, mas um seu primo ou sobrinho do mesmo nome, se enamorára de Violante, esbelta aia da esposa do nosso primeiro rei, e que, tendo de ir a Coimbra, lhe pedira fidelidade até á volta, tal como a exige uma moderna cantiga da Beira:

Quando me eu fôr d'esta terra
Tres coisas te ei de pedir,
Firmeza e lealdade,
Castidade até eu vir.

Mas quando o cavalleiro voltou, a dama — *la donna é mobile* — trocára o seu affecto, casando com um castelhano, e o joven Egas desafogou a sua dôr em maguadas endeixas, repassadas de fel e lagrimas. Duas canções nos contam este romance.

Miguel Leitão pretende que foram achadas no castello, reliquias de amor esquecidas alli pela amante voluvel a quem o remorso abrira a cova!

Elle, Faria e Sousa e outros escriptores, attribuem-as, portanto, ao proprio Egas Moniz, o amador infortunado, dando-o como um dos primeiros trovadores portuguezes; outros consideram-as posteriores a elle, e como sendo apenas a narração d'esses amores, por algum poeta da escola provençal, que se informára do assumpto. Por esta razão digo, referindo-me a Egas, *se foi elle quem escreveu*. O sr. Theophilo Braga attribue as canções ao periodo de decadencia da escola provençal entre nós.

Os trovadores da Provença haviam feito irradiar pela Europa o gosto pelas canções graciosas, em que o amor, revestindo a fórma lyrica, gemia as suas queixas livremente, e subia do pobre tegurio dos poetas até aos palacios reaes, e aos castellos feudaes a proclamar a liberdade do coração, e a fazer-se escutar de ouvidos que o desdenhariam manifestado na rudeza positiva da prosa do tempo. Logo com a primeira crusada viera a Lisboa um trovador notado, Peire Vidál; outros mais obscuros viriam, e com elles os menestreis e jograes, oriundos da mesma parte da França, todos a incitar a musa portugueza, a acordar o estro adormecido, a aquecer o espirito frio dos poetas nacionaes, fixando a fórma e indole das suas trovas e cantares nas producções d'elles. Essa origem teem pois as denominadas:

pae logo que ahi entrou foi «posto incommunicavel.» Era dos presos mais perigosos!

Contém ainda os assentos do Limoeiro esta observação:

«—Fugiu com os demais a 29 de abril.»

Elles é que haviam promovido a abertura das portas da cadeia.

Desconfio que d'algum accidente d'esta fuga lhe resultou mais tarde a morte.

Victima nobre das convicções sinceras, e das aspirações generosas, que deposera no altar da liberdade a sagrada offerenda de todo o producto do seu trabalho, e o seu sangue!

—Vocês eram todos revolucionarios, observou B. com justiça.

—Quasi nada. A porção femenina da familia, umas creanças tomadas de enthusiasmo febril pela causa que o pae defendia, distribuia o pão ás forças populares, os guerrilhas, em nossa casa, convertida em quartel general.

—Eu ia esperar as forças patuleias victoriosas e recebia uma espingarda de canna das mãos do conde da Taipa, e o E. pedia ao marquez de Loulé, no paço das escolas, uma espada de folha para vir batalhar para a calçada.

—Era bem feito que os tivessem tambem mandado a vocês ambos para o Limoeiro!

—É que não lhes lembrou.

como que formando uma escadaria enorme, diversos degraus ou socalcos cavados na vertente semeados de vinha e milho, e nos quaes se destacam homens e mulheres cuidando das sachas.

Que variedade de cultura arvense! O pinheiro, o castanheiro, a laranjeira, o freixo, o choupo, o alamo, o salgueiro, diversas arvores de ornato — a acacia, o limonete; uma vegetação opulenta e vigorosa.

A paizagem está dividida em quadros variados, completos, de disposição artistica, e sympathica. Parece que vamos percorrendo a galeria de um pintor realista. O Annunciação ou o Christino escusavam de andar a cançar-se a procurar assumptos. Tinham aqui com que encher as suas mais formosas telas. O logar das Braças, por exemplo, dava um quadro soberbo.

— Pura Suissa Saxonia, exclama um dos nossos companheiros.

É a Suissa portugueza, e tão alegre e tão formosa como a allemã.

Nem falta a luz crepuscular a dourar a crista da collina, nem o rebanho a pastar no dorso da vertente, nem as lavadeiras lavando e cantando cá em baixo, nem as creanças banhando-se. Dir-se-hia até que as nymphas, Cupido e os amores veem gosar as singelas delicias da natureza n'esta encantada estancia ao descair da tarde. Um dos montes es-

Fincaredes bos embora
Taom coitada
Que ei boi-me per hi fóra
De longada.

Archivemos aqui a historia d'esses amores, contada, e documentada por duas das mais antigas canções portuguezas.

Dizem que Egas Moniz Coelho, não o aio e mestre do fundador da monarchia, mas um seu primo ou sobrinho do mesmo nome, se enamorára de Violante, esbelta aia da esposa do nosso primeiro rei, e que, tendo de ir a Coimbra, lhe pedira fidelidade até á volta, tal como a exige uma moderna cantiga da Beira:

Quando me eu fôr d'esta terra
Tres coisas te ei de pedir,
Firmeza e lealdade,
Castidade até eu vir.

Mas quando o cavalleiro voltou, a dama — *la donna é mobile* — trocára o seu affecto, casando com um castelhano, e o joven Egas desafogou a sua dôr em maguadas endeixas, repassadas de fel e lagrimas. Duas canções nos contam este romance.

Miguel Leitão pretende que foram achadas no castello, reliquias de amor esquecidas alli pela amante voluvel a quem o remorso abrira a cova!

Elle, Faria e Sousa e outros escriptores, attribuem-as, portanto, ao proprio Egas Moniz, o amador infortunado, dando-o como um dos primeiros trovadores portuguezes; outros consideram-as posteriores a elle, e como sendo apenas a narração d'esses amores, por algum poeta da escola provençal, que se informára do assumpto. Por esta razão digo, referindo-me a Egas, *se foi elle quem escreveu*. O sr. Theophilo Braga attribue as canções ao periodo de decadencia da escola provençal entre nós.

Os trovadores da Provença haviam feito irradiar pela Europa o gosto pelas canções graciosas, em que o amor, revestindo a fórma lyrica, gemia as suas queixas livremente, e subia do pobre tegurio dos poetas até aos palacios reaes, e aos castellos feudaes a proclamar a liberdade do coração, e a fazer-se escutar de ouvidos que o desdenhariam manifestado na rudeza positiva da prosa do tempo. Logo com a primeira crusada viera a Lisboa um trovador notado, Peire Vidal; outros mais obscuros viriam, e com elles os menestreis e jograes, oriundos da mesma parte da França, todos a incitar a musa portugueza, a acordar o estro adormecido, a aquecer o espirito frio dos poetas nacionaes, fixando a fórma e indole das suas trovas e cantares nas producções d'elles. Essa origem teem pois as denominadas:

Canções de Egas Moniz

Á IDA

Fincaredes bos embora,
Taom coitada
Que ei boi-me por ahi fóra,
De longada.
Bai-se o bulto de mei corpo,
Mas ei nom,
Ca ós sócos vos fica morto
O coraçom.
Se pensades que ei me vom
Non lo pensedes,
Que em bos chantado estom
E nom me bedes,
Mei jazigo, e mei amar
Em bos acára;
Grenhas tendes despelhar
A lusia cara.
Non farom estes meis olhos
Tal abesso,
Que esgravisem os meis dolos
Da compeço.
Mas se ei fôr pera Mondego,
Pois la vom,
Carulhas me fagaom cego
Como ei som.
Se das penas do amorio
Que ei retouço,
Me figerem tornar frio
Como ei ouço,

Amade-me, se queredes,
Como lusco,
Senaom torvo me acharedes
A muy fusco.
Se me bos a mi leixardes
Deis me garde,
Non asmeis bós de queimardes
Isto que arde.
Hora nom deixedes, nom,
Ca sois garrida,
A se non — Cristeleijon
Per inha vida.

Á VOLTA

Bem satisfeita ficades
Corpo d'oiro;
Alegrade a quem amades,
Que ei já moiro.
Ei bos rogo bos lembredes
Ca bos quige,
A que dolos nom abedes
Que bos fige.
Cambastes a Pertigal
Por Castilla,
Abásmades o mei mal
Que dor me filha.
Granhais-me por castejanos
E pestineque,
A chantais-me binte enganos
Que me seque.
Bede, moiro; bedes, moiro,
Biolante;

Longe há o sestro agoiro,
Por diante.
Bos libede um centanairo
Mui garroso,
Que ei me bon peza o trantairo
Lagrimoso.
A se a bossa remenbrança
Ei bier,
Dizer: Egas tem folgança
Hu se quer.
A se ouvirdes na mortulha
Os campaneiros,
Retouçade na mormulha
Os meis marteiros.
Quando ouvirdes papear
O castejom,
Membre-vos lhe fige dar
Ja de cotom.
A ca bos quige e requije
Como ber;
A nunca em coisa bos fige
Desprazer.
Non bos podo mais fallar
Ca non falejo,
Ca bem podedes asmar
Qual ei sejo.
Tenho o arcaboiço
Sem feiçom;
Mas bos bejo, e oiço,
No coraçom.
Bedes me boi descaindo
N'esta hora;
Bos, Amor, ficade rindo,
Muito embora.

Pobre amador! Partira, levando o vulto de seu corpo, o seu eu objectivo, mas deixando o eu subjectivo morto aos pés da sua amada, a quem pedia não o esquecesse, pois que a ser assim podia dizer *christeleison* por sua vida, e volta achando-a casada com um estranho, tendo trocado Portugal por Castella! Com que suave melancholia elle exclama:

Alegrae a quem amades,
Que eu já morro!
. . . . . .
Ah! se ouvirdes no enterro
Os campanarios,
Repassae vós na memoria
Os meus martyros!

Deixemos, porém os amores do castello da Lousã, e com elles deixaremos para melhor sasão as fabricas de papel da Lousã, Goes, e Penella, que actualmente realisam melhoramentos tendentes a aperfeiçoar e multiplicar os seus productos, e a desenvolver a sua producção, empregando já cerca de 500 operarios. D'ellas escreveu desenvolvidamente e com muito acerto Brito Aranha. Façamos votos para que ellas abasteçam os mercados d'esse elemento civilisador, e o barateiem, afim de que não tenhamos por vezes de estar a realisar o quasi milagre economico de vender a 7 reaes jornaes, de que só o papel nos custa 6 reaes e meio [1].

[1] Acontece isto a um dos formatos do *Diario de Noticias*.

A estrada é agora ladeada de arvoredo, e muruda de acacias, e giestas.

Prestemos attenção ao quadro encantador que começa a desenrolar-se á nossa vista. Estamos na margem do rio da Lousã, e vamos seguir o seu curso até perto do Mondego.

O rio deriva-se por entre dois montes empinados, em cuja base se veem densas camadas de chisto, montes cheios de verdura, que presta a sua côr ás aguas. Estas parecem adormecidas nas represas continuadas com que buscam aproveital-as para a rega das insuas, e para mover engenhos de moagem. Na margem de áquem passa a estrada.

Acolá na encosta fronteira assentam a espaços grupos de casinhas brancas. Por baixo têem estendidos tapetes verdejantes. São searas de milho, retalhos de vinha e canaviaes. Por cima, coroando a crista do monte, e revestindo a parte superior da encosta, oliveiras. Cá em baixo, na orla do rio, choupos, alamos, salgueiros, chorões. Áquem das aguas, disputando-lhe o leito ingratamente, e bebendo-as com soffriguidão, as insuas, cheias de milho e hortas viçosissimas. Por cima de nós, d'este lado da estrada, disposição similhante. A espaços apparecem cavadas perpendicularmente no monte quebradas por onde se despenham frescos regatos vindos do alto. Essas quebradas estão povoadas de arvoredo de cima a baixo, e até n'algumas se vêem,

como que formando uma escadaria enorme, diversos degraus ou socalcos cavados na vertente semeados de vinha e milho, e nos quaes se destacam homens e mulheres cuidando das sachas.

Que variedade de cultura arvense! O pinheiro, o castanheiro, a laranjeira, o freixo, o choupo, o alamo, o salgueiro, diversas arvores de ornato — a acacia, o limonete; uma vegetação opulenta e vigorosa.

A paizagem está dividida em quadros variados, completos, de disposição artistica, e sympathica. Parece que vamos percorrendo a galeria de um pintor realista. O Annunciação ou o Christino escusavam de andar a cançar-se a procurar assumptos. Tinham aqui com que encher as suas mais formosas telas. O logar das Braças, por exemplo, dava um quadro soberbo.

— Pura Suissa Saxonia, exclama um dos nossos companheiros.

É a Suissa portugueza, e tão alegre e tão formosa como a allemã.

Nem falta a luz crepuscular a dourar a crista da collina, nem o rebanho a pastar no dorso da vertente, nem as lavadeiras lavando e cantando cá em baixo, nem as creanças banhando-se. Dir-se-hia até que as nymphas, Cupido e os amores veem gosar as singelas delicias da natureza n'esta encantada estancia ao descair da tarde. Um dos montes es-

tende um membro enorme pelo valle dentro, e na configuração dá a lembrar um cetaceo gigante, uma baleia fossil que alli estivesse petrificada, mas procurando ainda refrescar-se na corrente.

Desappareceu o sol, dissiparam-se os clarões afogueados do crepusculo da tarde, e já a lua surge por detraz da encosta a espreitar, e empallidecer a paizagem. Vêem-nos á lembrança os versos singelos de João de Lemos:

> « Amo as casinhas da serra
> Com a lua da minha terra
> Nas terras do meu paiz... »

Ouvi uma vez dizer a um prosador de certa auctoridade, mas de insoffrida vaidade, que João de Lemos não é poeta. Fiquei desapontado. Eu cuidava que sim.

Mais um bocado de estrada e entramos na margem do Mondego. Desde o alto da Estrella, onde o vimos pequenino e humilde, deitado no seu berço, da largura de 30 centimetros, fez até aqui, onde corre já adulto e por vezes arrogante n'um leito de 30 metros, um percurso caprichoso de mais de 150 kilometros, banhando a historica Celorico, á qual deu a salvadora truta, que lhe é brasão, e separando a provincia da Beira Alta da que, com grande injustiça das divisões administrativas n'aquelle ponto, chamaram do Douro.

Poderiamos ao vel-o dizer com o epico immortal :

« Vão as serenas aguas
Do Mondego descendo...
E mansamente até o mar não param :
Por onde as minhas maguas
Pouco a pouco crescendo
Para nunca acabar se começaram. »

Aqui brotaram os nossos prazeres infantis, e aqui se geraram as nossas primeiras maguas, que haviam de começar tão cedo, quando, mal chegados aos 12 annos, a desfortuna nos arrebatou do seio da familia, mandando-nos, inhabil e inexperiente, a cumprir a sentença universal do III capitulo do Genesis. « Tu comerás o teu pão com o suor do teu rosto. »

Está ainda por acabar a ponte da Portella, e alli proximo atravessa-se um perigoso precipicio. É lastimavel a morosidade d'estas obras. É um ponto negro na formosissima estrada que ha 15 horas vimos percorrendo. Temos de atravessar o rio. Os cavallos e o carro, comboiados por uma junta de bois, mais attenciosos que o homem que os conduz, tomam um banho forçado, e demorado para nos pôrem na outra margem.

Ha uma romaria á entrada da cidade. Diversas mocetonas de vistosas saias, e roupinhas de chita, lenços de seda na cabeça, alvas meias e luzentes

brincos, dançam ao som da viola com varios rapazes uma contradança popular, com marca á portugueza, e o director vae bradando:

—*Dois e vira. Tres e passa. Homens fóra. Mulhes dentro. E uma. E duas.*

E as raparigas vão movendo-se em graciosas coreas e cantam a condemnação da ociosidade:

—Ó ladrão, ladrão,
Que vida é a tua?
Comer e beber
Passeár na rua!»

A estrada, passeio alegre e habitual do povo conimbrense, estava cheia de familias. Sobre a velha, arruinada e impossivel ponte, que hoje é barreira incommoda á passagem das aguas, quasi inaccessivel á dos barcos e monumento de prejudicial incuria, não se viam esses vultos negros, que abrigam ás vezes almas cheias de luz, os academicos. Eram as ferias grandes. Nas aguas do rio reflectia-se a illuminação das numerosas janellas do convento de Santa Clara, padrão erguido á sua devoção pelo rei D. João IV, e que ornado por mais de duzentas luzes offerecia, lá em cima no alto do seu monte, o aspecto de um palacio encantado.

—Que significam as luminarias no convento?

—Celebra-se a festa da padroeira e conjunctamente se commemora uma victoria eleitoral. Alcan-

çou mais uma vez os suffragios da communidade franciscana a velha abbadessa.

Devem ser curiosas umas eleições no convento, quando estiverem divididos os campos em forças eguaes. Os meios empregados para o vencimento das candidaturas hão de ser muito outros dos que se usam nas eleições do seculo. Mas tambem hade haver a pressão moral, a promessa de emprego, o suborno manso, o aperto de mão expressivo, o piscar de olho malicioso.

Em Santa Clara, porém, parece que a opposição é quasi nulla. O povo feminino está contente com o governo, e dá-lhe no seu voto franco e aberto em pleno côro a sua approvação e a sua confiança. E' que alli a humildade e a abnegação, que foram a norma da vida da virgem Santa Clara, inspiram o despreso pelas posições elevadas. Assim pudesse ser cá fóra. Não veriamos o espectaculo desconsolador, e muitas vezes burlesco, de andarem as entidades mais somenos a querer sobrepôr-se a tudo e todos, e d'ahi os gritos selvagens no trepar, os esgares picarescos no subir, as exclamações desesperadas da queda, e as maldições dos que manquejam ou ficam pisados!

Na manhã immediata vinhamos caminho de Lisboa, onde chegavamos ao fim de 10 horas, recostados n'uma soffrivel carruagem de 1.ª classe, o que, graças a Deus, é bem melhor do que vir, como ha

24 annos viemos, choitando n'um relaço macho de arrieiro durante quatro dias, e bem peior do que fazer este trajecto em quatro horas e méia, como de outra vez o fizemos com o deputado Mendes Leite, e o engenheiro Arribas.

No outro dia, quando abrimos a janella do nosso quarto, para respirar o ar da manhã, soltámos um suspiro cálido e magoado que queria dizer:

—Ai, ó brisas puras da Beira, ó aguas vivificadoras das serranias!

Á MARINHA GRANDE

I

Prova-se a utilidade de se ser um tanto indigena. De Chão de Maçãs a Leiria. Ourem: A moura convertida. Canção de Ouriana. Leiria: circumstancias que a tornam celebre. Introdução da typographia. O portão da Inquisição. O hymno da fabrica. As officinas. Difficuldades da realisação pratica de certas theorias. Como se faz um copo. Os modernos cyclopes. O vidro e a civilisação. Gratidão que se deve aos operarios. Saudação á memoria de Stephens.

Quem visitar em Lisboa esse vistoso bazar industrial estabelecido no quarteirão occidental da Praça de D. Pedro, e conhecido sob o titulo de: Deposito da real fabrica de vidros da Marinha Grande, ha-de inevitalvelmente sentir o mesmo movimento de surpreza que me dominou, quando, ao examinar alguns dos productos que alli se acham em exposição e á venda lhe disserem: *Isto é portuguez.* Vejo já d'aqui a franzirem o canto do labio em sorriso ironico uns criticos, tão universalisadores que fóra da sua personalidade nada acham bom ou bello, os quaes pretendem ver em cada gabo que se formule a qualquer manifestação do trabalho nacional a pecha de *indigena*, o que para alguns significa homem tão

A estrada é agora ladeada de arvoredo, e muruda de acacias, e giestas.

Prestemos attenção ao quadro encantador que começa a desenrolar-se á nossa vista. Estamos na margem do rio da Lousã, e vamos seguir o seu curso até perto do Mondego.

O rio deriva-se por entre dois montes empinados, em cuja base se veem densas camadas de chisto, montes cheios de verdura, que presta a sua côr ás aguas. Estas parecem adormecidas nas represas continuadas com que buscam aproveital-as para a rega das insuas, e para mover engenhos de moagem. Na margem de áquem passa a estrada.

Acolá na encosta fronteira assentam a espaços grupos de casinhas brancas. Por baixo têem estendidos tapetes verdejantes. São searas de milho, retalhos de vinha e canaviaes. Por cima, coroando a crista do monte, e revestindo a parte superior da encosta, oliveiras. Cá em baixo, na orla do rio, choupos, alamos, salgueiros, chorões. Áquem das aguas, disputando-lhe o leito ingratamente, e bebendo-as com soffriguidão, as insuas, cheias de milho e hortas viçosissimas. Por cima de nós, d'este lado da estrada, disposição similhante. A espaços apparecem cavadas perpendicularmente no monte quebradas por onde se despenham frescos regatos vindos do alto. Essas quebradas estão povoadas de arvoredo de cima a baixo, e até n'algumas se vêem,

Amade-me, se queredes,
Como lusco,
Senaom torvo me acharedes
A muy fusco.
Se me bos a mi leixardes
Deis me garde,
Non asmeis bós de queimardes
Isto que arde.
Hora nom deixedes, nom,
Ca sois garrida,
A se non — Cristeleijon
Per inha vida.

Á VOLTA

Bem satisfeita ficades
Corpo d'oiro;
Alegrade a quem amades,
Que ei já moiro.
Ei bos rogo bos lembredes
Ca bos quige,
A que dolos nom abedes
Que bos fige.
Cambastes a Pertigal
Por Castilla,
Abásmades o mei mal
Que dor me filha.
Granhais-me por castejanos
E pestineque,
A chantais-me binte enganos
Que me seque.
Bede, moiro; bedes, moiro,
Biolante;

Longe há o sestro agoire,
Por diante.
Bos libede um centanairo
Mui gazrioso,
Que ei me bou pera o trantairo
Lagrimoso.
A se a bossa remenbrança
Ei bier,
Dizei: Egas tem folgança
Hu se quer.
A se ouvirdes na mortulha
Os campaneiros,
Retouçade na mormulha
Os meis marteiros.
Quando ouvirdes papear
O castejom,
Membre-vos lhe fige dar
Ja de cotom.
A ca bos quige e requije
Como ber;
A nunca em coisa bos fige
Desprazer.
Non bos podo mais fallar
Ca non falejo,
Ca bem podedes asmar
Qual ei sejo.
Tenho o arcaboiço
Sem feiçom;
Mas bos bejo, e oiço,
No coraçom.
Bedes me boi descaindo
N'esta hora;
Bos, Amor, ficade rindo,
Muito embora.

d'elles arrostaria a ira e o desprezo dos seus? Teve Fatima o valor do sacrificio. Abjurou a religião musulmana. O «*Deus, Senhor do Universo, o clemente, o misericordioso, soberano no dia da retribuição*» de que lhe fallava o Koran, e que os christãos tambem engrandeciam, lhe teria em conta na hora da suprema audiencia a pura e casta intenção. Baptisou-se com o nome de *Ouriana*. Tomou por esposo o cavalleiro christão, e gosou com elle as delicias do amor conjugal n'esse suave ninho. Ouriana era de raça illustre, e instruiu-se no cultivo das musas e das letras. A infanta D. Thereza, filha do fundador da monarchia, quiz honrar-lhe o nome dando-o á villa, que era sua, e que até então se chamara *Abdegas*. Morta Fatima, Gonçalo Hermigues quiz esconder o luto da alma nas dobras do habito de frade de S. Bernardo no mosteiro de Santa Maria de Tamarães, por elle edificado, segundo diz a chronica de Cister. [1]

Existe uma canção que dizem haver sido dedicada pelo *Traga-mouros*, que mais propriamente fora denominado o *Traga-mouras*, a Ouriana. Será obra d'elle, mas não é amostra muito lisongeira

[1] Esta ultima circumstancia está em contradição com a que narra Carvalho na sua chorographia, pois esse diz ter Gonçalo Henriques e não Hermigues, morrido primeiro que a esposa, indo esta, de apaixonada, professar n'aquelle convento que ella edificára.

A estrada é agora ladeada de arvoredo, e muruda de acacias, e giestas.

Prestemos attenção ao quadro encantador que começa a desenrolar-se á nossa vista. Estamos na margem do rio da Lousã, e vamos seguir o seu curso até perto do Mondego.

O rio deriva-se por entre dois montes empinados, em cuja base se veem densas camadas de chisto, montes cheios de verdura, que presta a sua côr ás aguas. Estas parecem adormecidas nas represas continuadas com que buscam aproveital-as para a rega das insuas, e para mover engenhos de moagem. Na margem de áquem passa a estrada.

Acolá na encosta fronteira assentam a espaços grupos de casinhas brancas. Por baixo têem estendidos tapetes verdejantes. São searas de milho, retalhos de vinha e canaviaes. Por cima, coroando a crista do monte, e revestindo a parte superior da encosta, oliveiras. Cá em baixo, na oria do rio, choupos, alamos, salgueiros, chorões. Áquem das aguas, disputando-lhe o leito ingratamente, e bebendo-as com soffriguidão, as insuas, cheias de milho e hortas viçosissimas. Por cima de nós, d'este lado da estrada, disposição similhante. A espaços apparecem cavadas perpendicularmente no monte quebradas por onde se despenham frescos regatos vindos do alto. Essas quebradas estão povoadas de arvoredo de cima a baixo, e até n'algumas se vêem,

como que formando uma escadaria enorme, diversos degraus ou socalcos cavados na vertente semeados de vinha e milho, e nos quaes se destacam homens e mulheres cuidando das sachas.

Que variedade de cultura arvense! O pinheiro, o castanheiro, a laranjeira, o freixo, o choupo, o alamo, o salgueiro, diversas arvores de ornato — a acacia, o limonete; uma vegetação opulenta e vigorosa.

A paizagem está dividida em quadros variados, completos, de disposição artistica, e sympathica. Parece que vamos percorrendo a galeria de um pintor realista. O Annunciação ou o Christino escusavam de andar a cançar-se a procurar assumptos. Tinham aqui com que encher as suas mais formosas telas. O logar das Braças, por exemplo, dava um quadro soberbo.

— Pura Suissa Saxonia, exclama um dos nossos companheiros.

É a Suissa portugueza, e tão alegre e tão formosa como a allemã.

Nem falta a luz crepuscular a dourar a crista da collina, nem o rebanho a pastar no dorso da vertente, nem as lavadeiras lavando e cantando cá em baixo, nem as creanças banhando-se. Dir-se-hia até que as nymphas, Cupido e os amores veem gosar as singelas delicias da natureza n'esta encantada estancia ao descair da tarde. Um dos montes es-

24 annos viemos, choitando n'um relaço macho de arrieiro durante quatro dias, e bem peior do que fazer este trajecto em quatro horas e meia, como de outra vez o fizemos com o deputado Mendes Leite, e o engenheiro Arribas.

No outro dia, quando abrimos a janella do nosso quarto, para respirar o ar da manhã, soltámos um suspiro cálido e magoado que queria dizer:

— Ai, ó brisas puras da Beira, ó aguas vivificadoras das serranias!

lias leirienses, e no qual estava tocando uma banda militar, e de saudarmos de longe o formoso castello em que D. Paio Gutierres obrou os seus prodigios militares, e onde tiveram seus paços o rei lavrador; e a rainha que Roma santificou, uma caleche nos transportou á Marinha Grande.

Entrámos noite cerrada no recinto da fabrica de vidros, que é fechado por um portão de ferro antigo, o qual, segundo reza a tradição verbal, pertenceu ao antigo tribunal do Santo Officio em Lisboa. No logar em que hoje se vêem as armas reaes portuguezas esteve outr'ora o emblema sinistro da Inquisição. Aferrolhou-se muitas vezes com arrogancia sobre as victimas aterroradas d'essa instituição infernal e assassina, que occupa na historia do mundo uma das mais infames paginas, e agora abre-se branda e diuturnamente aos bandos numerosos dos operarios da fabrica, que vão, alvoroçados e alegres, procurar no trabalho o pão vivificador. Bemdita evolução do progresso!

Como era domingo, e portanto dia de descanço, o pateo do edificio, que é um vasto parallelogrammo arborisado, estava cheio de povo, pela maior parte operarios e suas familias, e n'elle formada e esperando-nos a banda da fabrica, que tocava o hymno inaugural da empreza. Eram vinte e tres os executantes. Estavam todos uniformisados, e tocavam com a boa vontade e gosto de quem pro-

cura no cultivo da musica lenitivo ás fadigas e aborrimentos do trabalho.

A luz brilhante dos fornos das officinas coava-se através das trinta e quatro janellas e portas dos dois corpos principaes da fabrica, que pareciam dois palacios illuminados a capricho, e vinha esclarecer o largo com um clarão rubro e vivido, offerecendo um quadro bizarro e desconhecido.

Entrados ao recinto e conhecendo já os principaes membros da empreza, era força que, antes de examinar o estabelecimento, travassemos relações com o seu director technico, a cabeça que sob as inspirações da empreza medita, estuda, combina e influe o movimento fabril, a mola real d'aquelle complicado mechanismo. E' um cavalheiro estudioso e que tem realisado uteis e economicas modificações nos processos de fabricar o vidro, e impulsado os aperfeiçoamentos dos seus productos.

Consta a fabrica dos seguintes edificios: Entrando no pateo, á direita, lado N., fica-nos a *Officina de crystal*, corpo vasto e regular, que offerece o aspecto exterior de um predio de dois andares com tres portas e quatorze janellas.

Esta defronta com um palacio de egual architectura e fórma com escadaria e portada de ordem composita. N'elle ha o gabinete da direcção e a thesouraria. É uma habitação principesca, onde têem já pernoitado muitos dos nossos reis.

A óeste do pateo fica outro edificio egual ao da officina de crystal. É a *officina de vidraça*.

Defronta com o portão da entrada, e uma serie de edificações uniformes que o circumdam, e onde ficam diversas dependencias, laboratorio, casa de porteiro, habitação do director technico, e algumas officinas.

Para o norte estas edificações seguem em grande extensão, apresentando um corpo terreo de cerca de 50 portas e janellas, em que se abrigam muitas officinas de olaria, de rolhistas, etc.

A noroeste e sudoeste do pateo da entrada ficam outras officinas, telheiros e depositos, em construcções pela maior parte devidas á iniciativa da actual empreza, que tem feito radicaes reformas na fabrica, elevando-a a um grau de esplendor que nunca teve.

A fabrica tem uma vasta e poetica cerca com bosque, jardim e lagos. N'um dos pateos das officinas ergue-se um copado freixo que foi plantado no dia da inauguração da estatua equestre de D. José I... queriamos dizer do marquez de Pombal.

Contém ao todo o estabelecimento o seguinte: Laboratorio chimico, casas de composição (dos elementos constitutivos de vidro), OFFICINA DO CRYSTAL (onde se funde e fabríca), deposito de suas amostras, e armazem de venda, encaixotamento e expedição; armazem do crystal fabricado, officina

de lapidarios com 24 tornos movidos a vapor, por um motor da força de seis cavallos, officina de floristas (gravura em vidro) officina de rolhistas; OFFICINA DE VIDRAÇA, armazem de venda e expedição, pintura e foscagem; officina de estendedores (de vidraça) trabalhando com tres fornos á franceza; OLARIA, amassadura e factura de louça para os fornos; amassadura e factura de potes (para a fundição do vidro); factura de moldes de barro, fabricação de tijollo, officinas de serralheria, de carpinteria, galga, britador mechanico e peneiro, movidos pelo motor acima indicado, o qual tambem põe em actividade o torno de fabricar os moldes de madeira para a louça moldada; estufa para os potes; lavagem da areia; escolha do casco (vidro imperfeito de areia e sulphato, e detrictos de vidro que voltam a ser fundidos), forno para a fabricação do casco; calcinação de seixo; refinação de potassa; dois moinhos hydraulicos; depositos de concha, areia e seixo.

Em todos estes trabalhos, e nos da fachina de lenha no pinhal e carretos se empregam aproximadamente 600 pessoas por dia, isto é, mais de metade dos moradores validos da terra, que vive no vidro, de vidro, e para o vidro.

Por esta população distribue a empreza em salarios annualmente uns 52:000$000 réis, sendo a sua despeza total cêrca de 104:000$000 réis, con-

sumindo de lenha só para os fornos 18:000 carradas, e lançando nos mercados do paiz 1.872:000 peças de vidro e crystal para todos os usos, desde o copo ordinario de 35 réis até ao de 4$500 réis, lapidado e de tres côres!

Quanto não é agradavel em dia de calor saciar com agua ou com algum outro refrigerante, bebido por um copo d'estes, a sêde febril que nos devora! Oh! mas quanto é arduo o mister do operario que fabricou esse vaso! O philosopho socialista, o publicista egualitario que pretendem pautar a distribuição da riqueza e tornar equitativos os gosos e a condição do homem, lidam em vão, Œdipos malogrados, procurando o segredo eterno de impenetravel Sphynge. Entre o homem que, pobre ou rico, liba tranquillamente o liquido contido n'um copo, e o operario productor d'este ha um abysmo que a economia social talvez jámais poderá encher, como não encherá os espaço que separa o operario dos campos do operario das cidades.

É um espectaculo cyclopico o de uma officina de vidro em laboração. Olhemos esta denominada de crystal. Não nos intimidem o ambiente abafadiço, o calor insupportavel, o bafejo queimador que sáe das bôcas do forno, nem as reverberações igneas que nos ferem a vista.

O director technico combinára a composição do chrystal, que é um silicato de soda, conjuncto de

diversos elementos, cuja combinação é o seu segredo e por assim dizer o seu capital, sendo certo que elle tem conseguido fazer crystal só com a soda e a potassa, segundo um processo usado na Allemanha e que produz notavel economia. Preparado o grande forno de oito bocas, a cada uma das quaes corresponde um cadinho ou pote de barro refractario, procede-se á enfornação, isto é, á introducção da composição nos cadinhos, estando o forno no mais elevado grau de calorico, que aqui attinge dois mil e tantos graus do pyrometro de Reaumur. É um trabalho doloroso. Parece que o enfornador adquiriu a incombustibilidade attribuida á da salamandra. Ahi, fica essa massa a fundir durante muitas horas, que são 24 entre enfornamento e fundição.

Liquifeita a massa, faz-se um rebaixamento na temperatura do forno, de modo que o liquido adquira consistencia gelatinosa (*pateuse*, dizem os francezes). Começa então o fabrico dos artefactos, procedendo-se primeiro á limpeza do banho para tirar ao vidro quaesquer impuridades. A meia altura do forno ha um largo tablado em que trabalham sessenta e tantos operarios, officiaes, 1.os, 2.os, 3.os, ajudantes e aprendizes, alguns d'estes de 10 e 12 annos. Este grupo faz garrafas, aquelles copos, este outro calices, aquell'outro chaminés de candeeiros, frascos, etc.

Acompanhemos a feitura de um copo para agua. Um ajudante embebe no cadinho ou pote onde está o vidro derretido uma vara ou tubo de ferro, maior que o cano de uma espingarda, á qual adhere uma porção de massa vitrea, candente, que elle vem rolar ao de leve sobre uma pequena mesa de ferro, denominada *marma*, para lhe dar certa symetria. Conservando o tubo verticalmente, sopra-o para abrir vacuo no vidro, imprimindo ao mesmo tempo no tubo um movimento rotatorio que dá ao vidro a fórma ovoide, sendo então o tubo passado ás mãos do official, que o pousa em duas barras de ferro horisontaes, onde continua a rolal-o com a mão esquerda, emquanto que tendo na direita uma especie de pinça, dá áquelle corpo ovoide uma fórma mais regular, praticando-lhe um furo; e, cortando-o em seguida com uma tezoura para lhe fazer a borda, imprime-lhe o feitio proprio do copo, a que depois põe a aza com outro bocado de vidro candente que adhere áquelle. Feito o copo, uma ligeira pancada no tubo de ferro o separa d'elle, e um aprendiz, tomando-o na ponta de um pau, vae lançal-o na arca de tempero, onde elle adquire solidez. Para os copos relevados, ou moldados, é ao de leve introduzida n'uma fôrma de ferro, posta em plano inferior, a massa vitrea, que vae na extremidade do tubo, sendo soprado este de modo que o sopro adapte a massa ás paredes da fôr-

ma, que acto continuo é aberta por um aprendiz.

Identico a este é o processo da feitura de um grande numero de objectos.

A fabricação da vidraça diversifica um pouco. Ahi a massa vitrea que o operario toma no cadinho é maior, e elle sopra tantas vezes o tubo de ferro e imprime-lhe tantos movimentos quantos são os precisos para formar um grande corpo cylindrico, ás vezes de cerca de dois metros de comprido, que depois de aberto nas extremidades recebe um golpe em toda a sua extensão, e é mais tarde introduzido no forno denominado de estendagem, onde o calor desdobra o cylindro sobre uma mesa de barro polido, em braza, e o artista, com o auxilio de compridas varas de ferro, o converte n'uma chapa lisa, que se corta nos formatos que se exijam.

Dissemos que tinha um tanto de cyclopico este espectaculo. Assim é. O calor é immenso. A chamma fulva do forno reverbera em todas as direcções, e illumina aquelle immenso palco onde se agitam dezenas de creaturas movendo em diversos sentidos os tubos com o vidro escandescente.

Ás vezes parece-nos ver um raio percorrer o espaço; outras como que contemplamos uma chuva de meteoros; agora suppomos ver aquelles operarios beberem o vidro derretido através do tubo, que

sopram, voltando-o para o ar; logo simelham uma dança phantastica de entes sobrenaturaes que brincam no seio de uma densa fogueira com globos de fogo, arremessando-os uns aos outros, sem se queimarem!

São homens de tempera diversa da nossa; nascidos ao pé d'aquellas officinas, e n'ellas creados e educados. E as mulheres que escolhem, e esmigalham o vidro quebrado, que volta a ser fundido? Passam e repassam nas alvas mãos aquelles fragmentos agudos, e cortantes, sem que a epiderme se lhes golpeie ou os dedos lhes vertam sangue! Ha familias inteiras que estão ali empregadas, chefes d'ellas que recolhem ferias semanaes de 12$000, 15$000 e 18$000 réis, por si, pela mulher e pelos filhos. A empreza actual, que tem realisado grandes aperfeiçoamentos nas officinas, nos methodos de fabrico, na qualidade do vidro, na fórma dos artefactos, que disputam belleza e primazia aos quelhes concorrem no mercado, barateando sensivelmente todos os preços, o que tem duplicado o consumo, tambem tem beneficiado a sorte dos seus operarios, entre os quaes ha alguns de muito merito, dando educação litteraria, e artistica a diversos, organisando entre elles um monte-pio, aonde a troco de 40 réis semanaes cada socio recebe nas doenças agudas 140 réis, nas sub-agudas 100 réis, nas chronicas 80 réis, e cirurgião e botica; e es-

tava cuidando da reconstrucção do bellissimo theatro da fabrica para lhes proporcionar uma diatracção util nas horas de ocio.

Diz Julio Magny na *Histoire d'un morceau de verre* que Daniel Foé não teria hoje ilha em que podesse fazer viver o seu heroe, porque a civilisação creou exigencias que o homem não póde dispensar. Effectivamente Robinson junto a uma fabrica de vidros seria um homem civilisado; e Diogenes, apesar do seu desprendimento pelas cousas do mundo, não teria bebido a agua como os cães debruçando-se na corrente, se tivesse ali ao pé um dos diaphanos e baratissimos copos de crystal da Marinha Grande. O vidro é um dos muitos beneficios da civilisação. A sua descoberta remonta á mais alta antiguidade. Falla-se d'elle na Biblia. A historia diz que o fabricaram os phenicios. Tyro Sidon, e Alexandria tiveram afamadas fabricas. Plinio falla tambem das que havia na Hespanha e na Gallia. O vidro tornou-se indispensavel em toda a parte e em todas as situações da vida. Guarda-nos das intemperies das estações, proporciona-nos mil commodidades, valendo-nos tambem em algumas afflicções, e acompanhando-nos em muitos prazeres.

Pensadores, quando molhardes a penna no vosso tinteiro de vidro; felizes, quando haurirdes a alegria n'um copo de licor; formosas, quando refrescardes a mimosa cutis na agua de uma bacia de

crystal, consagrae uma lembrança respeitosa e grata aos homens laboriosos, que affrontaram graus elevadissimos de calorico para vos proporcionarem esse goso. Considerae-os benemeritos da humanidade, heroes da civilisação. Bemdizei tambem a memoria de Guilherme Stephens, que, á sombra protectora do marquez de Pombal, e com o auxilio de concessões e emprestimos dotou o paiz com este emporio de uma grande industria, o qual seu irmão e successor legou generosamente ao estado, que ora o traz arrendado por trinta annos a uma empreza de que são gerentes os srs. visconde da Azarujinha e visconde da Graça.

II.

Visita ao Pinhal de Leiria. O alto forno de Pedreannes. Tristeza. Nostalgia do trabalho. A matta vista do miradouro. Quanto podia ser augmentada a nossa riqueza florestal. A fabrica de resinagem. Como se extraem do pinheiro: a therebentina, a agua raz, a resina, o alcatrão e o pez.

Uma tarde entrámos n'um trem, e fomos ao pinhal. A estrada é na sua maior parte acompanhada de habitações, propriedades ruraes, viandantes, e vegetação, e não é raro ver percorrel-a o comboio do caminho americano, carregado de productos da

grande floresta, ou de operarios que os vão colher, movendo-se as carruagens por si nos declives, e produzindo a sua tracção um ruido, que ás vezes se confunde com o do oceano que lá ruge ao longe enfurecido no seu leito, e açoutando as dunas do littoral.

Passámos pela fabrica, então ainda nascente, fundada pelo engenheiro civil o sr. João Burnay, illustrado membro da laboriosa e emprehendedora familia d'este appellido, para a extracção da therebentina da raiz do pinheiro. D'este producto tira aquelle engenheiro um gaz especial para illuminação, que tem grande força luminosa, e com o qual já hoje se illuminam dois pharoes, o da Guia e outro, e a grande fabrica de lanificios do sr. Daupias.

Visitámos o alto forno de Pedreannes, inaugurado em 6 de março de 1866. Era ao descair da tarde. Aquellas soberbas officinas estavam desertas. Não fumegava o forno; não boliam os apparelhos; nenhum operario exercia a sua actividade; o minerio de ferro jazia alli abandonado, oxidando-se rapidamente ao contacto das chuvas; as grandes machinas começavam a enferrujar-se, esperando em vão que o vapor lhes transmittisse o movimento; pareciam derruir-se os telheiros; estavam montões de libras a consumirem-se alli. Ha seis annos saudavamos com enthusiasmo este primeiro inicio da fa-

bricação do ferro no paiz; hoje mirâmos com tristeza e dôr as respeitaveis ruinas de uma empreza generosa, digna de melhor sorte, e victima de cruas illusões e enganos. Sentado sobre um morro de pedra, de olhar fixo no solo, e passando a mão rugosa pelas compridas barbas grisalhas e alouradas, estava um velho operario inglez, o guarda e companheiro da fabrica moribunda. Dominava-o a nostalgia do trabalho. Os que sabem o que é o habito do trabalho imaginem aquella dôr. Elle, filho da patria da industria, nado e creado no tumultuar das immensas laborações, embalado, adormecido, e acordado ao motim das rodas das machinas, entre as baforadas do vapor, e os turbilhões do fumo, e a agitação de milhares de operarios, ver-se agora alli sósinho, inerte, mudo, sem sentir o movimento, o ruido, o calor, a vida, sem ver girarem ou correrem as rodas, os carros, os homens! Não é só a ausencia do solo em que se nasceu, do ar que se respirou, da familia e dos amigos que nos amavam, o que traz esse invencivel sentimento de tristeza chamado nostalgia, que produz tão crueis alterações na economia phisica; a perda das sensações e encantamentos do lavor a que se estava habituado tambem origina esse mal. O velho inglez, ao ver-nos, ergueu-se, descobriu-se, e, percebendo que lastimavamos a sorte da empreza, encolheu os hombros, lançando um olhar triste ao alto forno, e

concluiu em intelligivel portuguez: — Uma desgraça, senhores.

Entranhando-nos no vasto pinhal de Leiria elevámos o pensamento agradecido á memoria do rei lavrador, que, ha cerca de seis seculos, mandou aqui plantar esta matta vastissima, fixando as areias da costa, livrando das suas nocivas incursões as planicies adjacentes, e dotando o paiz com opulento viveiro de arvores, que tanto auxiliaram as construcções navaes que serviram a nossa epopeia maritima, e que hoje teem variadas applicações. Subindo ao ponto mais elevado do posto de observação do pinhal, ou miradouro, causa-nos indefinivel sensação o quadro que observamos. Como que um oceano de verdura se estende ao longo da costa maritima, na extensão de 17 kilometros do sul ao norte, e entrando 7 kilometros por terra dentro na direcção de O. E. As copas verde-escuras dos pinheiros, cerrados e unidos em vasto quadrilongo, formam relevos profundos e ondulações enormes, sobrepondo-se umas ás outras, como que remedando as vagas do Atlantico, que a pouca distancia se agitam e convulsionam no seu leito ante-diluviano; e quando o nordeste açouta com violencia essas densas ramarias, fazendo-as oscillar uniformemente, ellas parecem o mesmo oceano, e como elle rugem e gemem. No seio do pinhal aquelles milhões de troncos agrupados dão a lembrar um exercito col-

lossal, que estivesse alli de sentinella ao mar para evitar que elle conquistasse a terra. O pinheiro bravo ama o calor e visinhança do oceano, é-lhe propicio o solo de alluvião areno-silicioso das praias. Alli robustece e se desenvolve mais que em outro qualquer terreno. Dizem-no mil exemplos aos arboricultores e esta matta demonstra-o no vigor e desenvolvimento dos seus membros. Ha alli duas arvores de proporções giganteas, maiores que as que se conhecem da mesma especie em França, Inglaterra, e Irlanda: uma tem 39^{m}, 20 de altura, e 4^{m}, 40 de circumferencia no collo, outra 37^{m}, 75 de altura e 4^{m} 18 de circumferencia. Amadeu Boitel, inspector geral da agricultura em França, segundo lemos no notavel relatorio do nosso instituto geographico, o maior pinheiro que menciona n'um livro especial é de 170 annos de edade com 25^{m} de altura, e 4^{m}, 70 de circumferencia.

Sente-se a gente assombrado pelo monstro da incuria nacional ao recordar que este famoso pinhal foi plantado ha longos annos e que os areaes incultos, e os medões da nossa costa maritima occupam uma area de 72:000 hectares, que admittia a plantação de mais meia duzia de matas eguaes. Que riqueza florestal e que incalculaveis beneficios não proviriam d'ahi ao estado! Porque o *pinus maritima* é uma arvore triplicemente bemfeitora. Ao valor das madeiras, e ao serviço prestado ao solo,

e á agricultura allia a producção resinosa, hoje de grandissima importancia, e constituindo já uma industria notavel, que tem visto honrados e premiados os seus resultados em successivas exposições, e merecido os gabos dos homens mais competentes.

Em edificio espaçoso, construido de proposito com todas as condições de commodidade para os fins a que se destina, e de segurança para poder-se rapidamente atalhar qualquer incendio, perigosissimo em estabelecimento de tal ordem, está montada a Fabrica de Resinagem, propriedade do estado, dependente da administração geral das mattas.

Este estabelecimento é dirigido pelo sr. Bernardino José Gomes, a quem se deve a combinação do modo pratico de extrair e utilisar os productos do pinheiro. Empregado honrado, mas obscuro, da administração geral das mattas, esse homem conseguiu celebrisar-se por essa ordem de trabalho, em que soube alcançar distincções officiaes, e louvores de todos os homens de boa vontade e de alguns que teem nome distincto na sciencia. Tendo eito particularmente as suas experiencias, e apresentando o resultado d'ellas, o governo animou estas disposições, e mandou-o estudar nas fabricas estrangeiras. Os resultados foram optimos. Em 1859 começou-se a edificar a fabrica da Marinha Grande,

que póde servir de modello ás mais bem organisadas. Ha ali vinte e tantos tanques de deposito da gemma, officina de distillação, os grandes fornos ragusenos para o fabrico do pez e alcatrão, deposito dos instrumentos de operação, deposito da aguaraz, escriptorio e outras dependencias. Sobre o edificio ha um enorme deposito de agua, alimentado por um poço artesiano, para a rapida extincção de qualquer incendio.

Chama-se resinagem aos trabalhos da extracção dos liquidos do pinheiro, destinados a diversos usos nas industrias e na pharmacologia. Para fazer essa extracção espera-se que o pinheiro chegue á maioridade de 20 annos, exactamente como se faz com os mancebos que teem de pagar o tributo de sangue, para se começar a *sangral-o*, e lhe colher o liquido resinoso denominado *gemma*.

Eis como se faz a operação no pinhal de Leiria:

Com uma pequena machada descasca-se verticalmente a carrasca da arvore, escolhida previamente, na altura em que deve fazer-se a sangria. Os operarios resineiros fazem então a sangria e formam o suaço, abrindo dois golpes obliquos que se unem no angulo inferior. N'este ponto se introduz uma pequena calha de folha de Flandres, que assenta na cavidade de um vaso de barro, preso com um arame ao tronco da arvore, e dentro do qual se vae depositando pela calha a *gemma* que

o pinheiro derrama. Os golpes vão-se succedendo no sentido longitudinal, á proporção que a sangria aberta deixa de produzir liquido. De 8 em 8 dias despeja-se o vaso da gemma n'um balde de folha, para ser depois conduzida á fabrica, onde é guardada nos grandes tanques. Ha dois annos o campo da exploração da gemma no pinhal occupava o espaço de 1:458 hectares, em tres divisões de 72:000 arvores cada uma, e estas em quatro subdivisões de 18:000 arvores, e essas subdivisões em tres secções de 6:000 arvores.

« A gemma, tal qual escorre do pinheiro, abandonada a si mesma, diz o erudito professor o sr. Lapa, a cujo livro nós recorremos, em dois ou tres pontos d'estas descripções, deixa levantar uma camada de *oleo gordo*, de côr doirada, nunca menos da quarta parte do volume da gemma, o qual se separa por simples decantação. A gemma branca, á qual se ajuntou o oleo gordo, é composta de resina e de essencia, a qual se pode extrair por meio da distillação. Quando se quer converter a gemma em *therebentina* não se lhe separa o oleo gordo nem se dá tempo a que elle se aparte. »

A destillação para a extracção da essencia, ou agua-raz, faz-se lançando a gemma com agua na caldeira de um alambique commum, assente sobre uma fornalha que lhe communica a chamma directamente.

O residuo que fica na caldeira, que é o pez louro ou colophonia, é moldado em fôrmas, e resfreado. A colophonia hydratada é a resina amarella.

Da acha do pinheiro, das raizes, cascas e cavacos queimados lentamente em fórnos fechados, bem como dos residuos da gemma destillados fabrica-se o alcatrão. D'esses mesmos productos da arvore, quando sejam mais pobres em succos resinosos, se faz o pez.

Todos estes productos da fabrica de resinagem são muito procurados no mercado, e preferidos aos que veem de fora do paiz por sua superior qualidade.

Coube ao governo iniciar essa industria; imitem-no os particulares.

Quando se escreveram os folhetins de que hoje se reconstrue este volume, dando-lhes maior desenvolvimento, e caracter mais permanente, não havia tenção de formar livro d'esses passeios. O applauso com que parte da imprensa de Lisboa e provincias e o publico receberam essas modestas composições, feitas dia a dia com a presteza dos trabalhos jornaliticos, e as amoraveis excitações da amisade para que se collecionassem em livro, resolveram o auctor a fazel-o. Aqui vão reunidos alguns dos documentos comprovativos d'esses benevolos incitamentos, e vão como outros tantos testemunhos de reconhecimento a taes provas de affecto e confraternidade. Começam por uma carta, em que a benevolencia desarmou a critica do sr. Castilho, o mestre da poetica, a quem o auctor muito estima e venera, e de quem tem recebido em 17 annos de relações de amizade com sua ex.ª os mais desinteressados signaes de sympathia, e sempre salutares conselhos:

CARTA DO SR. VISCONDE DE CASTILHO

Lisboa 30 de agosto de 1872.

Confrade e amigo sr. Eduardo Coelho. — Foi delicioso para si e para nós, e a muitos respeitos util, o seu passeio até Covilhã.

Esta leitura concluida hoje, deixa-me saudades. Collija em livro, e quanto antes, estes artigos para serem muitas vezes relidos, e em parte meditados e estudados.

Ficará sendo obra escripta com desambição, e todavia recommendavel em summo gráo pelo merecimento cada vez mais raro de incontrar, a singelesa que não exclue nem impede as formusuras onde ellas acertam. Será um livro a fallar para se intender, e se folgar de aprender com elle muita cousa seria n'estes ruins tempos de Serapiões, de cujos livros os proprios Ciceros pouco mais chegam a intender a grande custo, que a millessima parte, e essa mesma choucha, falsa, ou absurda.

Nem os typos, nem a escripta, nem o fallar poderam poderam ser inventados para tal uso, ou abuzo, e sem embargo a moda pegou, e vae lavrando.

Saia pois, quando mais não seja, como exemplo, e protesto em contrario de tão vergonhosa tonteria, o livro, ainda a tantos outros respeitos precioso, do seu passeio á Covilhã.

Eu não sei se elle tem, ou não, esteticas e symbolicas e ideaes e outras muitas cousas que ali o meu visinho da esquina diz saber e que já lhe granjearam na loja do barbeiro de baixo a fama de grande homem; o que sei é que

me falla portuguez, que me ensina cousas da minha terra de modo que se intende, se crê, e se gosta, e que por isso poderá ainda ser lido nas escolas de bem, quando de innumeraveis altissonancias contemporaneas nem já os titulos lembrarem.

Reimprima, reimprima a obra, meu amigo, que ainda que a sua modestia lh'o não diga, lucrará n'isso mais uma gloria de bons quilates, com que a si proprio se concite depois a ganhar outras similhantes.

De V admirador e confrade muito amigo,
muito fiel e muito obrigado.
Castilho.

O *Diario Illustrado* de Lisboa, no seu numero de 25 de agosto, dizia em folhetim do coproprietario d'aquella folha o sr. Erneste Desforges:

Um anjo bom, porém se compadeceu de nós, e á falta d'algumas bellezas que costumam adornar Lisboa n'outra epocha, temos tido, o demonio seja surdo, onde mesmo assim recreiar o espirito e entreter a imaginação ávida de distracções; e só n'esta semana eu conto tres novidades, qual a mais interessante.

Os folhetins de Eduardo Coelho no *Diario de Noticias* sob o titulo de *Passeio até Covilhã* e que foram originados por uma digressão do auctor feita ha pouco tempo áquella villa, etc.

Os folhetins de Eduardo Coelho, que tenho lido com o mais vivo interesse, surprehenderam-me sobre maneira;

ha muito que tinha este meu amigo por um escriptor de bastante merecimento, escriptor de romances, de contos, de folhetins e de theatro; mas de contar descrevendo que é, emquanto a mim, o genero mais difficil, poucos trabalhos tinha visto d'elle

N'este genero primou Garret nas *Viagens da minha terra* e um ou outro escriptor francez tem conseguido tirar partido d'esta maneira de escrever.

Ainda que, Alexandre Dumas dizia : contar descrevendo, era para os escriptores jovens que, pouco conhecimento tinham da vida e dos homens, e que portanto na edade em que se não inventa deviam contentar-se em contar. Mas não dizia sem duvida isto por não achar bastante difficuldade no genero, dizia-o porque quem melhor descreve, com mais facilidade depois inventa.

Crear um quadro custa, sobre tudo á imaginação, porem depois posto em relevo na tella, ainda que não saia tal qual o sonhámos, a phantasia do assumpto escurece uma ou outra mentira.

Mas copiar d'um original é preciso ter arte e observação para apresentar tal qual o retrato, que se estraga ás vezes pela falta do mais insignificante traço.

É por isso que me surprehenderam os trabalhosos folhetins de Eduardo Coelho, é por isso que os recommendo com o mais vivo prazer, porque julgo mesmo serem elles a obra prima e mais completa do meu amigo.

Escriptos n'uma linguagem correcta e aménа, ora sensibilisam, como por exemplo acontece no folhetim quinto quando trata da prisão de Moraes, ora alegram, interessam e recreiam sempre.

A *Revolução de Setembro* de 31 de agosto:

Passeio á covilhã. —Terminou hoje o sr. Eduardo Coelho, no seu *Diario dv Noticias*, a serie de folhetins epygraphados — *Passeios até Covilhã*. É uma narração formosa e instructiva. Formosa, pelos dotes litterarios que encerra; instructiva, pelo muito que esclarece sobre o que ha de melhor e mais digno de ver-se na Covilhã. Será cousa muito para lamentar se o auctor de tão primorosa discripção não fizer livro d'esses treze folhetins, que, embora já saboreâdos por milhares de leilores, deixam comtudo de poder, convenientemente, figurar em qualquer estante.

Do *Campeão Liberal*, de Lisboa, de 19 de setembro:

Passeios na provincia.—Debaixo d'este titulo vae o sr. Eduardo Coelho, talentoso redactor do *Diario de Noticias*, publicar um volume, que já se está imprimindo, ácerca da viagem que fez ha pouco a Vizeu, Covilhã e Marinha Grande.

O sr. Eduardo Coelho é inquestionavelmente um dos escriptores nossos, que mais trabalha na cultura das lettras, e que só a ellas deve a posição importante que occupa na sociedade.

A primeira edição dos *Passeios na Provincia*, logo que appareça á venda, esgotar-se-ha em poucos dias, como acontece sempre a todas as producções litterarias saidas da penna do sr. Eduardo Coelho.

Do *Imparcial*, de Guimarães, de 20 de setembro:

O sr. Eduardo Coelho, digno e illustrado redactor de um dos mais serios jornaes que se publicam na capital, o *Diario de Noticias*, vae publicar sob o titulo de *Passeios na Provincia* um volume, que já se acha no prélo, incluindo a narrativa de tres excursões *De Lisboa a Vizeu*, *Até á Covilhã*, *Á Marinha Grande*.

Sendo o seu auctor bem conhecido já na republica das lettras, é de crer que será uma obra de grande merito.

Do *Campeão da Beira*, de 15 de setembro:

Lemos com interesse e attenção no *Diario de Noticias* os folhetins do sr. Eduardo Coelho, em que s. ... descreve a sua viagem á Covilhã. São dignos de ler-se porque alli descreve s. ... ao vivo, os costumes, a vida laboriosa e activa d'aquella cidade, e a maneira porque se começam e ultimam alli os artefactos, causa principal da sua prosperidade e grandeza.

S. ... tambem não esqueceu os costumes e o modo de viver em geral dos povos que percorreu, descrevendo ao mesmo tempo as suas posições topographicas. Mas ha de s. ... permittir, que lhe observemos, que a matta que viu do alto da Serra da Estrella, ao sair da Covilhã, não era nem podia ser a de Alpedrinha, que lhe ficava detraz da serra, mas sim a do Fundão [1]: e que a cultura dos

[1] Este reparo é justo. O auctor agradece-o e corrigiu o lapso.

campos de Castello Branco á Covilhã, e principalmente de Alpedrinha pelo Fundão á Covilhã, comprehendendo toda a Cova da Beira, em nada é inferior á dos campos de Arganil, e mais povoações adjacentes, como s. ... parece indicar. Feitas estas observações, que são exactas, os folhetins de s. ... são dignos de se ler, pelo conhecimento que dão de muitos povos, pouco conhecidos, das duas Beiras.

No *Jornal do Porto* transcreveu o sr. Alberto Pimentel com muito louvor alguns trechos do *Passeio á Covilhã*. O sr. Tito de Carvalho lançára alli as seguintes linhas em 3 de setembro:

Consta-me que o sr. Eduardo Coelho tenciona publicar em livro uma interessante collecção de artigos, narrando um passeio até á Covilhã, que appareceram em folhetins no *Diario de Noticias*, de que aquelle cavalheiro é redactor e um dos proprietarios.

Seria por certo um livro curioso porque os folhetins a que me refiro estão escriptos com muita verdade, e revelam observação minuciosa e reflectida dos factos mais importantes da valiosa industria que tão prosperamente se vae desenvolvendo na Covilhã.

Além d'isso, na descripção da viagem soube o auctor alliar com arte o util e o agradavel, instruindo ao mesmo tempo e recreando o leitor.

O illustre deputado e escriptor o sr. dr. João Chrysostomo Melicio publicou em o n.° 199 do *Commercio do Porto* o seguinte:

Concluiu hoje o sr. Eduardo Coelho no *Diario de Noticias*, de que é proprietario e principal redactor, uma

serie de folhetins cheios de interesse e de curiosidade. S. ... narrou despretenciosa e singelamente as impressões que teve na viagem que acaba de fazer á Manchester portugueza, a rica e importante Covilhã, hoje talvez a cidade mais industrial do paiz.

Seguindo os melhores modelos n'esse genero de escripta, e nós temos um excellente nas *Viagens na Minha Terra*, de Garrett, o sr. Eduardo Coelho foi minucioso sem ser enfadonho e erudito sem pedantismo. Fallou dos diversos processos de fabricação de pannos como viajante intelligente que percebe bem o que ouve dos homens praticos e sem se dar ares de quem conhece a fundo uma sciencia difficil que exige muitos annos de aturados e penosos estudos ; fez observações sensatas e de bom criterio sem que por isso se possa pensar que queria emendar o mundo e dar uma nova direcção ás coisas da nossa terra ; e entremeiando a sua narração com os episodios e aventuras de uma jornada feita com amigos, soube prender a attenção do leitor, deleital-o e ao mesmo tempo tornar bem conhecido de todos o estado florescente da Covilhã, o que ella tem ganho n'estes ultimos annos e o que poderá ainda ser em curto prazo.

Realisou d'este modo o sr. Eduardo Coelho o seu fim de offerecer aos assignantes do seu popular jornal uma aprazivel e util leitura. Por isso o felicito.

A *Nação*, de 13 de outubro, publicou o seguinte benevolentissimo folhetim, cujo signatario o auctor d'este livro não tem o praser de conhecer :

Eduardo Coelho e o Passeio a Covilhã — Um bello dia chegou-me um zum-zum aos ouvidos, que dias depois

se transformou em noticia official. O redactor do *Diario de Noticias* ia jornadear pela Beira.

A minha Beira!

Que inveja eu lhe tive!

Elle ia mitigar a sêde ás nascentes do Mondego, depois de se cançar a trepar pela Serra da Estrella; e eu ficava em Lisboa, sujeito ás condemnações municipaes e a ser jurado quando mal me precatasse!

Isto era para desesperar.

Apre! mas vinguei-me!

Parti para o Seixal, e não sai de lá senão quando Eduardo Coelho já estava de volta na capital.

Demorou-se, julgo que seis dias na Beira.

Mas aproveitou-se!

De ahi a pouco começaram a apparecer os folhetins com o titulo de: *Passeio á Covilhã.*

Foi uma salva de palmas o que ouviu em toda a imprensa, celebrando o trabalho do festejado escriptor.

Aqui e alli alguma critica ou admoestação veiu obscurecer ligeirissimamente o horisonte côr de rosa que circundava o *Passeio á Covilhã.*

Porém tudo desappareceu e só ficaram o escripto e o seu merecimento.

Não temos o gosto de conhecer pessoalmente o sr. Eduardo Coelho; e por isso mesmo seremos menos suspeitos.

Porém, antes de dizermos alguma cousa a respeito do *Passeio,* fallemos dos antecedentes do seu auctor.

Eduardo Coelho sempre nos pareceu consciencioso nos seus escriptos, nos quaes mostra linguagem fluente e estylo agradavel.

Mas em que este escriptor mais se tem esmerado é, julgamos nós, em fazer apparecer o seu ardente patriotismo.

Não vae longe o tempo em que se dava á luz publica o *Almanack anti-iberico;* e todos que o leram viram o modo como alli se combatiam as ambições dos nossos visinhos hespanhóes, e se apresentavam os maiores vultos da nossa gloriosa historia.

Ha dois annos, no 1.° de dezembro de 1870, anniversario da famosa restauração de 1640, escrevia Eduardo Coelho, em folhetim do *Diario de Noticias*, um notavel artigo, em que brilhava o amor da patria, e que será um dos florões de sua corôa d'escriptor.

Alli dizia elle:

« Viriato, o lusitano, quebrando os grilhões do predo-
« minio oppressivo de Sulpicio Galba, pôde um dia, sen-
« tado nos pincaros do Herminio, e vendo espargidos pe-
« las campinas os destroços das derrotadas hostes de qua-
« tro pretores ramanos, exclamar com orgulho, apertando
« o cabo de sua lança e encarando affectuosamente o povo,
« que libertára: *Viva a independencia!* E um clamor uni-
« sono, ao mosmo tempo harmonioso e terrivel, echoou
« nas quebradas da montanha e despertou os echos dos val-
« les, affagando o ouvido de algum velho pegureiro que ma-
« chinalmente repetia esse hymno de victoria de seus filhos
« e irmãos, balbuciando satisfeito: *Nós somos livres.* »

. . . . . .

. . . . . .

« A liberdade e independencia de Viriato era a do ho-
« mem social, ampla, creadora, desassombrada, mas gi-
« rando na orbita do pacto convencionado com os seus, a
« liberdade que fructifica, a independencia, que robustece. »

. . . . . .

. . . . . .

« Treze seculos depois dos feitos do heroico pastor do « Herminio um punhado de bravos repetiam nas abobadas « do templo de Santa Maria de Lamego a mesma sublime « exclamação dos seus soldados : *Nós somos livres*. E pu- « nham a corôa visigothica na cabeça de um chefe, a que « chamaram rei, e sagravam com a religião o pacto funda- « mental da nação que alli se erguia, depois de terem por « consenso unanime traçado com a ponta da espada os limi- « tes do territorio que habitavam, fronteiras do seu direito, « couraça da sua liberdade. Fundiram-se as vontades, uni- « formisou-se a crença, creou-se uma só lingua, estabele- « ceram-se os costumes, fizeram-se as leis, e o povo civi- « lisou-se e foi grande e admirado, e quando o seu genio « audaz o fez transpor os mares, affrontando a morte em « temerosos perigos, foi levar a sua civilisação aos povos « selvagens da Africa, da Asia, da America, da Oceania, « e descobriu thesouros fabulosos e engastou joias deslum- « brantes na corôa do seu rei. »

Eduardo Coelho, commemorando então o anniversario de tão grande dia, não quiz, escriptor verdadeiro e consciencioso, deixar de affirmar brilhantemente a existencia das côrtes de Lamego, codigo fundamental da monarchia. Uma vez conhecido o escriptor, digamos alguma cousa do *Passeio á Covilhã*.

Mostra aquella composição um fundo de observação, que não pode deixar de ser louvavel.

São descriptos com bastante naturalidade os immensos terrenos baldios da Beira Baixa com suas montanhas es-

calvadas e agrestes, suas quebradas, suas sinuosidades.

Eduardo Coelho falla dos sitios mais pittorescos da Beira com um enthusiasmo tal, que parece tratar da sua provincia.

Nada lhe escapa; tudo refere n'aquella linguagem facil e elegante que lhe é tão peculiar.

Sentinella avançada nos baluartes, em que se defendem os interesses das populações, não se esquece, ao atravessar as terras da provincia, desde as cidades até ás aldeias, de notar as necessidades de cada uma.

Aqui observa a falta de illuminação n'uma cidade de segunda ordem; alli não deixa de reparar no máo empedramento das calçadas de um pobre burgo. Oxalá que um governador civil desenvolvesse semelhante zêlo.

Não cessando de animar a boa vontade e intelligencia do artista, estuda o grande centro industrial que se chama a Covilhã, para o descrever aos seus leitores e principalmente aos operarios dos outros pontos do paiz, e dizer-lhes: Assim como vós, tambem ha classes trabalhadoras, que são as mais importantes, n'aquelle centro de vida industrial; procurae, como ellas, chegar á perfeição.

Eduardo Coelho fez-se tecelão, trabalhador, fabricante, para nos dar os nomes proprios e technicos de cada uma das peças da machina que se chama uma fabrica; de cada um dos instrumentos que servem ao fabrico dos pannos.

Disse-nos como estes se tecem, se pisoam, se imprensam e se tingem.

E tudo isto tem merecimento e utilidade.

Quantos não ignoravam a importancia da industriosa Covilhã?

Eduardo Coelho veiu dizer-nos que é possivel prescin-

dirmos das manufacturas e productos estrangeiros; e mesmo para o futuro concorrermos com vantagem a todos os mercados.

Até aqui a utilidade; agora vejamos o merecimento litterario, ainda que d'elle já bastante disse o sr. visconde de Castilho, o que faz que d'elle só fallemos ao de leve.

O *Passeio a Covilhã*, escripto em estylo ameno, facil e proprio, mostra a erudição do seu auctor.

Quando nos falla da Covilhã, logo se lembra de nos dizer a sua origem e de nos contar a historia da Cava, que, apezar de muito conhecida, vem a proposito por ser intimamente ligada com a da Covilhã.

Descreve-nos um sitio pittoresco, recorda-nos um penedo celebre, pinta-nos com vivas côres as planicies da Beira Alta, que observou do alto dos pincaros da Serra da Estrella; e logo vae buscar um bocado de historia ou a narrativa de uma lenda, com que adoça as severas feições dos alcantis da Beira.

O *Passeio a Covilhã* é, como o nome está indicando, a descripção de uma jornada: depois de uma séria consideração, segue-se um caso jocoso acontecido ao viajante.

Ainda que não concordamos com alguns modos de linguagem, e varias opiniões, enunciadas pelo auctor, não deixaremos de celebrar algumas passagens espirituosas, de que o escripto está salpicado.

Lisboa, outubro de 1872.

M. de Pinna Freire da F. F. Correa.

Ainda alludiram lisongeiramente ao *Passeio á Covilhã* o *Districto de Aveiro*, *Jornal da Manhã*, *Gazeta do Povo* e *Partido Constituinte*.

Acerca do *Passeio até Vizeu* publicára um desenvolvido artigo, todo cheio de incentivos, o periodico litterario a: *União Academica*, do Porto.

Ao *Jornal do Commercio*, de Lisboa, tambem não passou inteiramente desapercebido este trabalho, porque o honrou com dois outros reparos criticos, não muito justos, é verdade, mas inquestionavelmente movidos pelo desejo de ver o auctor attingir as perfeições a que elle sinceramente reconhece não poder alçar-se.

INDICE

DE LISBOA A VIZEU

I — Cavaco prévio. No comboio. Santa Comba Dão. A estalagem. O Carregal do Sal em contacto com a Europa e a America. O foguete. A bacia entre o Dão e o Mondego. Commercio e riqueza agricola. A lenda de D. Branca. O diabo e os politicos 5

II — Noite de S. João. A visita dos rebanhos. Castellejo. Descida ao Dão. Historia sinistra. O voto... popular. O mealheiro dos Paes, de Mangualde. Levo-o de graça, se me faz favor. Uma visita a Vizeu. Historia da cidade. Milagres do trabalho. Conclusões..... 16

III — Antigo brasão de Vizeu. Como os maridos se vingavam n'outro tempo. Thomaz Ribeiro. As escolas do conde de Ferreira. Ensino obrigatorio. Necessidade de as imagens dos santos serem bonitas. A patria de A. de Serpa, e J. S. Silva Carvalho. A batalha do Bussaco. A invasão estrangeira. Recordações da infancia 32

ATÉ COVILHÃ

I — O principio auctoritario a pompear. Ramalho Ortigão policia civil. O somno. O Tejo escandalisado com o caminho de ferro. Lenda do Castello de Almourol..... 47

II — A patria de Taborda. Na diligeucia. Terrenos incultos. Almoço fidalgo em Mesão-frio. Descripção da estrada. Sugam-se os rios como se sugam os povos. Areias auriferas. Castello Branco ás escuras. Caça (?) ao lobo 55

III — Bellezas de Alpedrinha. A paizagem alegra-se.

Monumentos florestaes de el-rei D. Diniz. Fundão. Noticia da villa. O celebre Moraes Sarmento. Trages. Chegada á Covilhã. A serra abraça e acalenta a cidade, protegendo-a contra as invernias. Parenthese. De como passa em tradição que nasceu na Covilhã a causa da queda do imperio godo na peninsula..... 66

IV — Physionomia original da cidade. Sua indole. Os bonecos das crianças n'aquella terra. Como se me ia pegando a febre endemica de fabricar pannos. Processo para ser fabricante. Milagre do trabalho. Quem estabeleceu a industria? Como formam a familia os camponezes da Beira 78

V — Apontamentos historicos. Um monumento do marquez de Pombal. Censura previa para os pannos. O que foi e o que é. O convento de Santo Antonio. Frades fabricantes. O Moraes 86

VI — Importancia da industria. Facil meio de descrever. Como o homem rouba o fato ás ovelhas, e o transforma em calças. As fabricas. Estradas e escolas! O livro de Dauby e os operarios que não sabem ler..... 93

VII — Operario santo. É bom estar na bemaventurança. Jacquard foi quasi santo. Os srs. Grainhas. Da mantilha e suas vantagens. Diversos estabelecimentos. A picota. Tourada ao divino. Partida 101

VIII — No monte dos Herminios. O nascer do sol. Como a serra é silenciosa. A agua. Adeus á Covilhã. As fórmas phantasticas das pedras. O cardeal de Alpedrinha e D. João II. Mitra dada ao voltarete 110

IX — O interior da montanha. Um circo? A Guarda. Noção geologica da formação das montanhas graniticas. Viriato. Seu valor, caracter, costumes e acções. A victoria e a traição 118

X — Os cantaros: — o Gordo; o magro. As alagoas: a Secca; a Redonda; a Escura; a Comprida. Villa de Manteigas. Almoço a tres por... 120 réis 128

Mondeguinho. Saudação ao patrio rio. Pano-